

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO FEMININO GORDO NA TELENOVELA
“AMOR À VIDA”**

Autora: Luiza Roure de Aguiar Rodrigues

Brasília, 2020

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO FEMININO GORDO NA TELENVELA
“AMOR À VIDA”**

Autora: Luiza Roure de Aguiar Rodrigues

Dissertação apresentada ao Departamento de
Sociologia da Universidade de Brasília como
parte dos requisitos para a obtenção do título
de mestre em sociologia.

Brasília, fevereiro de 2020

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO FEMININO GORDO NA TELENOVELA
“AMOR À VIDA”

Autora: Luiza Roure de Aguiar Rodrigues

Orientadora: Professora Doutora Lourdes Maria Bandeira

Banca: Professora Dra. Lourdes Maria Bandeira - SOL/UnB

Professora Dra. Sayonara de Amorim Gonçalves Leal - SOL/UnB

Professora Dra. Daniela Sanches Frozi - FIOCRUZ

Professora Dra. Christiane Girard Ferreira Nunes – SOL/UnB

AGREDECIMENTOS

Esses dois anos no mestrado foram muito intensos. Sair da graduação e seguir diretamente para a pós, foi um choque e tanto. As dinâmicas são distintas, as cobranças são maiores e tudo isso me fez pensar várias vezes se realmente estava preparada para enfrentar todos esses desafios. E felizmente, se aproximando da etapa final do mestrado, cheguei a conclusão que sim, eu estava pronta. Todavia, não teria conseguido chegar até aqui sozinha.

Inicialmente, gostaria de agradecer meus pais, Elaine Roure de Aguiar e Gomes Bonfim Rodrigues por estarem sempre ao meu lado. Vocês me darem todo o apoio emocional e financeiro para que eu estudasse longe de casa e conseguisse realizar meu sonho que era estar dentro da Universidade de Brasília. Eu agradeço também a minha tia Elna Roure de Aguiar e minha prima Isadora de Roure Santana por terem me abrigado em sua casa nesses seis anos e meio, possibilitando que a adaptação em Brasília fosse mais fácil.

Eu ainda quero agradecer a professora doutora Lourdes Maria Bandeira, por toda orientação, apoio, compreensão nesses dois anos de trabalho conjunto. Mais que uma relação de orientador e orientanda, surgiu uma relação de amizade muito verdadeira. Agradeço as professoras doutoras Sayonara Leal, Dulce Maria Filgueira e Daniela Frozi por terem contribuído com seus conhecimentos para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos do eixo Goiânia-Brasília e meu companheiro Gabriel Quirino por me proporcionarem momentos de lazer, divertimento, reflexão e apoio nos momentos mais difíceis nessa jornada.

E para finalizar, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, que foi fundamental para conclusão deste trabalho, disponibilizando minha bolsa de estudos, mesmo com os cortes e sucateamento da educação pública realizada pelo governo Bolsonaro.

RESUMO

A presente pesquisa teve o objetivo de compreender como a telenovela “Amor à Vida, transmitida entre 2013 a 2014 construiu socialmente uma das únicas personagens gordas da trama, a enfermeira Perséfone. Esta novela foi escolhida por conta de sofrer um abaixo assinado, feito sobretudo por mulheres gordas que se sentiram diretamente atacadas ao verem como Perséfone era representada na novela. Assim, este trabalho acredita que a telenovela é um meio audiovisual com força de retratar a realidade. Portanto, ao compreender como ela foi socialmente representada neste meio ficcional, pode-se entender como a mulher gorda é vista e tratada no seio da sociedade.

A partir da técnica da análise de conteúdo (AC), foram analisados todos os capítulos que Perséfone aparecia. Além de suas falas, outros elementos também foram escolhidos para o estudo: o cenário e os figurinos. Assim, foi possível delimitar núcleos de sentidos, ou seja, categorizar quais foram as representações sociais encontradas durante os 221 capítulos.

A primeira categoria encontrada foi: “os múltiplos sofrimentos da mulher gorda”. Ancorada sobretudo nos estudos de gênero, percebeu-se que a personagem é posta em performances de gênero tradicionais, principalmente na constante busca de um relacionamento amoroso. Porém, por mais que ela siga os ritos da feminilidade clássica, por ser uma mulher gorda e não estar nos padrões relacionados ao peso, não consegue encontrar um par romântico, causando lhe sofrimento.

O segundo núcleo de sentido foi denominado de “o corpo socialmente infeliz”. Quando Perséfone finalmente encontra um parceiro (que não é gordo), a enfermeira começa a ser discriminada pelos outros personagens de interação na trama. É como se aquele “corpo diferente”, devesse se restringir a lugares específicos na sociedade. E caso queiram adentrar no mesmo espaço que os “normais”, devem se adequar. No caso da personagem, ela deveria emagrecer.

Assim, não se nega que a gordura possa estar relacionada com problemas de saúde. Porém, baseados nos *fat studies*, na sociologia do corpo e nos estudos de gênero, indaga-se até que ponto a preocupação com a gordura é de fato um receio com a questão da saúde, ou se não é uma forma de controle dos corpos, em especial dos femininos.

Palavras Chaves: *Fat Studies*; Telenovela; Representações Sociais; Estigma.

ABSTRACT

The present Research has as an objective to understand how the soap opera “Amor à Vida”, shown between 2013 and 2014, socially built one of the only first characters of the plot, the nurse Perséfone. This soap opera was chosen because there was a protest made, specially by fat women, who felt directly offended by the way the character Perséfone was represented in it. So, this piece of work shows that a soap opera is a Strong audiovisual means that is used to describe the reality. Therefore, by understanding how she was socially represented in this fictional context, it helps to understand how a fat Woman is seen and treated in the society she lives in.

Using the technique of Analysis of Content (AC), all the episodes in which Perséfone appeared were analysed. Besides her dialogues, other elements were also analysed: the set and the costumes. In this way, it was possible to identify all the social representations found in the 221 episodes of the soap opera.

The first category found was “the multiple sufferings of fat woman”. Based, above all, in genre studies, it has been noticed that the character was often given traditional genres roles, mainly in a constant search for a loving relationship. However, even though trying hard to follow the patterns of femininity, to reach her goal feeling of being rejected was the cause of great suffering.

The second category was named “the Body socially unhappy”. When Perséfone finally, found a partner (who was not fat), she was discriminated by the other characters she interacted with in the story. It was as if that “different body” should be restricted to specific places in the society. If it wanted to go to the same as “the normal people”, it had to adequate, in Perséfone case, she had to lose weight.

It is obvious that Fatness can be related to health problems, but based on fat studies, feminist studies and the Sociology of the Body, it is asked to which extent the worry about fatness is, in fact, related to health or it would be a way to control the bodies, specially Women bodies.

Keywords: Fat Studies, Soap Operas, Social Representations; Stigma.

LISTA DE SIGLAS

OMS — Organização Mundial da Saúde

TRS — Teoria das Representações Sociais

IMC — Índice de Massa Corporal

AC — Análise de Conteúdo

NAAFA — Associação Nacional para o Auxílio dos Gordos Americanos

FUs — *Fat Underground*

BBW — *Big Beautiful Women*

LISTA DE FIGURAS

- Figura nº 1 — Pintura Vênus, Marte e o cupido.
- Figura nº 2 — Pintura Vênus Adormecida.
- Figura nº 3 — Personagem Perséfone
- Figura nº 4 — Personagem Daniel
- Figura nº 5 — Personagem Patrícia
- Figura nº 6 — Personagem Joana
- Figura nº 7 — Personagem Glauce
- Figura nº 8 — Personagem Vanderlei
- Figura nº 9 — Personagem Michel
- Figura nº 10 — Charge do Burguês e do Proletariado
- Figura nº 11 — Pintura de nome desconhecido.
- Figura nº 12 — Foto de espartilho feminino
- Figura nº 13 — Propaganda de espartilho
- Figura nº 14 — Propaganda de produto para emagrecimento
- Figura nº 15 — Propaganda de desodorante
- Figura nº 16 e nº 17 — Propagandas de Emagrecimento brasileiras

LISTA DE TABELAS/GRÁFICOS

Tabela nº 1 — Classificação do IMC, no Brasil em 2017 para adultos (20 a 59 anos)

Tabela nº 2 — Instrumento de pesquisa utilizado para analisar os capítulos da novela

Gráfico nº 1 — Categorias pré-casamento de Perséfone

Gráfico nº 2 — Categorias pós-casamento Perséfone

SUMÁRIO

RESUMO	1
ABSTRACT.....	2
LISTA DE SIGLAS.....	3
LISTA DE FIGURAS	4
LISTA DE TABELAS/GRÁFICOS	5
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I - AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AS TELENÓVELAS	16
1. Discutindo o conceito de Representações sociais.....	16
2. A Telenovela: Uma Representação da realidade brasileira	19
CAPÍTULO II - PERCURSOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS.	25
1. A construção da categoria “gorda”	25
2. A Telenovela.....	27
3. A Análise de conteúdo como processo de investigação dos dados.	31
CAPÍTULO III - CORPO, GORDURA E SOCIEDADE.....	38
1. Da Gordura à Magreza	38
1.1. Uma Visão Geral	38
1.2. Uma visão à Brasileira.....	43
2. A teoria sociológica e suas contribuições para o estudo sociocultural do corpo.....	48
3. Os <i>Fat Studies</i> : novos corpos entram para análise nas ciências sociais	57
CAPÍTULO IV - O MULTÍPLO SOFRIMENTO DA MULHER GORDA	66
CAPÍTULO V - O CORPO SOCIALMENTE INFELIZ.....	84
CONCLUSÃO.....	98
ANEXOS.....	104
BIBLIOGRAFIA	221

INTRODUÇÃO

Ao se tratar dos estudos sobre corpos gordos é interessante notar que se ainda hoje, eles são vistos como aberrações, virando verdadeiros estigmas sociais para quem os possuem, no passado não era assim. Georges Vigarello (2012) narra que as anatomias maciças podiam ser apreciadas como sinal de poderio e ascendência. Assim, o gordo, na instituição antiga, impõe-se de imediato. O corpo gordo impressiona e seduz. Além de sugerir uma encarnação da abundância, indicando riqueza e simbolizando saúde. Sinais decisivos em um universo em que reinava a precariedade e a fome. Os próprios cuidados com a saúde e as respostas às doenças eram vistos nestes corpos. Os contornos amplos e generosos protegem, convencem, dominado pela força numa confusão de carnes e gorduras.

Vigarello ainda afirma que nas histórias da época do antigo regime, era comum que certos qualificativos se revelassem ao evocar “belas mulheres gordas” nas mais antigas narrativas. A mulher louvada é “crassa”, branca e terna ou gorda e bela, como é “bem gorda” a “virgem gentil e bela”. Essa visão é reforçada pelas obras da época. Nas pinturas, por exemplo, de Peter Paul Rubens (1577-1640) com “*Venus, Mars and Cupid*” e Giorgione (1477 - 1510) com o quadro “*Sleeping Venus*” respectivamente as figuras 1 e 2, mostram esse olhar contemplativo sobre o copo feminino gordo:

Figura nº 1

Venus, Mars and Cupid



Fonte: <<https://smarthistory.org/rubens-venus-mars-and-cupid-2/>>. Acessado em 18 de setembro de 2019.

Figura nº 2

Sleeping Venus



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Giorgione_-_Sleeping_Venus_Google_Art_Project_2.jpg>.

Acessado em 18 de setembro de 2019.

Porém, esse padrão corporal, na atualidade, é constantemente recusado, rechaçado e mal visto. Aliás, como já dito, traz estigmas sociais para quem carrega o “rótulo” de ser gordo(a). A pessoa é vista como feia, preguiçosa, apática, doente e sem autocontrole.

Esta difusão se opera mais intensificamente a partir da criação da *Association for the Study of Obesity* (Associação para o estudo da obesidade) em 1966, uma sociedade de especialistas que agrupava pesquisadores e subgrupos de pesquisa em 15 países ocidentais (POULAIN, 2013). A institucionalização da associação se acelerou, graças à publicação da Organização Mundial da Saúde (OMS), de vários relatórios amplamente mediatizados sobre os males da “obesidade”.

A inversão dos valores ligados ao corpo gordo foi resultado da união de mudanças nos ideais que se tinham sobre comportamento, saúde e religião: as regras de etiqueta trouxeram o controle e a restrição como virtudes: o cristianismo pregava o jejum e o sacrifício, enquanto que a gula se tornava pecado (STENZEL, 2003). Houve avanços científicos na área da nutrição e da medicina e produtos *diets* começaram a ser comercializados em prol da saúde, visto que a ciência biomédica já começava a enxergar a “obesidade” como doença que trazia malefícios, principalmente ao sistema cardiovascular (STENZEL, 2003). O magro passa a ser sinônimo de bom e belo.

Esses produtos *diets* eram comercializados com a finalidade de se ter uma vida mais saudável, mas logo começaram a ser utilizados para a perda de peso, e a indústria encontrou um campo promissor de vendas, já que a representação do corpo *light* e controlado era bem visto para as mulheres e homens.

Este discurso teve um grande auxílio da mídia, em especial a televisiva, assim como nas publicações sobre a indústria da moda. Seja através dos jornais e das revistas que

divulgavam informações afirmando que ser gordo é estar doente, quanto através dos programas de entretenimento que reforçavam os estereótipos e estigmas de homens e mulheres gordas.

A televisão é um veículo de enorme abrangência nacional, tanto quanto outros meios de comunicação em massa e tende a embutir em suas mensagens valores morais, comportamentais e gostos que precisam ser padronizados de forma a atingir o maior número de pessoas. Melhor dizendo, participa de forma singular e intensa na produção de subjetividades, pois a comunicação cada vez mais constrói e reconstrói a agenda e do discurso da sociedade, seja no cotidiano ou nas decisões sobre o futuro da nação (MARCUIZZO, et al, 2012).

No Brasil, em especial, as telenovelas de sinal aberto têm um papel fundamental nessa propagação. Mesmo perdendo espaço para a televisão fechada e mais tarde para os serviços de *streaming*, ainda continuam tendo força de representar socialmente comportamentos culturais, incluindo a busca da magreza em detrimento da gordura. E um desses exemplos é a novela “Amor à Vida” (2013-2014) que foi o objeto de estudo deste trabalho.

Escrita por Walcyr Carrasco¹ para a Rede Globo de Televisão, a personagem de análise é Perséfone, à qual é retratada como uma enfermeira de meia idade gorda que tem o sonho perder sua virgindade com o seu “príncipe encantado”. Porém, é constantemente ridiculizada pelos colegas e não correspondida por seus interesses amorosos.

O nome da personagem, aliás, tem uma história interessante. Segundo a mitologia grega, Perséfone era deusa da terra e da agricultura e mais tarde seria conhecida como a rainha do mundo infernal (LIMA, 2013).

O que mais me interessou por esta novela, em específico, foi o fato desta sofrer um abaixo assinado. Tal acontecimento se deu por conta das telespectadoras, sobretudo pelas mulheres que se viam como gordas, sentirem-se atacadas ao perceberem como Perséfone era socialmente representada, as vezes até caricaturada na novela. Assim, segundo a reportagem da Revista Vírgula², vinculada no dia 17 de junho de 2013, Kalli

¹ É um escritor, jornalista, dramaturgo e autor de telenovelas brasileiras.

² Fonte: <http://www.virgula.com.br/modaebelleza/peticao-online-pede-que-autor-de-amor-vida-pare-de-ridicularizar-gordinhas/>. Acessado em 17 de junho de 2019.

Fonseca criou um abaixo assinado³ para que o autor mudasse a história e a personalidade da personagem gorda. Segundo ela: “a mídia influencia diretamente no senso comum e, portanto, “este papel ajuda a propagar ainda mais a gordofobia que já é tão forte em nossa sociedade”. Isso porque, continua Kalli Fonseca, “o autor relaciona a virgindade da personagem com o corpo gordo da atriz”. Antes mesmo de a petição ser realizada, a maneira estereotipada da personagem já havia rendido uma explicação do autor em sua coluna na revista *Época*⁴, publicada no dia sete de janeiro de 2013. Walcyr Carrasco mencionou que os gordos sofrem preconceito, mas que Perséfone terá um final feliz na novela e que as gordinhas ainda o agradecerão pela personagem. A partir dessas indagações, as perguntas de pesquisa surgiram para este trabalho.

Se ela, a personagem, estava sendo representada de maneira estigmatizada, quais eram essas representações? O autor ouviu essas reclamações e afirmou que as “gordinhas” ainda teriam orgulho da personagem. Dessa maneira, quais foram as alterações feitas por ele para amenizar essas críticas? A partir dessas perguntas, o objetivo geral deste trabalho foi compreender como uma das únicas mulheres gordas foi socialmente representada durante os 221 capítulos da trama.

Ao analisar as representações sociais sobre este corpo, esta compreendida como o estudo das trocas simbólicas desenvolvidas nos ambientes sociais, nas relações interpessoais, influenciando na construção do conhecimento que é partilhado (JODELET, 1984) uma variável apareceu: a questão de gênero.

Além da novela compartilhar construções sociais sobre os corpos gordos, também acabou construindo a subjetividade não apenas da gordura, mas da mulher gorda. É fato que homens e mulheres são afetados negativamente pela gordura. Porém, em uma sociedade como a brasileira que é extremamente sexista, seria plausível que a questão do corpo gordo recairia com mais peso sobre as mulheres.

Acredita-se que o corpo permite sentir, pensar e agir. O sentir, o pensar e o agir caracterizam a existência e a vida humana (MATOS, et al, 2012). Esta tríade, no entanto, não se dá de modo fragmentado e linear, mas sim através de uma rede complexa de interações que se dão na dimensão corporal humana. Pelo corpo, como dirá Le Breton

³ Fonte: <https://www.change.org/p/mudan%C3%A7a-na-personalidade-da-pers%C3%A9fone-na-novela-amor-%C3%A0-vida-que-o-autor-pare-de-relacionar-virgindade-com-obesidade-de-forma-rid%C3%ADcula>. Acessado em 17 de junho de 2019.

⁴ Fonte: <https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/walcyr-carrasco/noticia/2013/07/bser-gordab-e-dai.html>. Acessada em 17 de junho de 2019.

(2006), é onde as pessoas se percebem, analisam e é por meio dele que se coexiste no mundo.

O ser e estar no mundo enquanto corpo é permeado por uma infinita teia de signos e linguagens. Ao mesmo tempo em que nos apropriamos dessa teia, nós também a construímos. Esse jogo tenso de apropriação e construção é mediado pela ação da cultura (MATOS, et al, 2012).

Dessa maneira, a cultura hegemônica do Brasil exhibe a mulher permanentemente como forma de reforçar seus arquétipos de beleza corporal (MARCUIZZO, et al, 2012). A imagem de mulher se justapõe à de beleza e, como segundo corolário, à de saúde e juventude. As imagens refletem corpos sexuados, respondendo sempre ao desejo do outro, ou corpos medicalizados, lutando contra o cansaço e contra o envelhecimento e as limitações em relação à dimensão corporal das mulheres gordas. Para a mulher, a beleza é representada como um dever cultural (SANT'ANNA, 1995). Todavia, sabe-se que a questão sobre discurso hegemônico não se restringe apenas a magreza. A cor da pele, cabelo, tamanho, formato do corpo, além de outros elementos, que associados a condição de classe/origem social, ingressam ou não no padrão cultural dominante.

Parte-se da ideia que qualquer produção, seja escrita ou audiovisual, não é neutra. Toda a sua produção é feita através de concepções que norteiam seus autores. E com as telenovelas, não seria diferente. Defendeu-se que ao autor, por estar inscrito dentro do discurso médico e sexista dominante, acabou reproduzindo essas falas a partir da personagem, contribuindo para a sua estigmatização.

O nascimento da medicina moderna como narra Michel Foucault (1977) deve sua real importância ao fato de ser uma reorganização em profundidade não só dos conhecimentos médicos, mas da própria possibilidade de um discurso sobre a doença. O Saber Clínico provocou no final do século XVIII uma mutação do saber médico, marcou o surgimento de uma nova gramática médica. Assim, “o médico ganha o status de autoridade fundada no saber” (FOUCAULT, 1977, p. 30).

Começa-se a conceber uma presença generalizada de médicos, cujos olhares cruzados formam uma rede e exercem em todos os lugares do espaço, em todos os momentos do tempo, uma vigilância constante, móvel, diferenciada (FOUCAULT, 1977). Isso possibilita também o início do controle estatístico da saúde. O discurso médico-disciplinar se amplia tanto no avanço da modernidade que a medicina não deve mais ser apenas o *corpus* de técnica da cura e do saber que elas requerem. Envolverá, também, um conhecimento do homem saudável, isto é, ao mesmo tempo uma experiência

do homem não doente e uma definição do homem modelo, regendo as relações físicas e morais do indivíduo e da sociedade em que vive (FOUCUALT, 1977). Esse poder médico-disciplinar de legitimar padrões de normalidade e a racionalização do seu discurso, serão essenciais para a construção do corpo gordo como problema de saúde.

Iris Marion Young (2005) mostra ainda que o gênero é uma forma particular de posicionamento social dos corpos em relação uns aos outros dentro de instituições e processos históricos específicos. Esses que tem efeitos materiais na ação e reprodução de relações de poder e privilégio entre si. Sob esta ótica significa dizer que os indivíduos são “generalizados”, ou seja, através do gênero, os agentes são alocados em determinadas dinâmicas sociais. E ao analisar mais de perto as dinâmicas, percebe-se que o masculino colonizou todas as estruturas sociais que vão desde do Estado, passando pela família, pela esfera do trabalho, da medicina e pela mídia, ditando padrões de comportamento, postura, papéis sociais e das próprias imagens corporais que lhe fossem de agrado particular.

Assim, a mídia além de ser influenciada por um discurso sexista ao colorem na mídia corpos femininos que agradem especialmente o público masculino, ridicularizando ou inviabilizando outros modelos corporais, também é persuadida pelo discurso médico que já permeou no imaginário social impondo que ser gorda é ser doente.

Portanto, influenciado por esses discursos que muitas vezes são enraizados e absorvidos pelos processos de socialização, o autor os reproduziu, provavelmente sem se dar conta da violência simbólica que causava à essas mulheres, possibilitando a elas locais de sociabilidade restritos e caracterizações que reafirmavam a visão sexista e patológica da mulher gorda. Amaral (2011) afirma a importância das práticas discursivas (médica, sexista e midiática) na mediação e divulgação de anseios de beleza e saúde difundidos na sociedade.

A partir dessa visão que vê as construções sociais sobre os corpos gordos para além da visão biomédica e que leva em conta influências socioculturais neles inscritos é que nos anos 1970 nasce a linha de pesquisa denominada “*fat studies*” (COOPER, 2009) que traduzi como “Estudos Críticos sobre a Gordura”. Dentro dessa perspectiva, pesquisadores(ras) sociais levam em consideração o contexto que envolve os estudos médicos, entendendo que o discurso anti-gordura não é construído deliberadamente para “enganar” a população, mas faz parte de um conjunto de interesses e ideias sobre saúde condicionadas por seu momento sócio-histórico (LUPTON, 2016).

Essa linha de pesquisa foi influenciada pelos diversos movimentos sociais que nascem nos Estados Unidos chamados de “*The Fat Acceptance*” (movimentos de

aceitação da gordura) que lutam para diminuir o preconceito na sociedade (FLETCHER, 2009). Assim, os movimentos de aceitação da gordura e os *fat studies*, no geral, argumentam que pessoas gordas são alvos de ódio e discriminação. Em particular, mulheres gordas são submetidas a maior pressão social do que homens. Os membros do movimento perceberam representações sociais não positivas como sendo baseadas na presunção de que a gordura reflete negativamente no caráter de uma pessoa. Argumentam ainda que essas representações sociais constituem uma norma social enraizada e fóbica, evidente em muitas instituições sociais, inclusive na mídia de massa; onde as pessoas gordas são socialmente representadas em situações de constante ridicularização, caricaturadas ou mantidas como objetos de compaixão (PUHL e HOUER, 2009). Além disso, o movimento tem lutado para transformar a palavra “gorda(o)” em uma perspectiva positiva.

Assim, para este trabalho foi escolhido utilizar as palavras “gordura” ou “gorda(o)”. A razão para isto é que os termos “obesa(o)” ou “obesidade” são considerados termos médicos e, portanto, referem-se à construção de gordura como uma doença (HARJUNEN, 2009). Já as nomenclaturas “sobre peso” ou “excesso de peso” (*overweight*) também são problemáticos pois, ambos são conceitos altamente normativos que indicam certo peso como ideal ou normal e ser “*over*” acaba classificando o indivíduo de alguma forma como defeituoso e anormal (geralmente no sentido médico) (HARJUNEN, 2009).

Portanto, entre os/as pesquisadores/as que abordam a temática a partir de uma perspectiva sociocultural, preferem usar o termo *fat* (gordura). Este é considerado mais neutro, descritivo, e sem julgamento do que “obeso” ou “excesso de peso”. E como este trabalho se insere nos estudos críticos sobre a gordura, também optei por seguir esta linha.

Esta temática me instigou a partir da oportunidade de trabalhar por dois anos na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em Brasília. No período, participei do projeto de pesquisa “Biografias Alimentares”⁵ realizado pelo Programa de Alimentação, Nutrição e Cultura (PALIN)⁶. Ao fazer parte deste estudo, tive a possibilidade de entrevistar

⁵ Pesquisa que ainda está em andamento e tem o intuito de compreender o fenômeno da obesidade como expressão histórico-econômica e social circunscrita na biografia de indivíduos que vivem esta experiência. O percurso analítico está baseado nas teorias compreensivas como componente fundamental na compreensão das escolhas alimentares e sua relação com o corpo obeso. Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para o aperfeiçoamento das estratégias de informação, comunicação e educação de ações, programas e políticas públicas no Brasil.

⁶ Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e cooperação nacional e internacional. Ao longo dos últimos dez anos, liderou a formação no Brasil de gestores em políticas públicas de alimentação e nutrição;

mulheres gordas. Através dos seus relatos, pude perceber como estas se sentem excluídas em todas as áreas da sociedade. Elas cometam com tristeza os olhares de repulsa e de desaprovação e queixam-se constantemente de sua aparência.

Então, percebi que a questão da gordura não era apenas um mero problema médico ou que apenas a área biomédica podia tratar. Esta questão também envolvia fenômenos sociais que influenciam em como este corpo é representado e visto por determinada sociedade.

É importante frisar que esta pesquisa não contesta o aumento corporal e sua associação a certos problemas de saúde, como hipertensão, colesterol, diabetes etc. Porém, indaga até que ponto a fobia pelo corpo gordo é de fato uma preocupação com a saúde ou se não é mais uma forma de controle dos corpos, em especial os femininos.

Os pesquisadores Michael Gard e Jan Wright (2005), afirmam, por exemplo, que as expectativas relativas aos corpos femininos mudaram no curso da história, pois são o reflexo dos valores e das atitudes políticas relativas às mulheres. A atenção extraordinária dispensada ao peso cultural reflete um conjunto de exigências a respeito do corpo e do aspecto dos corpos femininos. De certa maneira, o corpo gordo pode ser um símbolo de resistência a essas exigências culturais.

Portanto, desvendar os mecanismos que alimentam os fetiches corporais, compreender a biopolítica de construção e controle de subjetividades vinculadas à massificação de padrões de beleza; ressignificar o corpo enquanto sujeito e tirá-lo da condição de objeto e pautar uma ética para o cuidado ascético do corpo mais centrada na sua condição humana e menos na lógica mercadológica neoliberal (MATOS, et al, 2012) e entender como o corpo é socialmente representado na mídia são alguns dos tantos desafios das ciências humanas.

O trabalho está dividido em cinco capítulos. Além da introdução, o primeiro capítulo teve a intenção de trabalhar melhor o conceito de representações sociais, partindo de Durkheim, passando por Moscovici e Jodelet. Nessa direção, foi realizada uma breve introdução sobre como a telenovela se desenvolveu no país e seus reflexos para a sociedade brasileira.

formação de professores e pesquisadores no campo da alimentação e cultura; oferta de disciplinas sobre comensalidade, cultura e saúde para cursos de *stricto sensu*. Desenvolve pesquisas por meio de múltiplos métodos, pela junção de abordagens quantitativas e teorias compreensivas, sobre os significados e percepções sobre a promoção da alimentação saudável, biografias alimentares de excesso de peso em mulheres pobres; migração, hábitos alimentares e comensalidade em feiras populares do Distrito Federal; dinâmicas das escolhas alimentares de grupos populacionais; patrimônios alimentares de populações tradicionais quilombolas.

No segundo capítulo, foi descrito os procedimentos metodológicos do trabalho. Além de aprofundar sobre os dados da novela, incluindo enredo, direção, personagens e autor. Há também o interesse de discutir sobre como o trabalho foi feito e as contribuições da análise de conteúdo para o alcance dos objetivos propostos.

O terceiro capítulo tem enfoque uma vasta revisão de literatura social e histórica do corpo e da gordura. Passa-se pela história do corpo gordo na cultura anglo-saxônica e brasileira. Depois, comenta-se como a sociologia contribuiu para trazer novas visões sobre os fenômenos corporais. E, por último, se utiliza as contribuições dos *Fat Studies* para uma análise sociocultural da gordura.

O quarto capítulo foi denominado de “Múltiplos Sofrimentos da Mulher Gorda”. Nele, ancorados nos estudos de gêneros e em leituras feministas, objetivou-se compreender como Perséfone foi socialmente construída e quais discursos por traz da construção de sua personalidade.

O quinto capítulo, intitulado “o corpo socialmente infeliz”, teve o intuito de analisar como este corpo feminino gordo é socialmente visto quando entra no processo de interação com outros personagens na trama. E para finalizar, existe a conclusão, os anexos e as referências bibliográficas.

CAPÍTULO I

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AS TELENÓVELAS

1. Discutindo o conceito de Representações sociais

Decidiu-se estudar os corpos femininos gordos não pelo o que eles são e sim pelo que é dito sobre eles. E para isso, optou-se por utilizar o conceito de representações sociais. Contudo, antes de destrinchá-lo, é preciso compreender um outro conceito: o de “representações coletivas”, elaborado por Emile Durkheim (2002). Já que se considera este como a base na qual a teoria das representações sociais (TRS) foi formulada.

Na sociologia durkheimiana, a sociedade é uma realidade *sui generis* e as representações coletivas, que a exprimem, são fatos sociais, coisas, reais por elas mesmas. Segundo o próprio autor:

As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas ideias e sentimentos; longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e saber (DURKHEIM, 2002, p.216).

Dessa gênese resultariam as características básicas das representações coletivas, em relação ao comportamento e ao pensamento individuais: autonomia, exterioridade e coercitividade. Assim, os indivíduos que compõem a sociedade seriam portadores e usuários das representações coletivas, mas estas não podiam ser legitimamente reduzidas a algo como o conjunto das representações individuais, das quais difeririam essencialmente (DURKHEIM, 2002).

Portanto, sendo fruto da interação e dos laços sociais que os homens estabelecem entre si, elas os ultrapassam, adquirindo realidade e autonomia próprias. Aqui, as representações alcançam o terreno das práticas sociais, às quais se ligam, muito embora essa relação não tenha sido suficientemente desenvolvida por Durkheim (OLIVEIRA, 2012).

Em outras palavras, o indivíduo, em muitas de suas práticas, é influenciado pela sociedade em que está inserido. Logo, o agente e suas ações são fortemente inspiradas pela consciência individual e coletiva. Mas, os limites entre ambas não são muito claros, pois mesmo decisões consideradas extremamente individuais, como a de tirar a própria vida, são persuadidas pelas condições sociais.

A partir deste conceito de Durkheim é que Serge Moscovici (2015), considerado um dos principais teóricos da teoria das representações sociais, vai embasar sua discussão.

O autor se baseia na sociologia justamente por considerar importante tanto os comportamentos individuais quanto os fatos sociais (instituições e práticas, por exemplo) em sua concretude e singularidade histórica (SÁ, 2004). Além disso, não importa apenas a influência unidirecional, dos contextos sociais sobre os comportamentos, estados e processos individuais, mas também a participação destes na construção das próprias realidades sociais. Assim, Moscovici criou uma psicologia social mais socialmente orientada, que se contrapunha à psicologia social individualista que era trabalhada nos Estados Unidos.

Na obra “Representações Sociais” (2015), Moscovici afirma:

Representar uma coisa não é com efeito simplesmente duplicá-la, repeti-la ou reproduzi-la; é reconstituí-la, retoca-la, mundificar-lhe o texto. A comunicação que se estabelece entre o conceito e a percepção, um penetrando no outro, transformando a substância concreta comum, cria a impressão de realismo. Essas constelações intelectuais uma vez fixadas nos fazem esquecer que são obra nossa, que sua existência no exterior leva a marca de uma passagem pelo psiquismo individual e social (MOSCOVICI, 2015, p. 56-57).

Assim, podemos definir representações sociais como:

Conjunto de conceitos, preposições e explicações, criada na vida cotidiana no discurso da comunicação interindividual. São equivalentes aos mitos e sistemas de crenças encontrados nas sociedades tradicionais. E podem também ser vistas como a visão contemporânea do senso comum. Sua principal missão é tornar algo não familiar em familiar (SÁ, 2004, p. 4).

Dessa maneira, já que as representações sociais têm como principal função trazer familiaridade a determinado objeto que existe na sociedade e conseqüentemente auxiliar sobre como os sujeitos vão agir ao entrar em uma relação de interação com este objeto, tal processo acontece através de dois elementos: a objetivação e a ancoragem.

O primeiro é a forma como se organizam os elementos constituintes da representação e é o percurso através do qual tais elementos adquirem materialidade, ou seja, transforma o abstrato em concreto (SÁ, 2004).

Já a ancoragem é o processo de assimilação ao novo do que já existe. É uma seqüência da objetivação. Qualquer tratamento da informação requer referência (SÁ, 2004). A partir dos esquemas já estabelecidos o objeto da representação é pensado. Logo, a ancoragem dá uma noção de como os elementos representados contribuem para exprimir e as construir as representações sociais das ações e das relações sociais.

O amor, por exemplo, é um fato abstrato. Todavia, os seres humanos através de suas capacidades psico-cognitivas conseguem delimitá-lo até relacionar com alguma

imagem ou fato que existe na sua realidade, iniciando uma mediação simbólica entre a ideia e o objeto/fato. Porém, essa mediação não é neutra e dependendo das influências sociais e referências que predominam em certa sociedade, tal processo de interação é condicionado. Ainda nesse exemplo, quando falamos amor, logo na nossa cabeça vem o símbolo ou uma representação social de um casal monogâmico e heterossexual, modelo hegemônico e normativo que é estabelecido em nossa sociedade. Assim, a partir dessas representações sociais que temos de diversos fenômenos é que agimos em sociedade. Utilizando Bourdieu (2008), poderíamos dizer que as representações sociais dariam um senso prático à nossas ações de interação.

Portanto, as relações sociais que estabelecemos no cotidiano são fruto de representações que são facilmente apreendidas. Dessa forma, a Representação Social, para Moscovici, possui uma dupla dimensão, Sujeito e Sociedade, e situa-se no limiar de uma série de conceitos sociológicos e psicológicos (CRUSOÉ, 2004).

Por sua vez, Denise Jodelet (1984), uma continuadora dos estudos de Moscovici, discute e analisa a construção de representações sociais. A autora demonstra que essas representações estão entre nós e que os efeitos simbólicos do cotidiano, em que se manifestam os saberes e as práticas dos sujeitos, demandam uma compreensão de que o registro simbólico expresso não é apenas um saber sobre a realidade, mas também sobre as identidades, as tradições e as culturas que dão forma a um modo de viver.

A Teoria das Representações Sociais está intimamente relacionada com o estudo dos registros simbólicos sociais; tanto em nível macro como em microanálise. Em outras palavras, dizem respeito ao estudo das trocas simbólicas desenvolvidas nos ambientes sociais, nas relações interpessoais, influenciando na construção do conhecimento que é compartilhado (JODELET, 1984). Um dos objetivos primordiais das representações sociais é tornar familiar algo até então desconhecido, possibilitando a classificação, categorização e nomeação de ideias e acontecimentos inéditos, com os quais não havíamos ainda nos deparado (JODELET, 1984). Tal processo permite a compreensão, manipulação e interiorização do novo, juntando-o a valores, ideias e teorias já assimiladas, preexistentes e aceitas pela sociedade. Dessa forma, a Teoria das Representações Sociais é uma opção para descrição e explicação dos fenômenos sociais, pois reproduzem pensamentos e comportamentos comuns a um grupo de indivíduos.

No entanto, é preciso observar que as representações sociais nem sempre conformam a realidade e, portanto, seria imaturo tomá-las como verdades científicas, pois reduziríamos a realidade aos conceitos e verdades que os atores sociais fazem dela

(MORAIS e SOUZA, 2012). Nesse sentido, as representações sociais são, ao mesmo tempo, ilusórias, contraditórias e verdadeiras, e entendidas como ponto de partida para se analisar as ações sociais, pois retratam uma possível realidade das pessoas que as representam.

Partindo dessa premissa, este trabalho acreditou que a telenovela é um fenômeno que faz essa mediação simbólica entre as concepções gerais da sociedade brasileira do que ela realmente é. Rosado (2017) menciona:

A telenovela tanto alcança um público bastante heterogêneo, composto por indivíduos de gênero, idade, classe social e escolaridade diversificados, quanto atua, como mediadora de um conjunto de modos de ver e de compreender a realidade brasileira, funcionando como um horizonte de referência, seja para a política, para os comportamentos dos cidadãos, como também para questões mais “fúteis” tais como a moda de ser, falar, vestir, de consumir, dentre outros. Logo, as representações sociais dos corpos nas telenovelas assumem contornos específicos, na medida em que é suporte de um conjunto de valores sociais que são transmitidos, geralmente aceitos e compartilhados pelos membros de uma coletividade (ROSADO, 2017, p. 35).

Assim, ao analisar como a novela representa, ou seja, o que ela retrata sobre o corpo gordo feminino, conseguiu-se compreender como este é visto na realidade concreta. Portanto, como afirma Maria Stela Grossi Porto (2006) o conhecimento via representações sociais é um tipo de conhecimento que poderia ser dito de segundo grau, não por ser menos relevante do que aquele obtido de “primeira mão”, mas na medida em que se chega a ele interrogando a realidade através do que se pensa sobre ela. Pensar as temáticas a partir deste conceito demanda necessariamente abrir mão de julgamentos normativos ou valorativos, pois o que está em questão não é o legal ou normativamente correto, mas o efetivamente vigente (PORTO, 2006).

À medida que a academia começou a reabilitar a ordem simbólica, liberando-se dos grilhões da infraestrutura econômica da sociedade, a noção de representação social passou a ser cada vez mais central nas várias disciplinas que se debruçam sobre o estudo do mundo social.

2. A Telenovela: Uma Representação da realidade brasileira

É conhecida a relação da novela com o romance-folhetim. Vários estudos reconhecem este tipo de narrativa como uma espécie de arquétipo da telenovela. Neste sentido, a denominação “folhetim eletrônico” é sugestiva; indica a persistência de uma estrutura literária herdada desde o século XIX (ORTIZ, 1991). No entanto, se é verdade que existe uma continuidade entre o gênero folhetinesco e a telenovela, não resta dúvida de que também ocorreram rupturas e descontinuidades. A reconstrução do passado da

novela coloca-se na presença de um movimento não linear que, para se alocar ao solo brasileiro, teve que passar por outros continentes, como a *soap-opera*⁷ americana (ORTIZ, 1991).

O início do folhetim se dá dentro de um contexto de transformação radical da sociedade francesa. De fato, é a partir de meados do século XIX que emerge uma esfera de bens ampliados, na qual uma “cultura de mercado” encontra ambiente propício para florescer (ORTIZ, 1991). A oposição entre cultura da aristocracia/nobreza/elite e a cultura popular, que existia, é quebrada por outro polo de produção e de consumo que se constitui: “a cultural popular de massa”, bem mais recente, já em meados do século XX. Estas narrativas, veem desde o seu início demarcadas pelo signo do entretenimento. O próprio vocábulo “*feuilleton*” denota esta dimensão: no início, a palavra designa um lugar específico da página do jornal, o rodapé, espaço visualmente demarcado dos outros temas, e no qual são tratados os *fatis divers*, os crimes, as crônicas mundanas e por fim o romance de folhetim, publicado em pedaços (ORTIZ, 1991).

O folhetim se desenvolve no Brasil quase que simultaneamente ao seu surgimento na França. Em outubro de 1838, o Jornal do Comércio (RJ) publica “Capitão Paulo” de Alexandre Dumas, série iniciada em Paris em setembro do mesmo ano (ORTIZ, 1991). Por mais que a maioria dos folhetins publicados em periódicos nacionais fossem obras estrangeiras traduzidas, o país contou com folhetins originais, como a publicação de O Guarani de José de Alencar. Todavia, os escritores brasileiros, diferente dos europeus, escreviam suas histórias para serem publicados de forma seriada e não em pedaços. Isso se dava pela triagem de livros serem escassos e os romancistas encontrarem no jornal praticamente a única fonte para publicar seus textos. Esta questão vai ser fundamental para o gênero da telenovela brasileira, já que surge no Brasil em um formato seriado (em capítulos diários).

Além da forma seriada de publicação de folhetins, outra arte que nascia nos Estados Unidos as “*soap-operas*”, também teriam uma influência forte na formação das telenovelas brasileiras. Iniciadas nas rádios americanas, normalmente tinham uma duração de quinze minutos, apresentadas diariamente no horário diurno (ORTIZ, 1991).

⁷ As primeiras novelas na década de 1960 eram patrocinadas por fabricantes de produtos de limpeza, principalmente sabonete e sabão, devido a grande audiência feminina atraída por este tipo de entretenimento, que passaram então a serem chamadas de soap opera (em inglês), ou seja, ópera de sabão. Além disso, essa expressão também surge como uma crítica, já que eram tidas como algo vazio, sem conteúdo e sem valor artístico, quando comparadas às óperas originais, vistas como o grande evento cultural da época.

O surgimento deste gênero, sugere uma comparação com o folhetim, do contraste entre essas duas formas é possível formar um quadro mais claro sobre o desenvolvimento da novela no Brasil. Uma diferença crucial, contrariamente ao gênero folhetinesco, que se organiza em “próximos capítulos” que anunciam o desfecho final da história, a *soap-opera* se constitui de um núcleo que se desenrola indefinidamente sem ter realmente um fim. Não há verdadeiramente uma história principal; o que existe é uma comunidade de personagens fixados em determinado lugar, vivendo diferentes dramas e ações diversificadas (ORTIZ, 1991). Por isso, as “novelas” americanas são bastantes longas, chegando a permanecer no ar por muitos anos. Portanto, esses dois gêneros, tanto o folhetim como a *soap-opera*, influenciaram na construção das narrativas e nos formatos das telenovelas brasileiras.

Nos anos 1950, a televisão brasileira desenvolveu-se e começou a ser considerada o possível instrumento de integração nacional. Apesar disso, a TV ainda engatinhava no Brasil. As produções latinas (mexicanas, argentinas e cubanas) eram as principais referências, com muitas adaptações de histórias e personagens exóticos, além do alto teor melodramático. O primeiro grande sucesso de audiência veio com *O Direito de Nascer* (1965), apresentada pela TV Tupi, que marcou definitivamente a ascensão do gênero (REBOLÇAS, 2009). A telenovela tornou-se então uma paixão nacional. A repercussão gerou uma popularidade inimaginável e duradoura, o que incentivou os empresários de TV a investirem mais na telenovela.

A partir desse fato e com o aprimoramento dos recursos técnicos, as emissoras começaram a produzir novelas sistematicamente. Nesse período, Janete Clair⁸ (1925 - 1983) começou a produção de novelas na Globo. A autora reescreveu *Véu de Noiva* em 1969. Ainda nessa década é a vez do “*O Bem-Amado*” (1973) de Dias Gomes⁹ (1922 - 1999) ir ao ar e levar a TV de cores aos lares brasileiros, sendo a primeira telenovela colorida (REBOLÇAS, 2009) Atenta às mudanças, a Globo lançou-se numa bem-sucedida estratégia de renovação temática e técnica, sendo líder de audiência o que predomina até os dias de hoje. A novela entrou de verdade no mercado, movimentando altas cifras publicitárias e atenta aos índices de audiência. Nas décadas de 1970 e 1980, consolidou-se a fórmula brasileira: colaboração de grandes novelistas e poetas, maior

⁸ Uma célebre escritora libanês-brasileira e luso-brasileira, autora de folhetins para rádio e televisão. Por causa de seus sucessivos êxitos no horário das 20h (atual 21h), o mais nobre da Rede Globo, Janete passou a ser conhecida também como “maga das oito”, “dama das Oito” e “nossa Senhora das oito”.

⁹ Um romancista, dramaturgo, autor de telenovelas e membro da Academia Brasileira de Letras.

aproximação da época contemporânea, desmistificação do passado, linguagem coloquial e regional, apresentação de fatos reais e a influência do teatro de vanguarda. (REBOLÇAS, 2009). A partir dos anos 1980 e 1990, as telenovelas começaram a abordar as temáticas mais sociais, políticas e a liberação dos costumes: feminismo, papéis de gênero, aborto, relações homossexuais e mais recentemente até temáticas relacionadas a transexualidade.

Assim, enquanto gênero, sofreu diversas influências e adquiriu um novo formato. Levada ao ar duas a três vezes por semana, passou a ser, em meados da década de 1960, diária. Com uma produção inicialmente ao vivo, iniciada no rádio e depois passando à televisão e foi, inicialmente gravada em videoteipe (ROSADO, 2017). Logo, tornou-se um produto da indústria cultural brasileira, com intensa divisão técnica e do trabalho. Além de ter passado a ser exportada para diversos países ao redor do mundo. Teve sua época de ouro nos anos 1970 e 1980, mas ainda hoje é o principal produto da cultura de massa televisiva brasileira. Apesar de na atualidade ela entrar em concorrência com outros gêneros e mídias, como os seriados e a *internet*, ainda desfruta de uma certa preponderância no cenário da televisão brasileira, sendo um dos gêneros de programa televisivo mais assistidos no país – mesmo que em alguns momentos sua audiência oscile entre altos e baixos (ROSADO, 2017). Por serem escritas ao mesmo tempo que vão ao ar, as telenovelas implicam uma relação dinâmica entre o público e as muitas pessoas envolvidas na sua produção. A autora Esther Hamburger (2005) afirma que:

Elas [as novelas] são capazes de “sintonizar” telespectadores com a interpretação e a reinterpretação da política, assim como de tipos ideais de homem, mulher, marido, esposa e família. A novela se tornou um dos veículos que capta e expressa padrões legítimos e ilegítimos de comportamento (HAMBURGER, 2005, p. 468).

Esse repertório comum fornecido pelas telenovelas funciona como um referencial para os atores sociais, revelando o potencial deste gênero, enquanto narrativa social, em construir identidades, às quais as diversas narrativas individuais podem se referir. Portanto, desempenham um papel importante na construção de certa identidade coletiva da sociedade brasileira (ROSADO, 2017).

Desse modo, as telenovelas enquanto artefatos culturais não podem ser vistos como textos inocentes, já que transmitem uma mensagem sobre o social, não oferecendo somente entretenimento. As mensagens que veiculam possuem mecanismos significativos que propagam certos sentidos, obscurecendo outros, revelando e

escondendo as tendências reais pelas quais se organizam as relações sociais no Brasil, mostrando e idealizando a realidade (ROSADO, 2017). Assim, se há um diálogo entre a telenovela e a realidade, é porque preexistem na sociedade os conteúdos veiculados. Dessa maneira: “se a televisão veicula valores que são dominantes, o faz pelo simples fato de que eles são dominantes na sociedade na qual ela faz parte” (ANDRADE, 2003, p. 32). Portanto, ao analisar quais são as variáveis que estão por trás de como o corpo gordo é construído, podemos compreender quais são os valores que predominam na sociedade.

Além de tudo isso, não se pode falar sobre a produção em TV aberta sem mencionar a questão da publicidade. Em outras palavras, seu veículo difusor, a televisão, como mídia e como suporte organizacional, funciona segundo a dinâmica de uma dupla lógica: uma lógica econômica e comercial, que a faz agir como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo seu lugar no mercado de troca de bens de consumo; e uma lógica simbólica, que a faz participar da construção da opinião pública (ROSADO, 2017).

Assim, a lógica de mercado impera em várias televisões de diferentes países do mundo. O Brasil está bem posicionado nesta escala da “indústria cultural”. Sob esta ótica, os produtos televisivos são fabricados e colocados “à venda” através da tela de televisão. Entretanto, o telespectador assiste “gratuitamente” aos programas, para assistir à televisão não se paga a entrada, como no cinema e teatro (ROSADO, 2017). No entanto, o processo não é bem assim, e esta “gratuidade” é falsa, pois quem paga pelas telenovelas é o mercado publicitário que, identificando um público-alvo, patrocina os programas. E destes patrocínios advém uma boa parte do faturamento de uma telenovela (ROSADO, 2017).

Dados das décadas de 1970 e 1980 levantados por Ortiz estimam que o custo de um comercial de 30 segundos no intervalo da telenovela das 20h chegava a cerca de 19 mil dólares. Hoje (2019), segundo a revista Exame¹⁰, a estimativa é a de que um comercial de 30 segundos, durante a novela das 21h da Rede Globo (antiga 20h), custe cerca de 500 mil reais. A telenovela é bem famosa por render atos lucros às emissoras de televisão. A diluição em capítulos garante o barateamento dos custos, na medida em que se aproveitam cenários, figurinos, atores e pessoal técnico na gravação de várias cenas. Por serem produções caras, elas exigem elevados dispêndios financeiros das emissoras, tornando

¹⁰ Fonte: < <https://exame.abril.com.br/revista-exame/a-propaganda-se-disfarca-m0051306/>>. Acessado em 12 de junho de 2019.

indispensável prolongá-las enquanto durar o interesse do público. Portanto, no âmbito de sua produção, a telenovela se revela cada vez mais conveniente para as exigências da publicidade, já que, devido ao seu alto poder de penetração e seus índices de audiência, atrai os melhores patrocinadores. A telenovela é um produto lucrativo, de alto retorno financeiro, que se firmou no mercado brasileiro como um dos maiores fenômenos da indústria cultural e do consumo (ROSADO, 2017).

Percebe-se que os meios audiovisuais têm força para propagarem opiniões sobre distintos corpos e temas, os quais auxiliam os telespectadores a terem diferentes concepções, inclusive ajudando nos processos de objetivação e ancoragem que transformam determinado objeto em familiar. Assim, tanto a TRS quanto as telenovelas, são fontes riquíssimas para se compreender como a sociedade brasileira pensa e age ao ver e entrar em contato com o corpo feminino gordo.

CAPÍTULO II

PERCURSOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

1. A construção da categoria “gorda”.

O que faz uma pessoa gorda? De início é fácil responder a esta pergunta. A ciência biomédica tem uma medida extremamente difundida: O Índice de Massa Corporal (IMC). Assim, a partir de uma tabela padronizada, e dependendo de quantidade de gordura que a pessoa tiver no corpo, pode consultar se estaria (gordo) ou não.

Tabela nº 1

Classificação do IMC, no Brasil em 2017 para adultos (20 a 59 anos)

Índice de Massa Corporal (IMC)	Classificação
Menor que 18,5	Abaixo do peso
18,6 a 24,9	Peso Normal
25 a 30	Obesidade Leve
31 a 35	Obesidade Grau I (Moderada)
36 a 40	Obesidade Grau II (Severa)
Acima de 40	Obesidade Grau III (Mórbida)

Fonte: Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/component/content/article/804-ime/40509-ime-em-adultos>. Acessado em 16 de novembro de 2018.

Todavia, dentro da própria área médica, o IMC começa a ser questionado. Antes de sua criação, medir a quantidade de gordura de um corpo era feito de maneira completamente heterogênea, dependendo de país para país.

A uniformização, portanto, foi uma etapa importante do desenvolvimento da pesquisa em epidemiologia, mas teve uma série de consequências mais ou menos inesperadas. Vulgarizou-se e difundiu-se, associando o corpo social e as classificações dos índices de massa corporal que tendem a se transformar em “normas sociais” de corpulência “aceitáveis”, “desejáveis” ou “desviantes”, sustentando assim o processo de estigmatização.

Essa passagem de uma análise qualitativa para uma quantitativa fez alguns pesquisadores(ras) aconselharem cautela ao usar o IMC como ferramenta de mensuração da gordura (POULAIN, 2013). Já que é possível que haja “variações individuais”. Aliás, o IMC também ignora a diversidade dos tipos antropológicos e culturais, pois para cada cultura, as variações podem estar ‘de fora’ dos indicadores propostos. No âmbito planetário, o ser humano não tem o mesmo tipo físico. E, embora em uma exposição preliminar os especialistas tenham frequentemente afirmando que o índice só era válido para “os caucasianos”, as tendências à generalização predominavam e são numerosos

estudos que utilizam o IMC como interpretação de populações com outro tipo físico (POULAIN, 2013). O mito do homem mediano, que suporta tais usos, tem como consequências minimizar as variações antropológicas.

Assim, por mais que essa generalização do IMC seja um progresso formidável, acabou empobrecendo esse mesmo instrumento de análise, pois se é vantajoso para os estudos de população, é também muito rudimentar para os casos particulares.

De qualquer maneira me deparei com a análise de uma personagem em um universo audiovisual que é a telenovela. Então, não tinha como medir seu Índice de Massa Corporal e mesmo que pudesse, como já argumentado antes, é um índice que começa a ser questionado.

A segunda opção foi ir até ao site da novela¹¹ para descobrir se o autor poderia dar alguma informação sobre a personagem. Na página da *web* estava escrito a seguinte descrição de Perséfone: “Perséfone (Fabiana Karla), a enfermeira acima do peso do hospital San Magno”. Assim, de fato a personagem era considerada gorda e poderia começar a analisar as representações sociais sobre este corpo.

Dessa maneira, questionamentos surgiram: Como a própria personagem se via? Como o autor a fez perceber sua condição de mulher gorda? Através da análise dos capítulos da novela notou-se que a personagem se reafirmava como gorda através da comparação com outras personagens na trama:

Se você continuar a comer tanta pizza vai ficar assim como? Gorda como eu (voz triste)? Eu sei que eu estou “fora de forma”! Nem sei o que deu na minha cabeça de achar que aquele enfermeiro gato iria querer algo comigo. Olha para você Patrícia, toda gata, magra que chega nos lugares e consegue pegar todos os homens que quiser. Comigo essa questão é diferente. Homem se aproxima de mim só para perguntar aonde fica o banheiro (Fala de Perséfone/Capítulo 12).¹²

O mundo é muito injusto mesmo! Você (magra) que não queria nada arranhou logo o gato do Michel. E eu (gorda) que estava querendo arranjar um cara... (pausa longa) quando arranhou ele broxa (Fala de Perséfone/Capítulo 43).

¹¹ Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/amor-a-vida/amor-a-vida-persefone-tamanho-gg.htm>. Acessado em 4 de outubro de 2019.

¹² As falas ditas pelos personagens da novela, durante este trabalho serão identificadas através de um recuo de 4 cm, espaçamento entre linhas de 1,15 e com fonte Times New Roman em itálico.

Portanto, inicialmente, a categoria “personagem gorda” foi construída não pelos parâmetros médicos e sim por parâmetros relacionais e midiáticos. Ou seja, da comparação Perséfone fazia com os demais personagens da trama, uma vez que todos/as estes/as personagens seriam “objeto” de exposição midiática. Gonçalves (2002) menciona: “muitas pessoas se sentem gordas ou magras em relação aos seus pares e não necessariamente com o resultado do cálculo do IMC (GONÇALVES, 2002, p.14).

Todavia, todo movimento relacional tem algum padrão e modelo. E como se vê pelas falas de Perséfone, segue-se os modelos hegemônicos dos discursos médicos, de beleza e gênero:

Ser traída não é fácil, mas esse sentimento vai passar! (tom de otimismo) Quem sabe você não vai conhecer um cara legal? O sonho de toda mulher é conhecer um cara para se ter uma relação estável (tom romântico e de encanto). Eu sonho com isso todos os dias (olhos brilhando). Só de eu casar, ter filhos e uma família (pausa curta) seria uma mulher muito feliz! Ele não era o homem certo para você (Fala de Perséfone/Capítulo 06).

Ah, Paty! O boy magia que você me arranjou tem que chegar! Estou tão nervosa! Aliás, vocês avisaram para ele que eu tenho uns quilinhos a mais? Ótimo! Agora é só esperar (Fala de Perséfone/Capítulo 62).

Você veio passear, Linda? Que ótimo (voz delicada)! Quero sorvete não, Daniel! Obrigada! Sorvete engorda muito e eu estou tentando entrar em um regime, mas, nunca consigo (risos)! Está bem, vou querer um sim! (Fala de Perséfone/Capítulo 98).

Assim, existe a consciência de que por mais que se construiu essa categoria de forma relacional, tal referencial, mesmo de forma implícita, está ligada à discursos sociais sobre os corpos gordos, em especial os femininos.

2. A Telenovela¹³

2.1. Os Dados Técnicos

Autoria: Walcyr Carrasco

¹³ Os dados técnicos, enredos, fotos dos(as) personagens e descrição dos mesmos(as) podem ser acessados através do site: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/amor-a-vida/amor-a-vida-inicio.htm>. Acessado em 17 de junho de 2019.

Direção: André Filipe Binder, Allan Fiterman, Marco Rodrigo, Marcelo Travesso e André Barros

Direção-geral: Mauro Mendonça Filho

Direção de Núcleo: Wolf Maya

Período de exibição: 20/05/2013 - 31/01/2014

Horário: 21h

Nº de capítulos: 221

2.2. O Enredo

Perséfone (Fabiana Karla) é a enfermeira acima do peso do hospital San Magno. Logo nos primeiros episódios já guarda um segredo de sua chefe: ela quer registrar uma criança achada no lixo como se tivesse nascido no hospital, para ajudar o homem que gosta. Além disso, a personagem passou parte da trama tentando perder a virgindade, e se insinuou para colegas e desconhecidos ao longo dos capítulos, sobretudo com a ajuda de sua melhor amiga: Patrícia. Suas investidas, porém, sempre davam errado. Até que o fisioterapeuta Daniel (Rodrigo Andrade), um dos seus alvos, acabou se apaixonando pela gordinha, e levou-a ao altar.

A lua de mel do casal não durou muito. Daniel, apesar de apaixonado, começou a se incomodar com os hábitos alimentares e a vida sedentária da mulher, e sua campanha para fazê-la emagrecer acabou por magoá-la. Perséfone decidiu se separar, mas passou a usar o médico Vanderlei (Marcelo Argenta) – apelidado de Coqueirão – para fazer ciúmes no ex-marido. Daniel, por sua vez, tentou usar a secretária Simone (Vera Zimmermann) para enciumar a ex-mulher. No fim das contas, Daniel e Vanderlei passaram a disputar Perséfone, que optou pelo amor do segundo e foi convidada para ser modelo *pluz size*.

2.3. Os Personagens principais da história de Perséfone

Figura nº 3



Perséfone (Fabiana Karla): é uma divertida enfermeira do Hospital San Magno. Sofreu com o preconceito por causa do seu peso. Mas acaba encontrando um novo amor, Vanderlei, e é convidada para um grande desfile de modelos GG.

Figura nº 4



Daniel Melo (Rodrigo Andrade): Fisioterapeuta do hospital San Magno. Se casa com Perséfone, mas ao se incomodar com o peso da amada, acabam terminando o casamento.

Figura nº 5



Patrícia Mileto (Maria Casadevall): Melhor amiga de Perséfone. Após ser traída em plena lua de mel, promete a si mesmo que só irá se relacionar casualmente com os homens. Todavia, acaba se apaixonado pelo médico Michel Gusmão (Caio Castro).

Figura nº 6



Joana Rangel (Bel Kutner): Colega de quarto de Perséfone. Inicialmente é uma mulher sozinha e frustrada por sido trocada por uma garota mais nova pelo marido. Se envolve com um cara mais jovem, e depois de vários problemas ficam juntos no final.

Figura nº 7



Glauce de Sá Benites (Leona Cavalli): Uma das médicas do Hospital San Magno e chefe de Perséfone. Glauce foi capaz de comprometer sua carreira (registrar uma criança que não nasceu no hospital) para ajudar Bruno, o homem por quem era apaixonada. Acaba morrendo num acidente, deixando uma carta em que confessava os crimes que havia cometido.

Figura nº 8



Vanderlei Brandão (Marcelo Argenta): Vanderlei trabalha no Hospital San Magno e acabou se envolvendo com a enfermeira Perséfone. Ele garante que o compromisso é sério e os dois acabam juntos no final.

Figura nº 9



Michel Gusmão (Caio Castro): Endocrinologista cobiçado pelas mulheres, não quer saber de relacionamentos sérios. Envolve-se com Patrícia (Maria Casadevall), por quem se apaixona. É casado com Silvia (Carol Castro). Vira amigo de Perséfone.

3. A Análise de conteúdo como processo de investigação dos dados

A análise de conteúdo (AC) é um procedimento metodológico usado pelas ciências sociais para estudos de conteúdo em situações ou contextos de comunicação. Parte de narrativas ou de textos com uma perspectiva quantitativa, analisando numericamente a frequência de ocorrência de determinados termos, construções, imagens e referências em um dado texto (ROSSI, 2014). A análise de conteúdo incide sobre várias mensagens, desde obras literárias, até entrevistas. O investigador tenta construir um conhecimento a partir da análise do “discurso”, da disposição e dos termos utilizados pelo locutor.

Os procedimentos da AC reconstruem representações em duas dimensões principais: a sintática e a semântica. Nos procedimentos sintáticos são enfocados os transmissores de sinais e suas inter-relações. A sintática descreve os meios de expressão e influencia - como algo é dito ou escrito. A frequência das palavras e sua ordenação ao vocabulário, os tipos de palavras e as características gramaticais e estilísticas são indicadores de uma fonte e da probabilidade de influência sobre alguma audiência (ROSSI, 2014). A semântica dirige seu foco para a relação entre os sinais e seu sentido normal- sentidos denotativos e conotativos em um texto. A semântica tem a ver com "o que é dito em um texto?", os temas e avaliações. A co-ocorrência frequente de palavras dentro da mesma frase ou parágrafo é tomada como indicador de sentidos associativos. Tais conjecturas podem inferir certos valores, atitudes, estereótipos, símbolos e cosmovisões de um texto sobre o qual pouco se sabe.

Bardin (2016) indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material (tratamento dos resultados) — a inferência e a interpretação. A primeira fase, a pré-análise, pode ser identificada como uma fase de organização. Nela estabelece-se um esquema de trabalho que deve ser preciso, com procedimentos bem definidos, embora flexíveis. Normalmente, envolve a

leitura “flutuante”, ou seja, um primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise, a escolha deles, a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material (BARDIN, 2016). E essa primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos de análise, a formulação de objetivos e a elaboração dos indicadores para a análise.

Inicialmente, durante o início do mestrado, pretendeu-se trabalhar com três novelas para realizar um estudo comparativo, porém, a partir das observações realizadas pela banca de qualificação, preferiu-se utilizar apenas uma novela. E após uma leitura e pesquisa flutuante das três, descobri que uma delas sofreu críticas a partir de um abaixo assinado. E, como já mencionado na introdução, foi a partir das indagações relacionadas ao abaixo assinado, que os objetivos foram propostos: Quais eram as representações sociais deste corpo durante os 221 capítulos? Em que medida, no decorrer da trama, houve mudanças significativas nessas representações?

Depois dessas duas etapas, veio a última, isto é, da pré-análise: a criação do instrumento. Analisar uma mídia audiovisual não é fácil. Diferente de um texto escrito, em que se concentra quase sempre apenas nas palavras, o meio televisivo vai além do texto. O tom de voz, o figuro, os cenários, os olhares dos personagens; tudo isso interfere em como determinada cena é construída e qual a mensagem passada para os telespectadores.

Para compreender as representações sociais do corpo gordo feminino, teve-se que selecionar quais elementos cênicos poderiam auxiliar a chegar nos objetivos propostos, ou seja, quais dariam uma visão mais aprofundada de como a personagem foi socialmente representada dentro da telenovela. Portanto, abaixo, se encontra o instrumento utilizado para analisar os 221 capítulos da novela e os porquês das escolhas desses elementos:

Tabela nº 2

Instrumento de pesquisa utilizado para analisar os capítulos da novela

Nº do Capítulo	Nº CENA			
Tempo de Duração do episódio:	Transcrição das falas de Perséfone:			
	Cenário:	Vestimenta de Perséfone:	Personagens de interação com Perséfone:	Contexto da Cena:

Fonte: feito pela própria autora – Goiânia, 2019.

O mais fácil de compreender são as partes referentes ao “nº de capítulos” e “tempo de duração de cada episódio”. Essas informações são básicas para situar o leitor de maneira geral. Já cena é conceituado como: “o conjunto de planos situados num mesmo local ou num mesmo cenário, e que se desenrolam dentro de um tempo determinado” (MITRY, 1963, p.40). Portanto, em audiovisual, uma cena é um trecho com unidade de tempo e de espaço. Em outras palavras, é um segmento que mostra uma ação unitária e totalmente contínua, sem elipse nem salto de um plano ao outro. Assim, cada cena citada no quadro foram as que Perséfone aparece de forma sequencial, em um mesmo cenário e período de tempo, sem cortes.

E a partir disso, já se consegue dados interessantes. A personagem aparece em 133 capítulos dos 221, representando 60%. A novela nos episódios de 1h, costumam ter aproximadamente 20 cenas e os episódios de 30 minutos¹⁴ aproximadamente 14 cenas. Assim, se ela aparece entre 1 uma a 7 cenas, dependendo do capítulo. O que dá até 50% de cenas com ela presente, lembrando que Perséfone não é a personagem principal da novela. Ou seja, são números relativamente altos que possibilitou uma análise ampla da história da personagem.

A “transcrição das falas de Perséfone”¹⁵ talvez seja uma das partes mais importantes do instrumento. É onde ela verbaliza o que quer comunicar para os outros personagens, mas também o que está pensando, quando se encontra falando sozinha. É por essa variável que se conseguiu informações sobre como a personagem se sente enquanto mulher gorda em relação as demais pessoas do seu núcleo de interação. Tentou-se ao máximo captar o tom e o jeito da voz para dar uma sensação mais completa sobre o que Perséfone quis comunicar.

Por se tratar de um conteúdo em movimento, analisar apenas as falas deixaria as conclusões pobres. Como já foi dito, existem outros elementos, na novela, que ajudam a compreender a história da personagem. As outras variáveis consideradas foram: o cenário, a vestimenta e os personagens que interagem com Perséfone.

A palavra cenário vem do grego: *skéné* e é composto de elementos físicos e/ou virtuais que definem o espaço cênico, bem como todos os objetos no seu interior, como cores, texturas, estilos, mobiliário e pequenos objetos, todos com a finalidade de

¹⁴ Os episódios de 30 minutos, normalmente, ocorrem as quarta-féris devido ser o dia em que a Rede Globo de Televisão costuma transmitir jogos de futebol o que encurta a transmissão da novela.

¹⁵ A maioria das falas são de Perséfone, porém, quando achei prudente, capitei as falas de outros personagens que poderiam trazer análises interessantes para a temática.

caracterizar a personagem, e tendo como base os perfis psicológico e econômico determinados (TEATROTIC, 2012). Analisa-lo irá ajudar a compreender o que os espaços podem nos dar informações sobre a percepção do autor sobre aquele corpo.

O figurino é outro elemento que ajuda na criação das representações sociais de determinado personagem, como menciona Janaína Marques (2018):

O figurino é parte da *mise-en-scene*, faz parte da produção criada para um conteúdo audiovisual. Ele colabora no sentido dramático, narrativo, emocional e serve para ajudar a contar a história, localizar determinado tempo, reforçar a estética escolhida pelo diretor. Mas sua maior força está na caracterização dos personagens. “Eu, enquanto espectadora, posso imaginar o passado, o presente e até mesmo o futuro desse personagem por presumir quem é ele ou ela, diante da forma como esse personagem se veste. Por exemplo, imagine uma moradora de rua, que não tem casa, nem família e muito menos um espelho, mas anda pelo Centro de Fortaleza com um salto alto vermelho. Esse simples objeto, que faz parte do figurino, diz muito sobre a personagem” (MARQUES, 2018, p.56).

Assim, se quis compreender as representações sociais da personagem gorda, analisar sua caracterização nas cenas é fundamental para visualizar como o autor a construiu e quais mensagens isso pode passar.

A parte “Personagens de interação com Perséfone” é uma descrição rápida de quais personagens ela está interagindo em uma cena, para contextualizar ainda mais a narrativa: colega de trabalho, amigo, par romântico etc. E por último, o “Contexto da Cena”: é uma descrição das ações que acontecem na cena, a reação dos personagens ao processo de interação com Perséfone e auxilia a compreender o contexto em que a fala da personagem foi dita.

Tenho consciência de que vários outros detalhes ficaram de fora e que podem, em alguma medida, ter prejudicado o instrumento e conseqüentemente a análise. Porém, creio que foi o suficiente para os cumprimentos dos objetivos propostos desse trabalho.

O processo de coleta dos dados ocorreu durante o mês de julho de 2019 e até a primeira semana de agosto. Foram analisados 221 capítulos, cada um com aproximadamente uma hora de duração. Optou-se por analisar 10 capítulos por dia e a plataforma escolhida foi o serviço de *streaming* da Rede Globo de Televisão: o Globoplay. A cada cena que Perséfone aparecia, pausava e primeiramente descrevia os cenários, as roupas e os personagens de interação. Depois, transcrevia suas falas, tentando compreender se foi dita com alegria, raiva, frustrações etc. E por último, após ver toda a cena, escrevia sobre o contexto que a situação se passava. E fiz esse processo com todos os capítulos.

Após a coleta veio o processo de codificação e posteriormente a possibilidade de criação de categorias. A codificação corresponde a uma transformação — efetuada segundo regras precisas — dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do documento (BARDIN, 2016). Ou seja, a codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo (HOLSTI, 1969).

O primeiro passo para a codificação foi de encontrar uma unidade de registro e contexto. Tal passo visa a categorização e a contagem frequencial. A unidade de registro pode ser de natureza e de dimensões muito variáveis. Tanto na área da semântica, como utilizar o “tema” ou por um viés mais sintático, tendo como foco o lugar das palavras nas estruturas oracionais.

Como este trabalho tem o interesse de compreender em um viés mais hermenêutico, a área da semântica traz mais contribuições para a pesquisa. Na medida em que se quis analisar como o corpo gordo feminino é socialmente construído, e portando, encontrar os núcleos de sentido que o autor da novela dá àquele corpo, optou-se por utilizar a unidade de registro voltado para o tema.

A codificação via “tema” pode ser explicada como:

(...) É uma unidade de significação complexa, de comprimento variável; a sua validade não é de ordem linguística, mas antes de ordem psicológica: podem constituir um tema tanto uma afirmação como uma alusão; inversamente, um tema pode ser devolvido em várias afirmações ou preposições. Enfim, qualquer fragmento pode remeter (e remete geralmente) para diversos temas (BARDIN, 2016, p. 135)

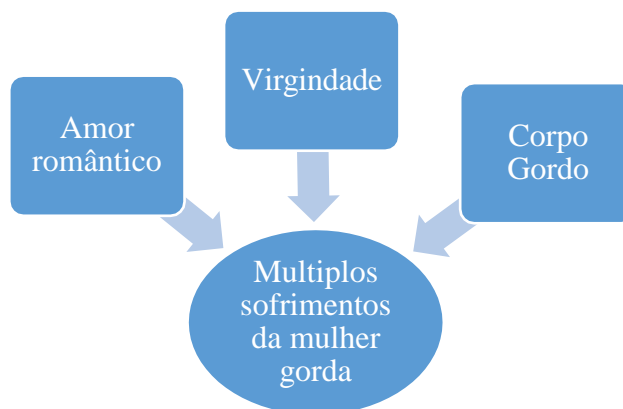
Fazer uma análise temática consiste em descobrir “núcleos de sentido” que compõe a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido (BARDIN, 2016). O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações, opiniões, atitudes, valores, crenças, tendências etc. Através dessa unidade de registro, encontrou-se núcleos de sentido sobre o corpo feminino gordo. E assim, possibilitando a criação de categorias.

A partir de uma leitura prévia sobre a temática, por já ter trabalho com assuntos semelhantes na FIOCRUZ/Brasília, e com os dados obtidos durante o campo, criou-se categorias que serão tratadas de forma breve neste capítulo, porém serão aprofundados nos dois capítulos dedicados a eles. É importante salientar que separei as categorias pré-

casamento e pós-casamento, que ao meu ver, são marcos essenciais para se analisar as representações sobre a personagem. Abaixo está a primeira categoria.

Gráfico nº 1

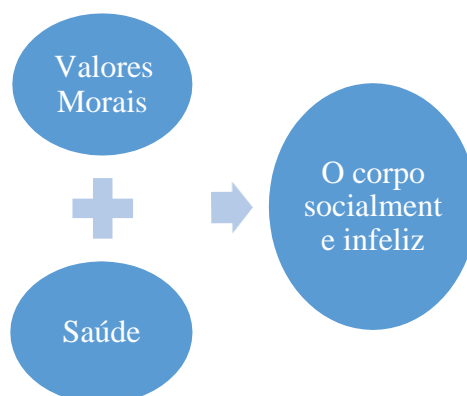
Categorias temáticas pré-casamento de Perséfone



Nos primeiros capítulos da novela, fica muito claro nas falas da personagem a sua vontade de encontrar um grande amor para, assim, perder a virgindade. Porém, toda investida romântica dá errado, causando-lhe sofrimento profundo e rebaixando seu corpo gordo como a principal causa da sua solidão. Por isso mesmo, juntou-se essas temáticas em uma categoria: “o múltiplo sofrimento da mulher gorda”. Ao mesmo tempo que o autor constrói a personagem nos papéis de gênero tradicionais, a faz sofrer já que ela não consegue alcançar as expectativas que a sociedade tem dela por estar fora do padrão de beleza e do desejo masculino. Quando a personagem consegue um namorado fixo, que acaba por se tornar seu marido, novas temáticas apareceram:

Gráfico nº 2

Categorias pós-casamento de Perséfone



É importante frisar que ao assumir seu namoro com Daniel, o enredo não facilitou sua vida. Os colegas do hospital, sobretudo os amigos homens de Daniel e a própria sogra e cunhada de Perséfone fazem piadas ou críticas constantes por Daniel estar com uma pessoa gorda. A “normalidade”, seria homens magros se relacionarem com mulheres magras, porém, ao um corpo gordo estar em contato com um símbolo de *status*, é como se sua presença causasse uma desordem no “agir natural” da sociedade. Ao mesmo tempo, se utilizam do discurso de “saúde” para colocar o corpo gordo como doente e consequentemente não desejável. Por tudo isso, passa-se a ideia de que o corpo gordo não tem o direito de ser feliz.

Aliás, como se viu a questão de gênero apareceu constante durante os capítulos analisados. Sua condição, ao ser do gênero feminino, além da questão da gordura, trouxe performances específicas que serão analisadas mais à frente.

CAPÍTULO III

CORPO, GORDURA E SOCIEDADE

1. Dá Gordura à Magreza

1.1. Uma Visão Geral

A passagem de adoração para a de estigmatização do corpo gordo esteve inscrita em uma história do corpo na sociedade ocidental. Na Idade Média, o corpo passou por um processo ambíguo, como menciona Gélis (2008), já que era adorado e suprimido. O primeiro advindo do sofrimento de Jesus, aquele que deu seu corpo para salvar a humanidade. O segundo vinha da visão dos corpos de Eva e Adão ligados ao “pecado original”.

Assim, o bem-estar da alma deveria prevalecer acima dos desejos e prazeres da carne (BARBOSA, et al, 2011). O corpo, prisão da alma, era, pois, um vexame, devia ser escondido. Ocidente deveria carregar a culpa por ser feito de carne e de sexo, Além de ser assaltado por pudores, devendo encobrir os seus membros e os seus músculos (BARBOSA, et al, 2011).

E não é ao acaso que há a renúncia à alimentação. Contudo, esta recusa da comida prendia-se, essencialmente, com a vontade de abandonar o material e alcançar o espiritual. Isso explica porque mesmo em uma sociedade com práticas tão coercitivas, a pessoa gorda raramente sofria chacota no período. Vigarello (2012) reafirma este argumento ao dissertar que: “É claro que tinha crítica a questão da “gula”, principalmente pelo discurso do clero, todavia, a crítica vinha muito mais do excesso de desejo do que do perfil físico da pessoa” (VIGARELLO, 2012, p.23).

O prestígio do gordo estava ligado, antes de mais nada, ao meio. Mundo da fome, da pobreza, da desigualdade, de restrições esmagadoras, em que a escassez se repetia a intervalos de menos de cinco anos, por esgotamento dos solos, falta de armazenamento, lentidão e precariedade das redes de transporte e vulnerabilidades às intempéries, pois nos séculos centrais da Idade Média, enfrentavam cerca de 1300 crises de abastecimento (VIGARELLO, 2012). Além disso, este prestígio também estava ligado as fábulas sobre o mundo maravilhoso dos “países da fartura”. Universos fictícios descritos como paraísos na Terra, repletos de especiarias, carnes gordas e pão branco, confins estonteantes cujo rios vertem vinho, cerveja, onde brotam do chão guisados e carne assada, e das montanhas surge um néctar maravilhoso (VIGARELLO, 2012). Em outras palavras, o imaginário da época encontrava-se na acumulação. A “boa saúde” supunha-se barriga cheia.

Porém, no final da idade média e início da idade moderna (1453 - 1789), com o florescimento das cidades e da ética antropocêntrica, fundamental para que o pensamento científico se intensificasse, já era possível analisar o nascimento dos primeiros discursos negativos sobre o corpo gordo, visto como “excesso”. Entre essas falas está a ciência médica.

O médico ganhou em presença com a civilização decadente medieval. Suas recomendações já não mais se dirigiam à grandes personagens cercadas de conselheiros, mas se “generalizam” visando um público, apoiado em um ensino universitário melhor construído com o século XIII, orientadas para “regimes de saúde” mais bem difundidos. Os textos médicos, após o século XIII, não fazem uma mera condenação global do gordo. Apontam desencadeamentos precisos, indicam sinais de alerta. Como diz Aldebrandino de Siena em um texto cheio de imagens: “o homem deve comer de tal maneira “que não se sinta pesado depois, com a barriga estufada ou barulhenta, sem poder respirar com facilidade” (VIGARELLO, 2012, p. 20).

Esse controle dos corpos não se restringiu apenas pelos conselhos médicos, mas também pela coerção que veio dos costumes e da sociabilidade nas sociedades de corte. Ribeiro (1998) mostra que na Europa, a aristocracia, em especial a francesa, começava a propagar as ideais de boas maneiras. Inicialmente como uma forma de distinção social, já que com a acessão econômica da burguesia, a riqueza já não era um fator que os diferenciava. Todavia, estas práticas se mostraram eficientes para ditar padrões de conduta e de apreço pelo “saber se portar”: não comer com as mãos, colocar pouca comida no prato, não soltar gazes em público e não lamber os dedos gordurosos, condutas que influenciaram a sociedade europeia, na época, em seu todo.

Norbert Elias (2011) também observou este processo de racionalização e de controle da prática corporal. O autor menciona que manuais de boa conduta se espalhavam pela corte, os quais auxiliaram para a ascensão do conceito de civilidade que marcou o início da condenação aos excessos corporais, dentre eles a embriaguez e a comilança. Começa-se a delinear outro ideal de corpo, contido e refinado. Pouco a pouco o corpo se apega e a civilidade, em seguida a civilização dos costumes, passa a regular os movimentos mais íntimos da corporeidade.

De forma mais ampla, as cortes eram comprometidas com uma sociabilidade global: danças, maneiras à mesa, aparência e comportamento. Há matrizes paralelos para o corpo feminino, embora com fortes diferenças em relação ao masculino, juntando delicadeza e fragilidade de membros, olhar voltando para cima e não para baixo: a virgem

de *Yvain* é “alta, magra e esquia” (VIGARELLO, 2012). O corpo feminino era descrito como mais vulnerável, mais esbelto, ao mesmo tempo em que se sugeria carnudo. Uma mescla de finura e carne tenra, de delicadeza e fartura. Só pelo século XIII se começou a considerar a beleza francesa: “cintura fina com colo razoavelmente amplo” (VIGARELLO, 2012, p.51). Assim, estas críticas, tanto a médica quanto dos manuais de etiqueta”, não viam para “diminuir o gordo”. Os principais objetivos com esses discursos eram inclinados mais para aspectos morais e de saúde do que necessariamente uma crítica estética.

O aumento do discurso anti-gordura e conseqüentemente uma crítica estética encontrou sua máxima na idade contemporânea (1789 - dias atuais) com o avanço no desenvolvimento da produção agrícola, consequência da revolução industrial que, agora, produz em escala mundial (POULAIN, 2013). Se antes, as sociedades viviam literalmente “epidemias de fome” em que a dependência ecológica era forte, com a modernidade há uma verdadeira “agroindústria”. Se o gordo em uma sociedade da escassez era visto como poderoso, em uma sociedade do excesso, é visto como egoísta e ganancioso. Assim, não é coincidência que nesse período fosse extenso as charges mostrando o “burguês egoísta” como uma pessoa gorda, fato ilustrado na figura 10 denominada “O Burguês e o Proletariado” de Daumier (1808 - 1879) e na figura 11, de nome e autor desconhecido.

Figura nº 10

O Burguês e o Proletariado

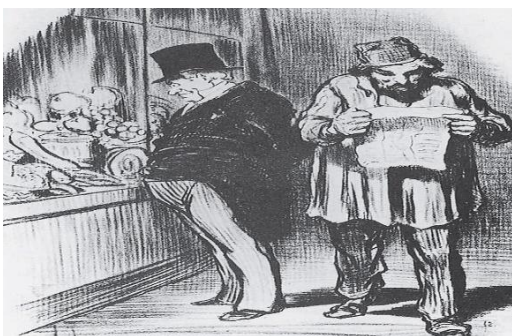


Figura nº 11

Burguês explorando o trabalhador



<https://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1665796-a-paris-de-david-harvey-e-a-de-walter-benjamin.shtml>. Acessado em 23 de setembro de 2019.

Portanto, o regime fabril que se iniciou no século XVIII, contribuiu para dar dois significados ao corpo gordo. De um lado, o “burguês gordo” aquele que engorda tirando o sustento da viúva e do órfão enquanto o povo perece na miséria e na fome. Do outro, o “operário gordo” que é improdutivo, lento, e produz bem menos, o corpo gordo do trabalhador é visto como menos eficiente (VIGARELLO, 2012).

Dessa maneira, o corpo humano foi colocado ao serviço da economia e da produção. Mercantiliza-se, gerando um corpo produtor que, portanto, precisa ter saúde para melhor produzir (BARBOSA, et al, 2011). A importância da eficiência, do tempo e do lucro em um capitalismo monopolista, instrumentalizou o olhar sobre o corpo: calcula-se o perímetro dos membros, a densidade de gordura em cada parte do corpo, a relação entre estrutura e peso (VIGARELLO, 2012). De modo mais profundo, a imagem do funcionamento orgânico muda, o corpo torna-se aparelho “energético”. É uma máquina de fogo, motor em que se calculam a quantidade de calor introduzida e a quantidade de trabalho produzida (VIGARELLO, 2012). Daí a avaliação da eficácia pelo rendimento. Há a acessão dos números e das relações peso e altura para tentarem racionalizar a questão do peso e da gordura. O corpo magro é visto como mais produtivo e eficiente para uma sociedade febril.

Almeida (2013), afirma:

Na Europa do século XVIII e início do século XIX se desenvolveu, por meio de políticas de saúde, formas de controle das populações urbanas, onde o corpo dos indivíduos são tomados como objetos úteis ao desenvolvimento do capital. Os Corpos saudáveis passaram a ser uma exigência do mundo capitalista. As concepções da medicina social (higienistas de caráter moralizador, normativo e educativo) se constituíram nos instrumentos de intervenção na sociedade, impondo hábitos, costumes e valores (ALMEIDA, 2013, p.59).

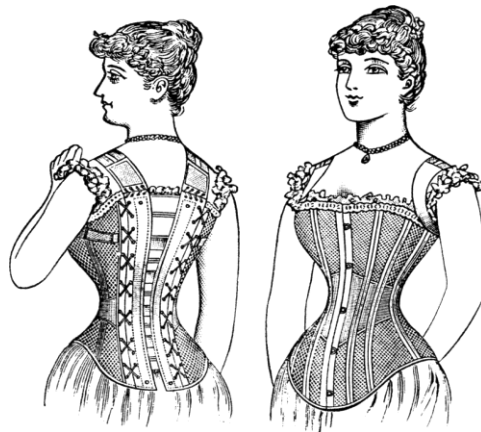
Enquanto para os homens, a magreza era vista como forma de maior produtividade, já que estaticamente era permitido a eles terem alguma gordura¹⁶, para as mulheres foi uma imposição cultural. É neste período, século XIX, que se intensificou o uso de espartilhos e cintas para comprimir o corpo e é onde as receitas e tratados de moda se popularizaram. O processo é simbólico, sublinhando o papel cada vez mais específico de uma beleza feminina “decorativa”, assim como o igualmente específico das sanções que ela pode provocar, enfim a orientação da aparência feminina no sentido de acolhimento, do “interior”, da “ornamentação”, da residência e dos aposentos, ao passo que a aparência masculina estaria voltada para o “exterior”, para o enfrentamento das coisas e das gentes (VIGARELLO, 2012). A gordura para as mulheres era inaceitável cuja magreza e “fragilidade” permanecem obrigatórias. Cada vez mais no imaginário social feminino, a magreza como um padrão de beleza e sucesso. Isso é observável na figura doze, a qual mostra um desenho de uma mulher utilizando o espartilho e na imagem

¹⁶ Fischler (1995) analisa bem essa visão do gordo benigno e maligno. Ao mesmo tempo em que este como é visto como positivo por caracterizar pessoas como amigáveis, calorosas e “*bon vivants*”, também são vistos como preguiçosos e sem autocontrole.

treze que representa uma propaganda de venda de espartilho. Esta última, reafirmando a questão magreza ao espartilho ser colocada em uma criança.

Figura nº 12

Desenho de espartilho feminino



Fonte: <<https://tcmdblog.wordpress.com/2013/05/28/a-historia-do-espartilho-e-os-tipos-de-espartilhos/>>.

Acessado em 24 de setembro de 2019.

Figura nº 13

Propaganda de venda de espartilho



Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_corsets>. Acessado em 24 de setembro de 2018.

Aproximando-se dos tempos atuais, o início do século XX trouxe a acessão do lazer, reviravolta da moda, no vestuário, recomposição dos espaços íntimos, a explosão da publicidade e tantas mudanças influíram na maneira de encarar e julgar as formas corporais. A questão da gordura cada vez mais ganha um peso negativo em relação à estética. Há sobretudo uma intensificação do emagrecimento, em primeiro lugar sobre o corpo feminino, revelada pelos periódicos de moda, cujo tom muda de registro, senão de

gravidade, jogando com expressões de alarme ou temor: “Engordar? Esse é o medo de toda mulher” (VIGARELLO, 2012, p.250). E as palavras das modistas, associando mais que nunca juventude e magreza. Em relação aos homens, um corpo musculoso se desenvolveu enquanto padrão a ser seguido por homens. Essas duas propagandas, respectivamente a catorze¹⁷ e a quinze mostram este fato:

Figura nº 14

Propaganda de Redutor de Medidas



Fonte: <<https://www.theguardian.com/us-news/2015/jun/27/beach-body-ready-america-weight-loss-ad-instagram>>. Acessado em 24 de setembro de 2019.

Figura nº 15

Propaganda de desodorante masculino



Fonte: <<https://ncdfaesa.wordpress.com/2016/08/11/homens-o-novo-target-da-industria-de-cosmeticos/>>. Acessado em 24 de setembro de 2019.

1.2. Uma visão à Brasileira

No Brasil, é nítido que o padrão magro em detrimento do gordo também predomina, enquanto ideal de saúde e beleza, sobretudo para as mulheres:

“A sua irmã veio aqui e me pediu para não casar com você. Ela disse que eu iria entregar a sua vida. Ela disse que você é um gato

¹⁷ Tradução: Você já tem seu corpo de praia?

e que eu sou gorda e que nos dois seremos uma piada. Mas, agora eu fico pensando se ela não tinha razão, sabe? Minha vida toda eu ouvi tantas coisas ruins. No máximo um elogio era: “é gordinha, mas até que é bonitinha”. Na escola, eu sempre era a chacota da turma e quando eu cresci não mudou muita coisa, para ser honesta. No hospital as pessoas falam: olha lá a enfermeira gorda. Eu tô chorando pela gente, e se o nosso casamento não der certo”? (Fala de Perséfone/ Capítulo 121).

Mas, nem sempre foi assim. Como já mostrado, no Brasil, também houve época em que a gordura era socialmente bem vista. Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2016) cita que a noção de pesos e das medidas eram outras. A preocupação com a falta de alimentos era maior do que a necessidade de emagrecer. A cultura alimentar era diferente, assim como os significados dos regimes e dietas.

A autora reafirma que os gordos eram associados à vida regulada, mas não era raro interpretá-los como gulosos. Em publicações mundanas, a corpulência explicativa, os pecados da gula eram expostos, sejam por meio de anedotas ou charges satíricas. A gula era a principal suspeita que pesava sobre os gordos de diversos tamanhos e idades. Mesmo assim, eles ainda tendiam a representar a promessa de uma fatura que em certas circunstâncias era muito bem vista, inclusive para as mulheres (SANT’ANNA, 2016). E nada melhor para visualizar essa situação do que olhar para as revistas da época. Uma bem famosa era a Revista “O Rio Nu” (1899, 1900). Esta de cunho erótico, muito lida na época da república velha, trazia poemas que explicitavam o que era belo no período:

Vistosa e gorda rapariga
De ricas formas um primor!
Tentava-me, e eu, nem sei que diga.
Doido, bêbado assim... de amor...
Conquisto, enfim, a bella dama...
Oh! Decepção! Oh! Bagaceira!
Dez quilos de algodão em rama?¹⁸

Ou seja, o corpo gordo feminino era muito ligado ao erotismo. Diante as “raparigas alegres”, o olhar masculino esperava ver curvas corporais abundantes, e os textos nem sempre excluía as gordas da sedução maliciosa (SANT’ANNA, 2016):

Afinal um bello dia
Encontrei Maricota
Muito esbelta, luzidia,
Gorda como uma bolota!
— O que é isto, rapariga!

¹⁸ O Rio Nu, Rio de Janeiro, ano III, n. 228, 12 de set. 1900, p.2.

E eu que estava convencido
Que o pobre do teu marido
Tinha levado uma espiga!...
— Conta lá de uma vez
Qual o meio que applicaste
Como pançuda ficaste Em
muito menos de um mês?
— É... que depois de casada
A fim de crear gordura,
Tomei em dóse avultada
Ferro, ferro com fartura¹⁹.

Ao mesmo tempo, a magreza era associada à pobreza. Era como se fosse uma característica dos brasileiros excluídos da vida considerada salubre e próspera. Era comum na época as receitas para engordar. No tratado “Higiene de Beleza” (1886) do Dr. Montin narra:

Este regime alimentar é para combater a magreza. Leite natural, nata do mesmo deitada em café, chocolate, manteiga fresca, iodo-bromurada, farinhas leitosas, pão bem cozido, etc. Entre sopas, o especialista recomenda as massas e principalmente a farinha de milho cozida em leite” (MONTIN, 1886, p.2).

Todavia, existiam magros e magras considerados atraentes. As revistas mundanas brasileiras continham elogios a diferentes tipos de mulher, inclusive à magricela. O que comprova o quanto a história dos gordos e magros era ambivalente e esteve longe de ser unívoca (SANT’ANNA, 2016). Algumas magrinhas esguias possuíam uma silhueta capaz de encantar:

Musa profana,
Magra, formosa, esbelta, afidalgada, esguia, tu me fazes lembrar uma ilusão bemdita!
A loucura do gozo, a tua carne incita. O teu sublime olhar ferindo acaricia²⁰.

A visão positiva da gordura começa a mudar lentamente, iniciando com a vinda da família real. Gilberto Freyre (1977) já observava que com a abertura do porto às nações amigas, a cultura europeia penetrou com força o país. Até então, os corpos, em especial das mulheres da elite brasileira, eram mais curvilíneos e cheios. Isso ocorria por terem acesso ao açúcar e a várias especiarias, o que ocasionava em uma alimentação mais rica e calórica. Todavia, ao se integrar ao mercado global, o país não só começou a consumir produtos de fora e como absorvia o estilo de vida dos países do Norte, entre esse estilo, o corpo magro. Freyre afirma que o uso de espartilho por parte das mulheres brasileiras para se adequar ao padrão, mesmo não sendo o fenótipo natural brasileiro. A abertura de

¹⁹ J. Olina. In: O Rio nu, Rio de Janeiro, ano II, n. 66, 22 de fev. 1899, p.3.

²⁰ O Rio Nu. Rio de Janeiro, ano II, n. 128, 27 set. 1899, p.6.

cursos de medicina, já que a família real quis trazer uma visão de urbanidade para a colônia, trouxeram as concepções europeias que começavam a questionar o corpo gordo.

Assim, como menciona Almeida (2013) o processo de civilidade das cortes que se consolidava na Europa, chega ao Brasil e conseqüentemente a estetização dos padrões de beleza, convergindo para a magreza, sobretudo para a mulher:

A inserção da mulher nos saraus, bailes e teatros, a partir da segunda metade do século XIX, onde ela deveria mostrar suas habilidades em conversar e ser elegante, havia aqueles homens que defendiam a importância da beleza da mulher, especialmente da magra, condenando a tradicional matrona obesa descrita pelos viajantes europeus no início daquele século (ALMEIDA, 2013, p. 60).

A moda do espartilho exaltou a figura longilínea da mulher. Sob o olhar masculino, a diferença entre a mulher gorda e a mulher magra atingiria o seu comportamento e o seu caráter com sérias desvantagens para a primeira (ALMEIDA, 2013). Até o século XIX, o cuidado com o corpo se justificava sempre por servir à consecução de valores morais e principalmente, capitalistas.

Entretanto, é somente a partir do século XX que os padrões culturais de corpo no Brasil se fixam em um novo ideal cultural, o da magreza, cuja tendência ao longo de todo o século foi sempre de crescimento. Já nos anos de 1920, a imprensa brasileira criticava à gordura justamente quando aumentou o número de conselhos emagrecedores e anúncios de cintas para promover a esbelteza (SANT'ANNA, 2016). As figuras dezesseis e dezessete (propagandas de emagrecimento) ilustram essa situação. Com a nova moda dos vestidos retos e decotados, exibidos pela publicidade e pelas estrelas do cinema, covinha alongar e silhueta feminina eram o padrão a ser seguido.

Figura nº 16

Figura nº 17

Propagandas de Emagrecimento brasileiras

EMAGREÇA

1 QUILO POR SEMANA

*Sem regime!
Sem dieta!*

COMPROVADO POR MILHARES DE ATESTADOS

ESBELT

faz emagrecer 1 quilo por semana, sem qualquer regime ou dieta - apenas pela eliminação natural das gorduras!

ESBELT
EM VIDROS COM 80 COMPRIMIDOS
Cr\$ 200,00

Não o encontrando em sua farmácia, remeta cheque ou vale postal. (Não aceitamos reembolso)

ULTRAQUIMICA S/A
R. Rui Barbosa, 640 - São Paulo

A Publicidade em 1928

EMMAGRECER

é tornar-se mais elegante o que se consegue com o

Thé Mécicain du Dr. Jawas

Fonte: SANT'ANNA. Denise Bernuzzi. Gordos, magros e obesos. São Paulo: Estação da Liberdade, 2016.

Se no século XIX era a cultura europeia que ditava moda, no século XX é a cultura de massa estadunidense que impõe regras. Um corpo magro combinava com a nova moda e com o maior dinamismo global (SANT'ANNA, 2016). Assim, a sociedade instituiu a mensagem segundo a qual uma “cintura pilão” era indicador de juventude, inocência e de ter um relacionamento amoroso. Enquanto o corpo gordo é visto como não atraente. Quando a personagem Perséfone começa a sair com Daniel, um homem magro, ele houve a seguinte fala de seu amigo Michel:

Ela quer que você seja o príncipe encantado dela? Você como príncipe eu até entendo, mas imagina a Perséfone em um conto de fadas? Você já viu a “bela adormecida”, “branca de neve” ou a “cinderela” gorda? Suponhamos que daqui 100 anos ela seja a bela adormecida, a cama vai estar afundando. Você passou o rodo nesse hospital! Tem certeza que quer ficar com a gorda? Vai se exercitando para poder segurar a gordinha (Fala de Michel/Capítulo 114).

Na imprensa dos anos 1970, as barriguinhas femininas e a grande pança masculina já estavam condenadas ao desdém (SANT'ANNA, 2016). O olhar sobre elas tendia a percebê-las como estorvos com traços patológicos. Por mais que para as mulheres, o peso de ser magra fosse mais forte, também os homens que antes tinham a barriga grande como algo majestoso, não suportou o novo olhar que as “novas” regras sociais estabeleciam sobre ambos os sexos e que começavam a ter sobre sua proeminente existência (SANT'ANNA, 2016). As outras falas de Perséfone ilustram muito bem esse rechaço ao corpo gordo:

Você acha que vai me passar medo, falando que eu não vou caber no espelho? Olha aqui, eu passei a minha vida inteira ouvindo isso! Ninguém perdoa gordo não! Ninguém que saber se é um problema hormonal ou outro tipo de problema, só querem saber de julgar como se fosse falta de vontade! Sempre fui a garota gorda da sala, depois cresci e continuei gorda e ainda ouvindo piadinhas (...)! (Fala de Perséfone/121).

Do exposto, percebe-se que o corpo é raramente visto como um todo homogêneo. Queiroz e Otta (2000) afirmam que o corpo é de fato apropriado e adestrado pela cultura, concebido socialmente, alterado segundo crenças e ideias coletivamente estabelecidos. Dessa forma, o corpo simboliza a sociedade, e os poderes e perigos atribuídos à estrutura social. Ou seja, tal estrutura encontra-se simbolicamente impressa no corpo, e a atividade corporal nada mais faz senão torna-la expressa (QUEIROZ e OTTA, 2000). Portanto, não apenas a história, mas também a sociologia pode trazer compreensões mais completas sobre o corpo e a gordura.

2. A teoria sociológica e suas contribuições para o estudo sociocultural do corpo.

David Le Breton (2006), um dos principais sociólogos contemporâneos sobre o corpo afirma:

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressões de sentimento, cerimônias dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor e sofrimento, etc (LE BRETON, 2006, p. 7).

Portanto, acredita-se que o corpo, enquanto objeto de estudo, não se restringe apenas à biologia. Os processos culturais também são fundamentais para compreendê-lo em uma perspectiva mais ampla. O gesto para assinalar “dor de cotovelo”, por exemplo, só faz sentido para o brasileiro porque está inserida um conjunto simbólico da sociedade

brasileira. Se fizermos este mesmo gesto para um estadunidense, ele provavelmente não entenderia. Outra situação que pode ser bem ilustrativa é a cômica circunstância que quase sempre acontece quando um carioca vai visitar São Paulo: o número de beijos na hora de cumprimentar. Não é raro o primeiro reclamar de ficar no vácuo, já que no Rio de Janeiro o habitual são dois beijinhos. Todavia, na terra da garoa é apenas um.

Um dos primeiros a perceber essa questão cultural dos aspectos corporais foi o antropólogo francês Marcel Mauss. Em sua obra “As técnicas do Corpo” (2003) ao analisar diversas sociedades, o autor chega ao conceito de técnicas do corpo que pode ser definida como: “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade em sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (MAUSS, 2003, p. 401).

Esta forma de utilização do corpo tem três características fundamentais. A primeira é de serem “técnicas”, construídas por uma série de movimentos ou formas corporais, ou seja, Mauss vê o corpo como um instrumento mais natural do homem. A segunda é que essas técnicas são “tradicionalistas”. Assim, elas são adquiridas pelo processo de educação e socialização. Portanto, não são inatas as pessoas. Tais técnicas se aprendem: os mais velhos ensinados para os mais jovens e assim por diante. E por último, são “eficientes”, uma vez que servem um dado propósito, função ou objetivo, como andar, nadar, dormir e etc (MAUSS, 2003). Além disso, ainda cunha o conceito de “*habitus*”, que mais tarde seria resgatado por Bourdieu (2008), ao mostrar que determinadas técnicas corporais são mais socialmente estimuladas e vistas como positivas do que outras.

Assim, Marcel Mauss trabalha com a visão de “homem total”, o qual combina aspectos físicos, psicológicos e sociológicos (MAUSS, 2003). Ou seja, deve-se analisar as questões corporais nessas três vias. Nota-se em sua teoria que cada sociedade tem as suas técnicas corporais que são utilizadas numa sociedade e num dado período histórico. Dessa forma, é interessante observar como o homem constrói o seu “próprio” corpo a partir das condições socialmente dadas.

Seguindo esta linha, temos os estudos de Robert Hertz (1933) no seu famoso ensaio sobre a proeminência da mão direita. Nesse texto, o antropólogo mostra como a questão de ser destro ou canhoto está muito mais ligado ao coletivo (ou espiritual) do que ao orgânico e individual, uma vez que a simples oposição entre as mãos não é natural: está carregada de significados culturais e serve como representação de divisões e hierarquias sociais.

Hertz observa que existe uma desigualdade entre as mãos: para a direita as honras e méritos, para a esquerda o desprezo. É a mão direita que age, e a esquerda se contenta

a auxiliá-la. São feitas ainda relações entre a mão direita tomada enquanto a aristocracia e a nobreza, ao passo que a esquerda remete às pessoas comuns e à servidão (HERTZ, 1933).

Portanto, a proeminência da mão direita não pode ser tomada como resultado do organismo, uma vez que se deve a convenções sociais e crenças. O autor vai analisar as tentativas em atribuir causa anatômica à desteridade, tomando a prerrogativa da mão direita na assimetria dos centros nervosos; porém, há dificuldade em provar (HERTZ, 1933). Isso porque há também condições exteriores ao organismo. A ideia não é negar radicalmente a causa orgânica, mas tê-la como insuficiente para explicações do fenômeno. Passa a considerar a pressão que a sociedade exerce contra os canhotos, favorecida por uma educação que valoriza a mão direita enquanto reprime a esquerda. (HERTZ, 1933).

Em ambos os textos, percebe-se que o fisiológico está subordinado à ordem simbólica social. E tal pensamento auxilia em um olhar mais cuidadoso com o corpo gordo. As visões sobre ele não estariam também influenciadas pela cultura da nossa sociedade?

A sociologia clássica também traz contribuições para a análise do corpo em uma perspectiva social. Durkheim, como fala Costa (2014) apoia-se nas oposições cartesianas clássicas para estabelecer um paralelismo entre o corpo e o profano, e, em oposição, a alma e o sagrado.

Essa contraposição estabelecida pelo sociólogo francês entre corpo e alma traduz-se num duplo centro de gravidade para os indivíduos. Estes que estão permanentemente em conflito por não saberem de quais naturezas seguirem: a baseada na moralidade ou a alicerçada nos instintos.

Enquanto para Durkheim, existe o embate entre instinto e cultura, Weber (2004) vê que a segunda já predomina sobre a primeira, ao focar sua análise ao corpo ascético, trazido pela ética protestante do calvinismo. Na qual, os prazeres da carne são negados através da disciplina e do trabalho árduo para se alcançar a graça divina e conseguir uma provável salvação na outra vida. Junto a isso, o desenvolvimento do capitalismo deu prioridade à racionalização formal e deixou de lado os sentimentos humanos (WEBER, 2004). De fato, o capitalismo requer a gestão racional e o controle dos corpos e das emoções, as quais devem ser mantidas na esfera da vida privada ou manipuladas para fins comerciais.

Provavelmente, com seu método materialista, Karl Marx (1980) seja o teórico da sociológica clássica que mais deu enfoque ao corpo, sobretudo na sua relação com a exploração do modo de produção capitalista. Costa afirma que a partir da leitura dele das condições operárias, recorda que as sociedades capitalistas dependem da reprodução contínua de corpos através dos tempos e da sua localização espacial, e que estes corpos são tanto meio quanto objeto do trabalho humano.

Ainda afirma, junto com Engels (1975), a tese de que, nos primórdios da Revolução Industrial, a mais-valia capitalista também derivava do fato das mulheres e das crianças serem exploradas de forma desumana, ao ponto de trabalharem 16 horas por dia. O corpo do proletariado inserido nestas condições de trabalho, é muitas vezes deformado, mutilado e usado precocemente.

O caso das mulheres é então desde logo destacado, uma vez que as deficientes condições de trabalho nas fábricas, além de proporcionar que sua mão de obra seja subvalorizada, também as levavam a trabalharem até o último momento da gravidez, ocasionando um número crescente de abortos. Aqui entra uma das primeiras análises de gênero relacionadas com o corpo. Raciocínio que será trazido de volta pelo movimento feminista de teor anticapitalista.

Várias dimensões sociais do corpo são avançadas na sociologia contemporânea. Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) estimulou-se uma tendência ocidental para perceber o corpo como um projeto, o que significa que o corpo é tratado como algo para ser moldado como parte da autoidentidade do indivíduo (COSTA, 2014). Assim, ele torna-se polo de investimento de valores naturalistas e hedonísticos, tornando-se um objeto na economia de consumo que tenta manipular sua aparência. Além disso, percebeu-se que questões de gênero, classe e raça também são variáveis que começam a emergir para o estudo do corpo. E o controle deles nunca foram tão intensas e “sutis”, seja pelo modo de produção capitalista, seja pela sociedade de consumo que moldam os corpos a seguirem determinados padrões. Assim, novos teóricos surgem para atender a essas novas necessidades que nascem com a modernidade.

Norbert Elias (2011) retoma o debate, pois oferece uma contribuição fundamental com sua sociologia histórica para entender as transformações do corpo, sobretudo a questão do autocontrole. O autor narra que a civilização europeia sob o ângulo da progressiva normalização das condutas corporais (etiqueta à mesa, regras de gentileza e cortesia, contenção das emoções, códigos de sociabilidade e decoro) e mostra, assim, as

raízes do processo de desenvolvimento de nossos costumes atuais e do autocontrole de nossas ações.

Ao analisar os livros e manuais de comportamentos e de bons modos, o sociólogo alemão percebeu que, em uma perspectiva a longo prazo, há um movimento de controle cada vez maior dos instintos. Esse é o processo civilizador. Um processo onde as estruturas emocionais incorporam controles instituais cada vez maiores e se modificam de acordo com as transformações que acontecem na própria sociedade (ELIAS, 2011). É uma análise sociogenética e psicogenética daquilo que ele chama de processo civilizador, o processo de afastamento cada vez maior da “naturalidade”, ou, uma caminhada ao controle dos impulsos.

Neste processo, por exemplo, Elias localiza a estrutura psicanalítica descrita por Freud: Ego, Id e Superego. As quais fazem parte de uma estrutura que só poderia realmente ter nascido em tempo de alto controle e repressão (ELIAS, 2011). A estrutura social, a estrutura de personalidade, ou estrutura psíquica, são resultados de uma inter-relação interminável entre elas próprias.

Elias demonstra como os “corpos civilizados” desenvolvem-se em figurações²¹, cuja forma está constantemente em mudança devido às alterações nas relações sociais, às tensões e aos equilíbrios de poder eu afetam o indivíduo no seu dia a dia. Este ponto em relação ao controle das emoções e do comportamento corporal, são fundamentais para entender a repulsa e pelo corpo gordo que começa neste período. Ele cita o epílogo de *Conquest of Granada* (1789) de Dryden:

Tendo a finura atingindo um mais alto grau
E nossa língua nativa se tornando mais refinada e livre
Mulheres e homens ora falam com mais graça
Em suas conversas do que os poetas as descrevem (ELIAS 2011, p.20)

Como sustentam Pierre Bourdieu e Michael Foucault, dirá Trinca (2013), o corpo não é somente um texto ao qual a cultura inscreve suas marcas e características, ele é

²¹ A “figuração”, como menciona Elias (1994) pode ser vista como uma imagem do humano como personalidade autônoma (mais nunca autonomia completa), mas que na verdade é orientado para outras pessoas e dependente delas. Em outras palavras, são formações sociais que são dependentes e existindo na sua pluralidade, quando há reconhecimento das diferenças das relações e funções desempenhadas pelos autores. As teias de interdependência que dão origem as coerções e forças sociais. Os atores se regulando um pelo outro, principalmente pelo autocontrole. Isso porque a própria ideia do “eu” (em relação ao nosso) já é um tipo de controle. Além de analisar as relações interpessoais, Elias também dá foco nas formas de ligações emocionais. Aliás, ligações emocionais, consideradas agentes unificadores de toda a sociedade.

igualmente um lugar prático direto de controle social. De modo geral, Bourdieu (2008) trabalha a linguagem corporal como marcador da distinção social.

No decorrer dos processos de socialização, incorpora-se normas, modos de andar e falar que são naturalizados nos corpos de forma que dão uma prática lógica de interação no mundo. Esta lógica, para o autor: “seriam rotinas corporais e mentais que permitem agir sem pensar, ou seja, uma atitude ou conjunto de atitudes “naturais” dos indivíduos se conduzirem em um determinado meio” (BOURDIEU, 2008, p. 80). Por exemplo, espreguiçar quando acorda, escovar os dentes depois das refeições, cumprimentar conhecidos são ações cotidianas que se faz no automático, sem parar para refletir sobre elas. Esta prática lógica estaria relacionada com o “*habitus*” daquela pessoa.

“Dessa maneira, ‘*habitus*’ seria um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada (BOURDIEU, 2008, p. 90). O *habitus* é adquirido pela interiorização das estruturas sociais. Essas estruturas sociais são portadoras de história que garantem a presença ativa das experiências passadas que dão segurança para que as regras formais e normas que informam as práticas sejam constantes ao longo do tempo (BOURDIEU, 2008). Dessa maneira, o *habitus* é formado pelo *hêxis*, (os princípios interiorizados pelo corpo: posturas, expressões corporais) e o *ethos* (os valores em estado prático, não-consciente, que regem a moral cotidiana).

Tais disposições, internalizam-se não apenas na mente, mas também no corpo das diversas formas de agir a partir do contato com as variadas estruturas que permeiam toda a vida humana. É através desse aprendizado que se aprende, por exemplo, como agir em uma festa, na escola, com a família e em diversas situações sociais. Mas, porque as pessoas se comportam de determinada maneira e não de outra? Essas estruturas estão inseridas dentro de campos: disputas, que ultrapassam o controle do capital econômico, as quais também estão interessadas em ter o monopólio do capital simbólico, ou seja, o poder simbólico de ditar o que é certo ou errado em relação a gosto, comportamento, pensamentos, modelos a serem seguidos etc.

Portanto, campo designa uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura (BOURDIEU, 2008). Assim, as pessoas que detém o monopólio de ditar padrões querem manter seu poder e as pessoas que estão na periferia do campo lutam para impor seus ideais de comportamento e de gosto.

Todavia, essa luta não é igualitária, dependendo de quantidade de capital que os indivíduos podem utilizar dentro da luta (aqui novamente não se restringindo ao dinheiro, mas também relacionado ao capital social, político e cultural) essa mudança ou manutenção de forças pode ser mais fácil ou difícil. Enquanto esta luta é travada, os indivíduos que não alcançam os lugares mais prestigiosos do campo, sofrem uma “violência simbólica”, ou seja, tem seus estilos de vida e de cultura ridicularizados, diminuídos e marginalizados, tendo que se adequar ao padrão vigente para se integrar ao sistema.

Dessa maneira, as trajetórias sociais dos indivíduos e a sua história pessoal são formadas, fixadas no corpo através das posições (itinerário de posições) que os agentes vão ocupando nos campos e nos encontros que essas posições e essas lutas acabam ocasionando para os agentes. O corpo²² adquire conhecimentos, realiza-se como corpo por esses conhecimentos e é condição de conhecimento para outros corpos. Isso porque nas trajetórias sociais, os corpos são afetados por outros corpos.

Enquanto para Bourdieu o poder de controle exige a cumplicidade do outro, como o autor evidencia na violência simbólica, que para ser exercida, precisa do reconhecimento do dominado, isto é, o papel ativo do agente no processo, mesmo para aceitar o poder e a dominação, Foucault acredita que o poder não existe enquanto coisa, ele é um funcionamento, um mecanismo; a partir dos “regimes de verdade” estabelecidos o poder mais se exerce do que se possui se aplicando aos corpos (TRINCA, 2013).

Foucault (1987) destaca o papel do corpo no campo político do investimento e das relações de poder, denotando preocupação com as instituições que tentam o disciplinar. Seu objetivo é torná-lo dócil, produtivo e economicamente útil, a partir de uma visão epistemológica que encara o corpo como um produto “discursivo” do poder/conhecimento e a manipulação do corpo como um instrumento de manifestação de poder. O teórico francês mostra que o poder de disciplina é aplicado à classificação, documentação e distribuição dos indivíduos, colocando o comportamento cotidiano, as identidades e a linguagem gestual sob contínua vigilância (TRINCA, 2013). Este é um poder que é exercido regulamente que transforma os sujeitos em objetos de poder e conhecimento. No centro dessa relação encontra-se a noção de docilidade, a qual une

²² Existe uma anedota interessante muito difundida nos cursos de ciências sociais e que ajuda a compreender sua teoria. Fala-se que Bourdieu iria dar palestra em uma Universidade francesa. Ao se sentar duas meninas conversam sobre ele. Uma disse: “O Bourdieu é tão bonito! ”. E a outra respondeu: “Mas, a mãos deles são de camponês”. Ou seja, mesmo Bourdieu sendo um dos sociólogos mais importantes do século XX, sua origem humilde ainda está inscrita em seu próprio corpo.

corpo analisável ao corpo manipulável, que pode ser sujeito, usando, transformando e melhorando através de uma rede de vigilância, regulamentação e controle.

No livro “História da Sexualidade” (1999) Foucault percebe que os corpos, desde o século XVIII nas sociedades europeias, estavam sujeitos a uma panóplia de restrições, proibições, censuras e tabus sobre o corpo sexual. Deste modo, incide sobre sua pesquisa as alterações do discurso do controle dos corpos e identifica quatro grandes unidades estratégicas que englobam os mecanismos de controle centrado no sexo (FOUCAULT, 1999). Primeiro, a histerização dos corpos das mulheres, sendo o objeto a mulher histórica; segundo, a pedagogia do sexo infantil, que é aplicado a criança que se masturba; terceiro, a socialização do comportamento reprodutor do casal Malthusiano; quatro, a psiquiatrização das formas perversas de prazer, tendo como enfoque o adulto perverso. A psicanálise e a medicina como práticas e discursos teóricos, se constituíram como formas de saber e poder que em vez de libertar a sexualidade teriam funcionado como novos modos de interdição e repressão. A sexualidade estende então os campos da regulamentação, da vigilância e do controle dos corpos ao campo mais alargado do corpo político.

Trinca chama a atenção para uma crescente incitação ao discurso sobre o sexo nesse mesmo período, assinalando uma vontade de saber sobre a sexualidade, a qual considera ser peça essencial de uma estratégia de controle dos indivíduos na sociedade moderna, gerenciada por meio do corpo. É nesse sentido que Foucault afirma que o sexo passa a ser administrado pelos Estados em formação, tornando-se uma questão “polícia” que deve ser assumido por discursos analíticos em que o corpo dos indivíduos e o corpo social são tomados como objetos mensuráveis/generalizáveis - podendo ser classificados de forma neutra a fim de estabelecer uma biopolítica das populações.

Portanto, se esse discurso médico, inicialmente, é uma forma de repreensão sexual individual, logo seus discursos se expandem para o controle das populações, nascendo um biopoder. Este seria uma bioregulamentação do Estado, ou seja, ele tem controle sobre quase todos os fenômenos biológicos de uma população: quem nasce (registros de nascimentos), quem morre (registros de óbitos), cartão de vacinação, quantos homens e quantas mulheres (PNADs e os Censos Demográficos) entre outros dados (FOUCAULT, 2010). Aliás, é neste período que a estatística começa a ser fortemente usada, iniciando um processo de racionalização dos dados sobre determinada população. É como se os indivíduos cedessem parte de seus dados biológicos, para uma suposta conservação da

vida, já que através dessas informações, o governo poderá elaborar políticas públicas que melhorariam sua vida.

Dessa maneira, conclui Trinca:

Foucault situa o corpo no centro de estratégias de poder-saber, onde ele é simultaneamente a peça central do jogo e o seu produto: é objeto de sabedoria (sobre a doença, a criminalidade, a sexualidade) e foco das instituições de controle por meio das técnicas disciplinares que se difundiram por toda a sociedade (esquadrinhamento, adestramento, controle do tempo, regulação de comportamentos) (TRINCA, 2013, p.30).

Aproximando-se de uma perspectiva do agente ativo, temos Erving Goffman (2002). Trata-se de um autor em que é a identidade e a subjetividade tem uma prioridade maior que a estrutura ou o coletivo. Contudo, o sociólogo canadense não deixa de lado as abordagens sistêmicas, apenas não as enfatiza. O interesse de Goffman é em entender como os agentes elaboram o “eu” quando esperam as expectativas na participação do ritual de interação. Em “A representação do eu na vida cotidiana” (2002), o autor refere-se a natureza social da atividade corporal e sua localização na ordem interacional. Passar por espaços públicos com sucesso, como a rua, o supermercado ou o centro comercial, é um problema prático e um feito para o agente humano, envolvendo regras sociais específicas e rituais. A ordem social depende das micro-bases públicas, sendo estas, por sua vez, dependentes das competências corporais (como as técnicas corporais) e do conhecimento prático (como o *habitus*) do corpo-sujeito sensível enquanto ator social corporizado. Os corpos, tal como “eus”, aos quais estão intimamente ligados, são constantemente arriscados nos encontros ritualísticos e nos espaços públicos da vida todos os dias.

Portanto, para que estes encontros ou interações tenham sucesso, é necessário que os agentes tenham conhecimento do “idioma corporal”, uma vez que existe uma obrigatoriedade de ter ou não certos comportamentos na presença de outros (GOFFMAN, 2002) O trabalho facial e corporal é fundamental para a manutenção e integridade dos papéis sociais e das identidades. Quando este conhecimento é mínimo ou inexistente ocorre os “maus entendidos” que em situações mais extremas podem gerar o estigma.

O Estigma, para Goffman (2004), ocorreria quando a identidade virtual (o que se espera de alguém) não corresponde com a identidade real da pessoa. A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas, impõe atributos” (tanto corporais, quanto comportamentais) como comuns ou naturais para os membros dessa sociedade e se espera

encontrar tais atributos na comunidade em geral. Todavia, quando alguém foge dessa “normalidade”, é julgada pelo grupo, daí tendo dificuldade de se integrar por completo na sociedade. Dessa maneira, os agentes com características considerados “anormais” são divididos em dois grupos: o desacreditado (sua característica que gera o estigma é conhecida) e por isso ele luta para tentar se encaixar de alguma forma na sociedade e o desacreditável (a marca que pode gerar a rejeição não é tão explícita) e o sujeito tendo o trabalho de esconde-la para ser integrado na comunidade.

Estes autores foram selecionados entre vários para mostrar como a sociologia e a antropologia são “artefatos” poderosos para se estudar o corpo, dando novos olhares a temática, sobretudo em relação aos corpos gordos.

3. Os *Fat Studies*: novos corpos entram para análise nas ciências sociais

Os Estudos críticos sobre a gordura compõem uma ramificação de um campo maior e que contém diversas visões sobre o corpo gordo. Segundo Rangel (2013), podem ser citadas, além dos *fat studies* mais quatro abordagens:

a) Anti-obesidade: por meio desse discurso entende-se que a gordura corporal em excesso, relativa ao Índice de Massa Corporal (IMC), é nociva e um assunto de saúde pública e que se deve prevenir os/as cidadãos/ãs contra o sobrepeso e a obesidade, entendida enquanto doença e combatê-la.

b) Biomédico-crítico: não aceita a ideia de “epidemia da obesidade, entende que ser gordo/a não necessariamente significa estar doente, estando em risco apenas as pessoas com obesidade mórbida pelo IMC. As atividades físicas regulares seriam mais importantes para a saúde do que a massa corporal. A gordura corporal é um sintoma e não uma doença, dietas podem ser prejudiciais à saúde.

c) Libertários céticos: entendem que deve haver liberdade de escolha dos indivíduos em relação à alimentação e atividade física, não devendo o Estado assumir uma postura paternalista em relação à gordura corporal. Utilizam o discurso biomédico-crítico para endossar a ideia de liberdade de mercado, em especial de conglomerados de *fast foods*. Dentro dessa perspectiva o discurso anti-obesidade restringiria a liberdade, sendo esse discurso por vezes referido pelos libertários céticos como socialista.

d) Ativismo gordo: os/as ativistas gordos/as buscam desafiar as ideias negativas e estigmatizadoras voltadas às pessoas como a associação de gordura com feiura e doença, bem como melhorar a acessibilidade a espaços físicos para pessoas gordas buscando melhorar a qualidade de vida das dessas pessoas, acabar com o preconceito e incentivar a convivência com as diferenças.

A socióloga Charlotte Cooper (2008) cita que a história da análise sobre os corpos gordos é melhor compreendida se a dividirmos em ondas, como acontece com o movimento feminista.

As atividades da primeira onda consistiram em ativistas isolados, chamando a atenção para o modelo dominante do corpo magro e desafiando-o como apenas um dentre vários modelos possíveis. Durante a primeira parte do século XX, a gordura era vista como prejudicial à comunidade, por meio da diminuição da eficiência humana (COOPER, 2008).

Esses discursos deram origem aos movimentos que lutavam contra a estigmatização das pessoas gordas que se iniciou no final dos anos 1960, embora sua natureza popular dificulte a precisão de seus marcos. Esses movimentos foram denominados de “Gordura do Orgulho”, “Poder Gordo” ou “Libertação da Gordura” (COOPER, 2008), constituindo, muitas vezes, em pessoas que agiam de forma improvisada. Um “*Fat in*” foi encenado no *Central Park* de Nova York em 1967 e consistia em um grupo de 500 pessoas comendo, carregando cartazes e fotografias de Sophia Loren (uma atriz famosa por seu peso) e queimando livros de dieta. Influenciados por essas manifestações, em 1969 foi fundada a primeira organização para pessoas gordas e seus apoiadores, chamada de “Associação Nacional para Auxílio aos Gordos Americanos” (NAAFA).

Em 1972, dentro da NAAFA foi fundado um grupo feminista denominado “*The Fat Underground*” (*The FUs*) e assim, iniciando um período mais radical na atuação do movimento (COOPER, 2008). Por desentendimentos internos, já que a Associação Nacional para Auxílio aos Gordos Americanos expressava receio de um ativismo mais forte, as FUs se tornam independentes. Este movimento feminista colocava em questão o que elas viam como um crescente preconceito contra a gordura na comunidade científica, inclusive cunhando o ditado, “*a diet is a cure that doesn't work, for a disease that doesn't exist*” (uma dieta é uma cura que não funciona, para uma doença que não existe) (COOPER, 2008). No período de 1979, ainda dentro da primeira onda, foi criado o termo “*Big Beautiful Woman*” (BBW) que até hoje é utilizado para se referir às mulheres gordas. Dentro desse período ainda, há o surgimento de movimentos na Europa, como o “*London Fat Women's Group*”, primeiro grupo ativista britânico

A segunda onda iniciou-se quando suas reivindicações começam a aparecer no *mainstream*. Os editores se tornaram mais dispostos a publicar literatura temática de aceitação da gordura (COOPER, 2008). A contribuição do movimento começou a ser

incorporada em artigos de pesquisa por alguns membros das profissões médicas, como novos programas de antedita e modelos, criando a linha de pesquisa “*fat studies*” (COOPER, 2008). Nesse período, década de 1980, já começam os primeiros questionamentos sobre o Índice de Massa Corporal (IMC). Se ele é de fato a melhor medida para se afirmar se uma pessoa se encontra saudável ou doente. Já que é nesta época em que a gordura como fator extremamente biológico é questionada e percebe-se que o fenômeno também passa por crivos culturais e sociais, como a classe social, o sexo, a época histórica, etnia e a própria percepção dos(as) gordos(as). No final desta mesma década, testemunhou-se um aumento em organizações ativistas, publicações e conferências sobre a temática.

O movimento de aceitação de gordura tem visto uma diversificação de projetos durante a terceira onda. As atividades têm abordado a gordura e sua interseccionalidade com as questões de raça, classe, gênero, sexualidade e entre outras (COOPER, 2008). O movimento aumentou nos anos 2000 e ampliou para outros países. Junto a isso, inicialmente os blogs e mais tardiamente as redes sociais, viraram canais fundamentais para a difusão da luta.

No Brasil, não existiu necessariamente um movimento específico pró-gordura. O questionamento sobre o corpo gordo enquanto sinônimo de doença, veio juntamente com o movimento feminista que começou a romper os papéis de gênero na sociedade brasileira e juntamente não aceitando padrões corporais impostos pela sociedade. Na atualidade, as redes sociais e a *internet* então sendo as principais ferramentas para mulheres e homens gordos lutarem contra a discriminação e o preconceito no contexto nacional.

O que são os *fat studies afinal*? É uma área acadêmica em que não estuda a gordura como uma substância dietética, mas sim sobre corpos humanos gordos. Os estudos críticos são um campo interdisciplinar, combinando perspectivas e métodos de pesquisa das ciências humanas e sociais. Baseia-se na tradição de estudos da sociologia do corpo, do gênero e estudos *queer*, focalizando a atenção nos aspectos sociais, culturais, históricos e políticos das maneiras pelas quais a gordura como fenômeno e as pessoas gordas são retratadas e tratadas (LUPTON, 2016).

Rangel menciona ainda que o ativismo gordo e os *fat studies* também vão ser influenciados pelo conceito de biopolítica de Foucault, a partir da noção de dissipação do poder de forma que este é incorporado pelos indivíduos e presente nas ações cotidianas também contribui no entendimento da autovigilância e vigilância constante dos pares na sociedade para que estes se estabeleçam dentro de diversas normas que vão dividir, controlar

e categorizar os seres humanos (sem haver necessariamente uma contenção violenta explícita) especialmente com o auxílio da ciência estatística.

No final do século XX, a preocupação começou a ser expressa nos círculos médicos e de saúde pública sobre uma aparente “epidemia de obesidade” nos países ocidentais. A mídia relatou advertências de médicos e promotores de saúde de que uma proporção cada vez maior de pessoas nesses países poderia ser classificada como “obesa” usando a medição do índice de massa corporal (IMC). Isso foi visto como uma crise de saúde pública, pois foi calculado que as pessoas nessas categorias sofreriam de taxas mais altas de doença e morreriam prematuramente (LUPTON, 2016).

As reportagens se referiam à “bomba-relógio” da obesidade e à subsequente necessidade de travar “uma guerra contra a gordura”. Esses relatos e outras representações da mídia de pessoas gordas, como a série de TV *The Biggest Loser*²³, frequentemente os retratam como não apenas insalubres, mas também ignorantes, preguiçosos, glutões, feios e um dreno nos orçamentos de saúde (LUPTON, 2016). Além disso, as campanhas públicas usadas pelos governos para encorajar as pessoas a perder peso frequentemente empregam mensagens e imagens que retratam a gordura corporal, e as próprias pessoas gordas, como nojentas e vergonhosas. Muitas vezes parece que, em vez de “travar uma guerra contra a gordura”, essas campanhas estão atacando diretamente as pessoas gordas.

Em resposta a esses retratos e à crescente estigmatização e discriminação contra pessoas que foram consideradas muito grandes, ativistas pediram por iniciativas de aceitação da gordura. Eles desafiam suposições simplistas de que pessoas magras são cidadãos saudáveis, virtuosos e responsáveis, enquanto pessoas gordas são doentes, moralmente culpadas e incapazes de controlar seus apetites.

É importante realçar que existem fortes interseções entre o ativismo da gordura como um movimento político e dos *fat studies* como campo acadêmico de estudos. Inclusive, alguns pesquisadores universitários que contribuem para o ativismo com suas pesquisas. Isso fica claro ao perceber que as críticas iniciais ao discurso predominante sobre a obesidade estão localizadas dentro dos movimentos sociais.

²³ Um programa de televisão com o formato de reality show. Tem sido adaptado e transmitido em vários países. A versão original é transmitida nos Estados Unidos pela NBC, cuja estreia ocorreu em 19 de outubro de 2004. Os concorrentes são obesos e tentam perder peso em busca de um prêmio.

Uma das obras pioneiras é o “Manifesto de Libertação das pessoas gordas”, produzida pelo grupo *Fat Underground*, que se encontra traduzido²⁴ a baixo:

1. Acreditamos que as pessoas gordas têm todo o direito ao respeito e ao reconhecimento humano.
2. Estamos zangadas com o mau tratamento devido a interesses comerciais e sexistas. Esses têm explorado nossos corpos como objetos do ridículo, criando assim um mercado imensamente lucrativo que vive de vender a falsa promessa que esse ridículo pode ser evitado ou aliviado.
3. Vemos nossa luta como aliada de outros grupos oprimidos contra classismo, racismo, sexismo, preconceito etário, exploração financeira, imperialismo e outros.
4. Exigimos direitos iguais para pessoas gordas em todos os aspectos da vida, conforme prometido pela Constituição dos EUA. Exigimos igual acesso a bens e serviços na esfera pública, e um fim à discriminação contra nós nas áreas de emprego, educação, instalações públicas, e serviços de saúde.
5. Destacamos como nosso principal inimigo a assim chamada indústria de “redução”. Esta inclui clubes de dieta, spas, médicos de dieta, livros de dieta, comida de dieta, suplementos de comida, procedimentos cirúrgicos, inibidores de apetite, drogas e equipamentos de redução. Exigimos que essa indústria se responsabilize pelas suas promessas falsas, reconheça que seus produtos são perigosos à saúde pública, e publique estudos de longo prazo provando qualquer eficácia estatística dos seus produtos. Fazemos essa exigência sabendo que mais de 99% de todos os programas de perda de peso, quando avaliados num período superior a cinco anos, fracassam totalmente, e também sabendo dos perigos extremos e comprovados de mudanças frequentes no peso [o efeito sanfona].
6. Nós repudiamos a “ciência” mistificada que falsamente afirma que não somos saudáveis. Isso tem criado e mantido discriminação contra nós, em conluio com os interesses financeiros das empresas de seguro, da indústria da moda, das indústrias de redução, das indústrias de comida e medicamentos, e das instituições médicas e psiquiátricas.
7. Recusamos ser subjugadas aos interesses de nossos inimigos. Queremos retomar o poder sobre nossos corpos e nossas vidas. Estamos comprometidas a buscar esses objetivos juntas.

Charlotte Cooper no artigo “*Fat Studies: Mapping the Field*” (2010), além de reafirmar a primazia dos movimentos sociais nos estudos críticos da obesidade, faz uma revisão de literatura extensa sobre a área e pode nos dar informações pertinentes sobre seus principais enfoques.

Uma das áreas mais desenvolvidas são sobre o estigma da gordura, baseado principalmente nos estudos de Goffman. Goodman (1995) considera o preconceito da gordura como parte de "um sistema mais amplo, compara sua dinâmica e características, como a desumanização, ao antissemitismo, e demonstra a natureza sistêmica da discriminação. Myers e Rothblum (2005) abordam atitudes anti-gordura na psicologia, e apresentam a relação entre estigma, discriminação e sofrimento psíquico (COOPER, 2010).

Uma bibliografia igualmente abundante que assume uma oposição aos discursos dominantes sobre a gordura dizem respeito à subjetividade e à incorporação da gordura, ou seja, como ela é experimentada, e essas obras tendem a ter sido produzidas por aqueles que experenciam o fenômeno. Braziel, LeBesco (2001) e Shaw (2006), afirmam que a

Tradução de Lola Aronovich disponível em:
<http://escrevaelolaescreva.blogspot.com.br/2012/04/manifesto-da-libertacao-das-gordas.html>. Texto postado originalmente em 3 de abril de 2012. Acesso em: 14/05/2017.

identidade gorda é transgressora; faz uma zombaria de normas culturais, razão pela qual é socialmente insultado (COOPER, 2010). Um quarteto de estudos qualitativos: Goode e Preissler (1983); Gimlin (2002) e Tovee (2009) sobre a percepção do tamanho do corpo pelas pessoas; e a etnografia de Scott-Dixon (2008) de mulheres gordas no esporte, sugerem que a subjetividade gorda é um fenômeno que pode iluminar a personificação das pessoas de todos os tamanhos (COOPER, 2010).

Outro *corpus* de pesquisa que abrange o trabalho acadêmico é em torno da subjetividade, no que diz respeito a como os comportamentos associados à gordura são experimentados. Throsby (2007, 2008) estuda a experiência das pessoas gordas na perda de peso, principalmente em relação a cirurgia bariátrica (COOPER, 2010). Já Colls (2006), por exemplo, mapeia as experiências emocionais de mulheres gordas comprando roupas (COOPER, 2010).

Uma área que também está com estudos bem desenvolvidos são os estudos envolvendo mídia e gordura, que inclusive é a área em que se concentra este trabalho. Herbozo; Tantleff-Dunn; Gokee-Larose e Thompson (2004) em um estudo de filmes e livros infantis, mostrou que os conteúdos transmitidos pela mídia voltada para o público infantil, estavam fortemente saturada de mensagens enfatizando a atratividade e a aparência como partes importantes dos relacionamentos e das interações interpessoais. Este estudo também descobriu que 64% dos vídeos estudados retratam os personagens gordos como não atrativos, maus, cruéis e hostis, e mais da metade dos retratos envolvia a consideração ou o consumo de alimentos (COOPER, 2010).

Himes e Thompson (2007) analisaram 135 cenas com indivíduos com excesso de peso de programas de televisão e filmes populares e codificados para o humor anti-gordura. A maioria do humor encontrado foi verbal e dirigido ao indivíduo em sua presença, o constrangendo (COOPER, 2010).

Todavia, seria um erro pensar que reestruturar os estudos sobre a gordura seria um processo sem tensão. Saguy e Riley (2005) e Kwan (2009) apresentam como hostil e politicamente motivado, uma disputa pela supremacia do discurso sobre a gordura entre governo, ativistas e indústria. Esta luta pelo poder não é surpreendente, dados os interesses comerciais envolvidos na manutenção do *status quo*, sobretudo para a indústria do emagrecimento (COOPER, 2010).

Jean-Pierre Poulain (2013) mostra como a questão da classe social, e consequentemente um estilo de vida, são variáveis em relação ao corpo gordo, pegando emprestado a teoria de Bourdieu. As Classes mais pobres normalmente por terem acesso

a produtos mais calóricos (mais baratos) e de não terem condições ou capital cultural que reforce a importância de uma alimentação saudável e de atividades físicas são as mais atingidas pelo fenômeno da gordura.

No Brasil, a área dos *fat studies* é poquíssima referenciada²⁵. Todavia, existem trabalhos, sobretudo nas sociologia e na saúde coletiva (principalmente a partir dos anos 2000) que por mais que não declarem seguir a linha dos estudos críticos, tratam a gordura para além do olhar biológico.

O texto “Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia” (2004) da pesquisadora Naumi Vasconcelos, ao pesquisar corpos gordos na mídia impressa entre os anos de 1995 a 2003, percebeu que o corpo gordo é um corpo impregnado de preconceitos, discriminações e estigmas, por representar, na sociedade contemporânea, tanto um caráter pejorativo de uma falência moral quanto um corpo com falta de saúde.

No artigo “A Medida da Gordura: O Interno e o Íntimo na Academia de Ginástica (2007) de Carlos Emanuel Sautchuk, nos mostra como o discurso “anti-gordura” pode ser lucrativo. Menciona que:

A gordura está articulada também à racionalidade econômica. Tanto assim que é possível obter sua cotação. Um estudo realizado em Boston estima que os programas de redução de peso custam até 23 dólares por quilograma. E se há cotação, há mercado. Aliás, um grande mercado mundial de produtos e serviços direcionados ao combate da gordura, que envolve desde as editoras de livros e revistas sobre corpo, beleza e autoajuda até as confecções de roupas esportivas, mas principalmente as ações terapêuticas de combate à gordura (SAUTCHUK, 2007, p.182).

Já no texto “O estigma da gordura entre mulheres na sociedade contemporânea” (2016) de Silvana da Silveira Campos e Francisco Romão Ferreira narra como as visões sobre as mulheres gordas ainda é perverso. Até mesmo dentro das clínicas de endocrinologista e nutricionistas, que em tese deverião pensar na saúde do paciente, já

²⁵ Os únicos três textos em português que fazem referência direta aos fat studies encontrados foram: TORRES, Andreia Araújo Lima. Ponto de equilíbrio entre a Ciência da Nutrição e “Fat Studies”. Disponível em: <file:///C:/Users/Luiza%20Roure/Desktop/Mestrado%203/25885-86769-1-PB.pdf>. Acessado em 2 de outubro de 2019.

GAMA, Beatriz Klimeck Gouvêa e AZIZE, Rogerio Lopes. Fat studies e a produção de conhecimento situado: Notas sobre o sexto Congresso Internacional de Estigma do Peso. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/25885>. Acessado em 02 de outubro de 2019.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) — Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Santa Catarina — UFSC, 2018.

estão contaminados com o pensamento imposto de que ser gordo é doente, principalmente para o gênero feminino que sofre com maior pressão social sobre seus corpos.

E por último, mas a discussão sobre gordura do Brasil não se encerra aqui, no trabalho “Diversidade de Corpos: A Ascensão do Corpo Gordo Através das Artes, Redes Sociais e o Movimento Plus Size” (2018), Nechar disserta que o ativismo gordo nas redes sociais foi fundamental para que o movimento *Plus Size* crescesse e lutasse por seu lugar nas diversas manifestações artísticas.

Esta revisão da literatura mostrou que os trabalhos dentro dos Estudos da Gordura não podem ser descartados como um fenômeno recente em um único assunto. Este campo oferece novas maneiras de explorar a gordura para os sociólogos, até porque revela as limitações das abordagens atuais sobre a gordura dentro da sociologia do corpo. Estes tendem a focar em análises sobre os transtornos alimentares e dietas como substitutos para a gordura, ou eles reiteram o discurso da obesidade dominante sem interrogatório críticos (COOPER, 2010).

Este estado da arte mostra também que no Brasil, por mais que os trabalhos não manifestem contato direto com os estudos críticos da gordura, acampanham uma tendência de analisar o corpo gordo e a própria gordura como questões socioculturais, questionando a padronização dos corpos e relativizando as definições de saúde e doença.

Portanto, os estudiosos da gordura estão interessados em várias questões-chave. Como a gordura é definida e retratada e como isso mudou com o tempo? Como é ser uma pessoa gorda em um mundo que tem envergonha da gordura? Que tipos de discriminação social e econômica os(as) gordos(as) experimentam e como podem ser aliviados? Quais são os fundamentos políticos e ideológicos da “crise da obesidade” e da “guerra à gordura”? Qual o papel da mídia na representação destes corpos?

E partir das segundas e terceiras ondas dos movimentos de aceitação da gordura, outras perguntas vieram à tona: Qual relação entre classe social e o peso? Classe, gênero e raça interfeririam na visão das pessoas sobre os corpos gordos? Haveria diferenças nas representações sociais entre homens e mulheres gordas? Através do estudo da personagem Perséfone e como ela foi socialmente representada, amparada dentro *dos fat studies* e dos estudos feministas, mostrou-se que sim: a gordura também é uma questão de gênero.

CAPÍTULO IV

O MULTIPLO SOFRIMENTO DA MULHER GORDA

O papel social da mulher na sociedade ocidental, por muito tempo, foi de inferioridade. Inicialmente, atrelado ao discurso judaico-cristão ao colocar a mulher como descendente da pecadora Eva que ofereceu o fruto proibido à Adão. Assim, as mulheres, na visão dos religiosos, eram consideradas pecadoras naturais e muito próximas dos prazeres carnis e dos sentidos humanos; eram vistas, dessa maneira, porque todas descendiam de Eva, a culpada pela decadência humana (LEAL, 2012).

Logo, seriam “filhas pecadoras de Eva”, conforme ilustra a expressão: “Não sabes (mulher) que és Eva, tu também? (...) Tu és a porta do diabo, tu consentiste na sua árvore, foste a primeira a desertar a lei divina” (TERTULIANO apud DALARUM, 1990, p.35).

Ao mesmo tempo que este discurso legitimava a submissão feminina, restringindo seus espaços de sociabilidade e de ação, também serviu para a imposição de modelos e ideias de feminidade. Ou seja, o comportamento “correto” de uma mulher. Nesse período, o modelo a ser seguido era a da Virgem Maria. Raquel Lima e Igor Teixeira (2008) dissertam:

Maria acreditou na Anunciação do Anjo Gabriel, obedeceu e, principalmente, se fez escrava dos desígnios divinos. Ela seria a anti-Eva, concebendo sem pecado, tornou-se o protótipo idealizado do feminino. Destaca-se pela pureza sexual e pela maternidade, caminho da remissão às ‘filhas de Eva’. Por intermédio dela a Igreja conseguia oferecer às mulheres uma espécie de saída da condição pecaminosa instaurada pela primeira mulher e mãe, Eva. Para isso, era necessário criar um novo modelo de mulher, ideal e idealizado: a de mãe, esposa e virgem [...] Apesar de o papel de esposa em Maria ter sido desvalorizado em relação aos outros dois, todos eles foram muito importantes nos séculos XII e XIII, pois levaram à valorização do matrimônio. Se a mulher não seguisse o ideal da virgindade e castidade, era preferível, então, que se casasse para ser esposa (servir ao homem) e, principalmente, ser mãe (LIMA e Teixeira, 2018, p.50).

No século XVIII, o pensamento religioso começa a dar lugar para a ciência. O movimento iluminista traz uma série de ideias, tais como: liberdade, progresso, tolerância, fraternidade, governo constitucional e separação Igreja-Estado. O movimento ilustrado quis trazer a razão para a explicação de todas as áreas da vida humana. Se contrapondo ao antigo regime, sobretudo a idade média, que tinha na religião e no sobrenatural as respostas para o mundo. Baseados nessas ideias, temos uma série de revoluções liberais burguesas que defendiam “igualdade” “liberdade” e “fraternidade” para a população que estava cansada de ser explorada pela monarquia. Se todo esse

cenário, de início, parecia emancipar a mulheres, arrancando-as das amarras religiosas, de fato não foi o que aconteceu.

A inferioridade da mulher que antes tinha uma explicação religiosa, passa para a área da fisiologia. As diferenciações sociais e culturais dos sexos passam a ser uma base biológica e isto resultou numa visão de mulher como elemento fraco, dominada pelo útero e pelos ovários, emotiva e conseqüentemente histérica (COSTA, 2014). Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778), importante filósofo iluminista e teórico contratualista, na sua obra *Emílio, ou Da Educação* (2017) considerava as mulheres naturalmente mais fracas e menos racionais que os homens. E assim, portanto, dependentes deles. A mulher, diz Rousseau, foi criada para agradar ao parceiro. O dever do homem de agradar sua mulher não é uma necessidade direta. Seu agrado é natural e vem de sua potência, de sua força: essa é a lei da natureza.

Mesmo com o direito ao voto garantido, no Brasil isso só seria adquirido nos anos de 1930, o papel social da mulher ainda era muito ligado ao lar e a esfera íntima da sociedade. Elas ainda eram vistas como naturalmente dóceis, emocionais, delicadas, românticas e tendo como meta da vida o casamento e a maternidade. Essa biologização do comportamento feminino, todavia, começa a ser questionado. Ao meu ver, duas obras são muito importantes para o início dessa indagação: *Sexto e Temperamento* (2003) e os dois volumes de “*O Segundo sexo*” (1980), que abriria caminho para o início da segunda onda feminista.

Na primeira obra, Margaret Mead (1901 - 1978) ao analisar três comunidades na região da Nova Guiné, encontrou comportamentos diferentes entre homens e mulheres. Na primeira comunidade, os *Arapeshs*, identificou-se que tanto os homens como as mulheres eram de temperamento pacífico e amável. A segunda tribo, os *Mundugumors*, além de ser uma tribo canibal e extremamente competitiva entre eles próprios, tanto homens quanto mulheres tinham um temperamento agressivo e violento. E por último, a comunidade *Tchambuli*, em que homens eram mais passivos e do lar e as mulheres mais agressivas e ativas na comunidade. Assim, se a passividade, por exemplo, é naturalmente feminina e a agressividade naturalmente masculina, como se explica essa diferença encontrada? Dessa maneira, a autora mostra que a internalização de comportamentos se dá através das diversas estruturas sociais que são culturalmente e socialmente moldadas. As quais tem muito mais influência sobre os sujeitos do que simplesmente explicações biológicas, principalmente ligadas aos membros sexuais.

Simone de Beauvoir (1908-1986) também observa que tais comportamento associados as mulheres, são frutos dos processos de socialização do que do que em relação ao órgão sexual com que se nasce, criando uma diferenciação explícita entre sexo (biológico) e gênero (construção social). Portanto, toda a sua argumentação gira em torno do questionamento da existência do chamado “eterno feminino”, visto pela sociedade como algo intrínseco a qualquer mulher e que as prenderia a uma gama restrita de características e, principalmente, limitações (BEAUVOIR, 1970).

Juntamente a isso, ao endossar críticas aos estudos sobre os sexos na biologia (dentro desta área tanto os gametas femininos e masculinos são igualmente importantes, não há hierarquia), na psicanálise (Freud ainda peca ao analisar a mulher como passiva, sendo o libido algo extremamente masculino) e no materialismo histórico (a desigualdade entre os sexos não se resumiria a relação entre infraestrutura e superestrutura, muitas vezes sendo independente desta), percebe que questões sociais e culturais conseguem explicar melhor essa imposição de uma “essência” naturalmente feminina.

É a partir da frase já célebre de O Segundo Sexo "*On ne naît pas femme, on le devient*" ("Não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres"), que as teorias feministas refletem sobre o estabelecimento da diferença entre "sexo" e gênero, desafiando e questionando a noção de que a biologia é determinante para os papéis atribuídos às mulheres e de que existe uma "essência feminina". Assim:

Dentro de um quadro conceptual feminista, a questão proposta por Beauvoir é crucial, visto denunciar o carácter eminentemente artificial da categoria "mulher": um ser humano do sexo feminino "não nasce mulher", antes "se torna mulher", através da aprendizagem e repetição de gestos, posturas e expressões que lhe são transmitidos ao longo da vida (AMARAL, 2011, p. 110).

Portanto, essa “natureza feminina” que vê no relacionamento amoroso e no casamento objetivos primordiais para as mulheres, na verdade, é construído. Desde a infância, através dos processos de socialização primária e secundária, as garotas são ensinadas que estar sozinha e solteira é algo negativo, as colocando cada vez mais a se preocupar com a esfera privada de suas vidas. Porém, a categoria “mulher” não é única. Os discursos de poder e de controle dos corpos vão além. A raça, a orientação sexual, identidade de gênero e porque não a gordura são fenômenos que podem trazer novas interpretações sobre os corpos femininos. O enfoque deste trabalho será a gordura e como essa questão interfere na vida da personagem enquanto mulher. Todavia, sabe-se que ao

tratar de uma personagem que mesmo gorda é branca, heterossexual, classe média, ensino superior completo e cisgênero, também está inserida em outros níveis de poder.

Logo nos primeiros episódios já percebe-se que “encontrar o amor da sua vida” é algo que move Perséfone. A sua amiga, a médica Glauce, está preste a registrar uma criança que não nasceu no hospital a pedido do homem que gosta. Por mais que ficasse receosa, Perséfone acha bonita a atitude:

Você está se arriscando demais! (tom nervoso). É loucura colocar no prontuário que esse bebê nasceu aqui! Ei, espera (pausa longa) você não está pensando apenas no bebê (pausa longa) você está fazendo isso por amor também. Você ama esse homem! (tom de romance). Eu nunca me apaixonei assim, mas, meu sonho é amar alguém como você ama ele. Dá para ver nos seus olhos que você está desesperada porque não aguenta o sofrimento desse homem, você quer dar alegria para ele. Queria viver um amor assim (tom romântico). Está bem! Eu assino o prontuário e o bebê nasce aqui (tom convicto). (Fala de Perséfone/Capítulo 2).

No capítulo 6, ao descobrir que a melhor amiga, Patrícia, foi traída, ela tenta consolá-la, mas ainda a incentiva a encontrar um novo homem porque o sonho de toda mulher é encontrar alguém:

Ser traída não é fácil, mas esse sentimento vai passar! (tom de otimismo) Quem sabe você não vai conhecer um cara legal? O sonho de toda mulher é conhecer um cara para se ter uma relação estável (tom romântico e de encanto). Eu sonho com isso todos os dias (olhos brilhando). Só de eu casar, ter filhos e uma família (pausa curta) seria uma mulher muito feliz! Ele não era o homem certo para você (Fala de Perséfone/Capítulo 6).

Dois capítulos a frente, o assunto “relacionamento amoroso” continua em pauta para a personagem. Perséfone e sua melhor amiga vão ao bar. O garçom fica nervoso ao ver Patrícia e a enfermeira comenta:

O garçom que veio aqui ficou muito nervoso ao te ver. Você consegue seduzir os homens! Queria muito que um homem desse chegasse em mim! (tom de esperança). Se conseguisse ele eunão

soltaria nunca mais. Eu nunca chegaria em um homem, sou muito tímida (Fala de Perséfone/Capítulo 8).

Patrícia não entende essa timidez. As duas vão para o apartamento de Perséfone e veem Joana no sofá. Patrícia pergunta para a colega de quarto da amiga porque ela é tão tímida. Joana fala que tudo isso não é timidez e sim medo, já que mesmo com 40 anos ainda é virgem. Perséfone tenta negar, mas acaba desabafando:

Sou virgem mais ou menos (tom de negação). Está bem, sou virgem mesmo e daí? (tom de tristeza). No final, quem vai me querer? Nem sei por onde começar a arranjar um homem! (Fala de Perséfone/Capítulo 10).

A sua amiga fica assustada com a informação. Não consegue conceber como alguém em pleno século XXI ainda não fez sexo. Mas, promete ajudar Perséfone a encontrar um homem. E a partir daqui, começa a “aventura” da personagem de encontrar um homem e perder a virgindade.

O primeiro “pretendente” é um técnico de enfermagem que trabalha no mesmo hospital que as duas. Patrícia descobre todas as informações sobre ele e o chama para sair. Ela avisa Perséfone para ir no bar próximo ao hospital que iria apresentar os dois. A noite chega e os três estão no bar. Mas, o homem só tem olhos para Patrícia, deixando Perséfone desconfortável e triste. Após as duas saírem do bar, Perséfone fala:

Grande amiga você é (tom irônico)! Promete ajuda com o “bofe” e na hora H você cante ele. E quer saber? Tudo bem! Pode ficar com ele! Mas, saiba que fiquei muito magoada. Ele quer sair com você e não comigo (voz triste)! (Fala de Perséfone/Capítulo 11).

Patrícia pede desculpas para a amiga e elas vão para o apartamento de Perséfone e pedem uma pizza. A enfermeira continua falando:

Se você continuar a comer tanta pizza vai ficar assim como? Gorda como eu (voz triste)? Eu sei que eu estou “fora de forma”! Nem sei o que deu na minha cabeça de achar que aquele enfermeiro gato iria querer algo comigo. Olha para você Patrícia, toda gata, magra que chega nos lugares e consegue pegar todos os homens que quiser. Comigo essa questão é diferente. Homem

se aproxima de mim só para perguntar aonde fica o banheiro. Mas, agora, vou seguir seus conselhos e não vou esperar o amor da minha vida aparecer para perder a virgindade, vou ficar contente de achar qualquer homem que queira me pegar (tom melancólico). (Fala de Perséfone/Capítulo 12).

O próximo homem será Daniel, o fisioterapeuta do hospital. Michel que é o interesse romântico de Patrícia afirma que também irá ajudar Perséfone a tirar a virgindade, convencendo Daniel a sair com ela. E a aconselha a fazer de difícil porque os homens não gostam de mulheres fáceis. Perséfone absorve o conselho e fica feliz:

Você acha que o Daniel pode realmente ser o cara certo para eu perder minha virgindade? Ok! É para me fazer de difícil né? Estou pronta! Pode chamar ele, Michel. (Fala de Perséfone/Capítulo 14).

No outro dia, Perséfone continua suas investidas no fisioterapeuta:

Oi Daniel (tom de felicidade)! Ontem a gente mal se viu lá no bar. Aliás, estou com uma dorzinha aqui no pescoço. Você poderia fazer uma massagem em mim? (Fala de Perséfone/Capítulo 15).

Porém, vê que suas iniciativas não parecem dar resultado:

O galeto me deu uma massagem sensacional! Fiquei até com calor (tom malicioso)! Mas, não rolou nada demais. Eu achei que ele demorou mais do que devia na massagem, mas vai que é coisa da minha cabeça?(Fala de Perséfone/Capítulo 16).

Michel decidiu dar uma força a mais e vai falar direto com Daniel sobre o interesse de Perséfone por ele. Nesse diálogo, Daniel ri e menciona o peso da personagem como algo que o faz não ter vontade de chama-la para sair. Michel conta para o fisioterapeuta que Perséfone é virgem e pede para o amigo fazer uma “caridade”.

A enfermeira recebe a notícia de que Daniel aceitou sair com ela e fica toda feliz:

É a minha grande noite! Baton está ok! Roupa está ok (tom ansioso)! Ali está ele! Não sei se vou aguentar! (Fala de Perséfone/Capítulo 21).

No outro lado do bar, Daniel está bebendo muito para criar coragem para levar a personagem para a cama. Os dois acabam indo para o apartamento de Perséfone. Enquanto ela quer tudo perfeito e com extremo romantismo, Daniel tira a roupa e apressa o possível para que aquela situação acabe logo. Completamente alterado pela bebida, menciona sobre a questão de “fazer a caridade” e é expulso da casa por Perséfone:

Você gostou do cenário? Que bom! Eu quero que essa noite seja incrível e com tudo que eu tenho direito (tom romântico). Velas, pétalas e clima. Eu cuido dos detalhes pequenos e você cuida dos detalhes maiores (voz maliciosa). (Fala de Perséfone/Capítulo 21)

Você tirou a roupa tão rápido, Daniel! Até parece que você está com pressa! Eu tenho que tirar já a minha camisola? Ok! Estou esperando por esse dia por toda a minha vida. Ei, espera! Você está fazendo caridade (tom de indignação)? Eu não preciso de caridade! Saía da minha casa agora (berrando)! (Fala de Perséfone/Capítulo 21)

No dia seguinte, comenta com Patrícia:

Ontem era para ter sido minha grande noite (tom frustrado)! Tinha escolhido o Galetto e toda a decoração do ambiente. Fomos até meu apartamento e para mim iria acontecer tudo de maneira tão romântica, estava me sentindo a própria Cinderela. Para no final ele falar que estava fazendo caridade. Aí dei uma louca e expulsei ele da minha casa. (Fala de Perséfone/Capítulo 22).

E assim por diante, a personagem vai passar por várias situações, na maioria constrangedoras para tirar sua virgindade: vai dar em cima do garçom da lanchonete do hospital, do psicólogo, do advogado recém contratado e um enfermeiro adepto ao sadomasoquismo. Em situações mais absurdas ainda, liga pedindo pizza para paquerar o empregador e até mesmo ser vítima do golpe “boa noite cinderela” ao cair no papo de dois homens em uma festa. Ao chegarem no apartamento, levam tudo o que encontram pela frente, a deixando inconsciente. E a cada rejeição e confusão que Perséfone entra para encontra alguém e perder a virgindade, a sua baixa autoestima fica mais intensa:

Ontem à noite eu bebi demais e acabei dando mole para o Valentim e agarrei ele dentro do carro. Não deu nada pois ele atendeu o telefone e disse que a irmã dele tinha ligado e que precisava, ir (tom de desconfiança), mas acho que foi só desculpa para se livrar de mim. (Fala de Perséfone/Capítulo 25)

Você é um homem tão calado! Tem cara de ser uma pessoa que mais ouve do que fala. Sabe, hoje estou a fim de relaxar e dormir numa cama bem gostosa (voz maliciosa)! Eu não acerto uma! Sua virgem gorda burra (falando com ela mesma)! (Fala de Perséfone/Capítulo 30).

Por que nunca dá certo de eu perder minha virgindade? (Fala de Perséfone/Capítulo 49).

Quando eu morrer, vou pedir para ser empalhada como o último exemplar de mulher virgem intacta nesse mundo (tom indignação)! (Fala de Perséfone/Capítulo 56).

Nossa moço (tom nervoso)! Tirar a calcinha, já assim? Sem nenhum romantismo? Ei! Espera (tom de indignação)! Quer “fazer amor” comigo e ganhar uma gorjeta maior? Não sou mercadoria para ser moeda de troca não! Saí da minha casa agora e leva essa pizza idiota junto! (Fala de Perséfone/Capítulo 60).

Eu já tinha ouvido falar nesse golpe, mas o cara era tão gato! Senhor delegado, não tinha como eu adivinhar que minha noite terminaria assim. Tá vendo como uma virgem gorda sofre? (Fala de Perséfone/Capítulo 75).

Eu perdi quase tudo lá em casa, menos a virgindade. (Fala de Perséfone/Capítulo 75).

Essa percepção de reprodução dos discursos tradicionais sobre as mulheres é reafirmada por Lopes (2014), a qual disserta que a mulher ocupa um grande espaço na mídia televisiva, visto que muitos programas, em particular os ficcionais, são dirigidos a elas. No entanto, isto não faz com que as representações da mulher na televisão sejam mais generosas com projetos de emancipação feminina. Pelo contrário, com poucas exceções, os programas de televisão perpetuam uma imagem de submissão feminina (LOPES, 2014).

A telenovela apresenta algumas aberturas ideológicas no tocante às relações pessoais e oportuniza a discussão de assuntos considerados tabus, como o sexo. Do mesmo modo, apesar de não ser esta representação hegemônica, ela mostra mulheres autônomas, que alcançam a independência pessoal através do trabalho. Ao mesmo tempo, a telenovela reproduz um modelo feminino tradicional, que vincula a mulher ao papel de mãe, prioritariamente, esposa e dona de casa, deixando a esfera pública como campo de atuação majoritariamente masculino (LOPES, 2014). Assim, entende-se que há uma abertura nas representações das mulheres, no entanto, não se percebe uma abordagem propriamente igualitária dos gêneros.

Pode-se, também, identificar certos tradicionalismos/conservadorismos de composições femininas, como a maternidade, a busca pelo amor, dedicação à família, que mesmo que estejam acompanhadas em personagens “bem resolvidas”, podem acabar se tornando características mais marcantes e centrais do que o profissionalismo e o trabalho das mesmas. Sifuentes (2010) aponta a problemática de que não parece ser possível conciliar felicidade profissional com a felicidade afetiva, percebendo que, o modo como homens e mulheres são ligados ao trabalho nas telenovelas chega a ser divergente. Dessa forma, permanece-se a representação do feminino vinculado ao espaço privado, enquanto que o masculino, ao público. Existem ainda certas abordagens características na telenovela que, aponta, fazem com que a realização feminina, assim como o fracasso, permaneça ligada às conquistas morais (casamento, maternidade, a manutenção do corpo) (HAMBURGER, 2005).

Essas abordagens tradicionais de papéis são sempre bem marcadas, principalmente no que diz respeito aos personagens principais, que são mães, esposas, muito presentes no recinto doméstico, ligadas às emoções, a família, em busca de um par romântico e conseqüentemente no objetivo final que é o casamento e a maternidade. Outra bipolaridade que marca as tramas novelísticas, e que se concentra principalmente nas personagens femininas, é a rápida perda do controle racional, a marca do emocional fragilizado, em que, no caso delas, “[...] é comum vê-las caracterizadas em razão de sua sensibilidade exacerbada, com traços frequentes de histeria emocional” (FABRÍCIO, 2004, p.3).

E não é apenas suas falas ou ações que explicitam sua construção, enquanto personagem, de maneira feminina tradicional, existem outras formas que reafirma essa

representação e um desses detalhes é o figurino. Abaixo foi selecionado algumas utilizadas pela personagem no decorrer da trama:

Figura nº 18

Figurinos de Perséfone durante a novela



Fonte: < <https://caras.uol.com.br/fashion/roupas-mulher-plus-size-fabiana-karla-persefone-amor-a-vida-dicas-moda.phtml>> Acessado em 26 de outubro de 2019.

Figura nº 19

Figurinos de Perséfone durante a novela



Fonte: <https://caras.uol.com.br/fashion/roupas-mulher-plus-size-fabiana-karla-persefone-amor-a-vida-dicas-moda.phtml>. Acessado em 26 de outubro de 2019.

Figura nº 20

Figura nº 21

Figurinos de Perséfone durante a novela



Fonte: <https://espelhodoglamour.blogspot.com/2013/11/inspire-se-no-visual-da-persefone-de.html>. Acessado em: 26 de outubro de 2019.

Figura nº 22

Figurino de Perséfone durante a novela



Fonte: <https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/amor-a-vida-daniel-e-persefone-comecam-a-namorar/>. Acessado em 26 de outubro de 2019.

Figura nº 23

Figurino de Perséfone durante a novela



Fonte: <https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/amor-a-vida-daniel-e-persefone-comecam-a-namorar/>. Acessado em 26 de outubro de 2019.

Marceira e Andrade (2016) afirmam que a roupa, ao longo da história nas sociedades ocidentais, foi indicador de gênero, de hierarquia, posição social, religiosidade e da

profissão exercida. Tais indicações eram claramente projetadas através da roupa utilizada. Além disso, a roupa funcionou como ferramenta de controle social e de manutenção de valores. O ideal feminino do século XIX, por exemplo, era de que a mulher fosse “frágil” e de que sua função fosse voltada, intrinsecamente, para a instituição familiar. Sabe-se que hoje as roupas que as mulheres utilizam se modernizaram muito. Inicialmente a utilização de calças, a revolução da minissaia e até mesmo a diminuição do tamanho dos biquínis foram mudanças que deram mais autonomia para as mulheres sobre seus próprios corpos. Porém, em relação a personagem analisada pode-se perceber que a reprodução da feminilidade clássica na sua vestimenta.

Inicialmente, a presença predominante de vestidos, da cor rosa ou com algum elemento rosa e de cor pastéis personificam o ar de romântica e ingênua da personagem. Depois, os acessórios, o cabelo escovado ou trançado, as unhas feitas, ou seja, ela sempre arrumada reforçando a personalidade feminina da personagem.

O cenário (figura 24) do quarto da personagem, não foge dessa lógica. O lugar que seria seu aconchego e intimidade também tem a cor rosa, servindo como um quarto de princesa. Incluindo o quadro da deusa Afrodite (deusa grega do amor, da beleza e do sexo). Ou seja, tudo é bem pensado para complementar a subjetividade da personagem.

Figura nº 24

Cenário do quarto de Perséfone



Fonte: <https://casadenovela.wordpress.com/tag/casa-da-persefone-cabeceiras/>. Acessado em 26 de outubro de 2019.

Toda essa construção da feminilidade tradicional explica a importância que a virgindade tem para Perséfone. Embora nos dias de hoje, a mulher tenha mais liberdade

sexual, inclusive para o “sexo casual”, o pensamento judaico-cristão ainda está muito presente no discurso da sexualidade feminina. Mirian Goldenberg (2017) cita que este campo é uma constante luta de forças entre progressismo e conservadorismo. A autora defende que a sociedade vive em uma cultura patriarcal que está perdendo suas bases, mas ainda existe. Afirma ainda que a virgindade sempre foi usada como se fosse algo precioso para a mulher. Perséfone teve algumas oportunidades de perder a virgindade, mas desistiu por não ser o “amor da sua vida” ou seu “príncipe encantado”. Assim, reafirmando a máxima equivocada que para as mulheres sexo e amor são coisas inseparáveis, frase que readapta a questão da virgindade ligada ao casamento.

Ao mesmo tempo, essa vergonha que a Personagem sente, o que pode explicar sua virgindade na vida adulta, pode ser a angustia de não corresponder à imagem da mulher com o corpo perfeito que é propagado na sociedade lipofóbica da atualidade, já que como vai ser visto lá na frente, ela sempre foi gorda. Goldenberg (2004) fala que em uma sociedade altamente erotizada no plano da mídia e da moda, que privilegia cada vez mais o “corpão”, a cama pode ser o palco de uma tremenda frustração. Assim: “Diante da impossibilidade de exibir esse padrão, o desejo é pouco a pouco reprimido, até sumir de vez ou transubstanciar-se em neuroses (GOLDENBERG, 2004, p.44).

Junto a isso, a predominância das mulheres no hospital nas profissões de enfermeira, ou seja, nas áreas de cuidado, incluindo a personagem também só reafirma os comportamentos sexistas em relação as mulheres.

Portanto, percebemos como a questão de gênero é fundamental para compreender as representações sociais que a mídia passa sobre as mulheres. Gênero, dirá Judith Butler (2003), é performativo. Ou seja, é algo que as pessoas fazem, e não que são naturalmente. De acordo com Butler, uma pessoa não nasce com uma identidade de gênero que as leva a se comportar de maneira particular, em vez disso, elas são percebidas como tendo uma identidade de gênero por causa do modo como andam, conversam e se apresentam. Como esses atos são constantemente repetidos, acabam sugerindo uma identidade de gênero fixa (BUTLER, 2003). O jeito de vestir de Perséfone, seu modo de falar e até mesmo seu comportamento a colocam como reprodutora da feminilidade clássica, a diferenciando, por exemplo, do masculino. E me fez perguntar, se fosse um homem em seu lugar, tais padrões seriam os mesmos ou se diferenciaria?

Portanto, Gênero aqui entendido como uma categoria fluída que se refere aos papéis sociais destinados a homens e mulheres, ou seja, ideias de feminilidade e

masculinidade que pode se diferenciar de sociedade para sociedade e de tempos históricos (SCOOT, 2019).

Todavia, ainda não se mencionou a questão da gordura. Ela interferiria nessas expectativas performáticas normativas que são destinadas as mulheres? Voltando a Butler (2003), a teórica argumenta que as feministas formaram novas construções do que significa ser mulher. Isso quer dizer que elas presumem que o gênero é real e que as mulheres como um grupo compartilham algum tipo de natureza ou realidade cultural comum (BUTLER, 2003). Nesse ponto, acredita que “mulheres” não existem realmente afirma que não há um ponto de vista único, uma essência ou experiência de vida compartilhada por todas as mulheres que signifique que elas devam ser agrupadas em uma categoria única. Assim, por mais que Perséfone sofra com os padrões que são impostos a ela, por ser mulher, a gordura em seu corpo lhe dá experiências de opressão distintas.

Um estudo de *Harvard Public Health* publicado no ano de 1993 no *New England Journal of Medicine* descobriu que, em comparação com outras mulheres, aquelas que são gordas na adolescência ou início da adolescência são mais propensas a:

- a) Terem uma renda familiar média de US \$ 6.710 menor do que as outras mulheres (que ganham, em média, 60 centavos a cada dólar que um homem ganha)
- b) São 10% mais propensos a viver na pobreza do que outras mulheres
- c) Média de quatro meses a menos de escolaridade
- d) São 20 por cento menos propensos a se casar

A mesma pesquisa encontrou pouca disparidade econômica, educacional ou conjugal entre homens de tamanho médio e aqueles que eram gordos. Isso não quer dizer que homens gordos não sofrem discriminação de tamanho, mas de fato quem sofre mais com a gordura corporal são as mulheres. Fato comprovado pelas descobertas do estudo já que os próprios pesquisadores atribuíram à discriminação, pela primeira vez, nas próprias palavras do estudo, "que o excesso de peso pode ser um determinante importante do status econômico e matrimonial das mulheres nos Estados Unidos" (STIMSON, p.13, 1993). A ligação entre gordura e gênero finalmente se explicitou.

A partir do exposto, já conseguimos notar três núcleos de sentidos básicos para Perséfone: a busca do amor romântico, a perda da virgindade e o seu corpo gordo. Tais núcleos, juntei em uma categoria que nomeei de “múltiplos sofrimentos da mulher

gorda”. E tal categoria, reproduz muito mais o discurso hegemônico do papel social da mulher gorda do que contribui para seu questionamento. Em outras palavras, defendo que a gordura é um fator que prejudica as mulheres, cuasando múltiplos sofrimentos a elas.

O sofrimento, enquanto sentimento humano, era imaginado como uma experiência universal. Este paradigma está ligado a uma espécie de “realismo ingênuo” segundo o qual o amor, a chuva, o casamento, os cultos, as árvores, o sofrimento, a morte, a comida e mil outras formas de realidade têm o mesmo significado para todos os seres humanos (PUSSETTI e BRAZZABENI, 2011).

Todavia, a partir de uma análise analítica, o sofrimento começa a ser visto como um fato especificamente social. O mal-estar não pode ser explicado sem se levar em conta as dinâmicas sociais e os interesses políticos e econômicos que o constroem, reconhecem e nomeiam (PUSSETTI e BRAZZABENI, 2011).

O sofrimento social, nesta perspectiva, resulta de uma violência cometida pela própria estrutura social e não por um indivíduo ou grupo que dela faz parte: o conceito refere-se aos efeitos nocivos das relações desiguais de poder que caracterizam a organização social. Alude, ao mesmo tempo, a uma série de problemas individuais cuja origem e consequência têm as suas raízes nas fraturas devastantes que as forças sociais podem exercitar sobre a experiência humana (PUSSETTI e BRAZZABENI, 2011).

Assim, as mulheres que estão dentro do padrão, como as magras, brancas, heterossexuais, cisgênero e de classes abastadas, por mais sofram opressão, tem mais facilidade de cumprir as expectativas normativas que são esperadas delas enquanto mulheres. Já as que fogem deste padrão, sofrem de várias formas. Ao mesmo em que são coagidas a agirem como os modelos impostos pela sociedade, sofrem por terem mais dificuldade de cumprir tais modelos. E Perséfone é um exemplo disso. Seu maior sonho é ter um homem e a personagem sempre se encontra produzida, seja através de roupas ou produtos de beleza (ambos os comportamentos se esperam dela, enquanto mulher), mas não consegue cumpri-lo por não estar no padrão de beleza relacionado ao desejo heterossexual (corpo gordo). Assim, se autodeprecia o tempo todo, se comparando as suas colegas magras, como se ela própria fosse a única culpada por se sentir sozinha e “encalhada”.

A partir dessa percepção que a gordura afeta homens e mulheres de formas diferentes é que surge o feminismo gordo, iniciado nos anos 60, mas visto mais como um fruto da terceira onda feminista, ou também conhecido como o feminismo do corpo positivo (BOLING, 2011). O principal foco do movimento é a eliminação do preconceito

percebido contra pessoas gordas, principalmente as mulheres. Já que estas são vistas como preguiçosas, que comem alimentos não saudáveis com mais frequência do que deveriam, são consideradas feias, improdutivas e não-namoráveis. Susie Orbach no famoso livro “A gordura é uma questão feminista” (1978) afirma: “A gordura é uma questão feminista. Ela é um problema social, nada tem a ver com a falta de controle ou de força de vontade da mulher” (ORBACH, 1978, p.5).

Castilho (2014) afirma que a questão da gordura feminina não é produto da individualidade, mas respondem a um contexto sociopolítico: capitalista, patriarcal, heterossexual, ocidental, etc. que regula e mercantiliza as subjetividades, as afeições e que fariam elas se sentirem subalternas em relação as outras pessoas na sociedade. Até porque na medida em que se precisa do olhar do outro para que haja atos de reconhecimento, estes têm filtros que enquadram os corpos femininos de maneira diferenciada, fazendo com que a mulher haja de determinada maneira, principalmente para agradar aos olhares masculinos. Ela faz esta afirmação a partir do seu próprio relato enquanto mulher que sempre foi gorda:

Cuando tenía más o menos 10 u 11 años hice mi primera dieta "real". Antes, realizaba uno que otro esfuerzo frente a la burla de los chicos, esconderme cuando comía, parecer que comía menos, ocultando mi ansiedad en solitario, robando chocolates que escondían mis padres para que dejara de comer tanta mierda... Ya iba a empezar la pubertad y pensaba lo triste y sola que sería mi vida si seguía siendo gorda (CASTILHO, 2014, p.36).²⁶

Portanto, a gordura no corpo das mulheres é totalmente diferente do que seria a de experimentar nos corpos dos homens. Os homens gordos são vistos, geralmente, como os divertidos, alegres, bons churrasqueiros e entendedores de cerveja, valentões e protetores, muitas vezes, possuidores de vastos recursos econômicos. Enquanto as mulheres são as eternas amigas inteligentes da menina bonita e burra da escola. A gorda vista como *nerd*, sempre com livro ou comida em mãos, sem corpo sexuado, a gordinha sempre legal, mas nunca bonita (CASTILHO, 2014), representando uma maneira de não ser rejeitada pelo grupo de referencia. Trata-se de uma explícita condição de subordinação.

Rebecca Puhl (2012) confirma a visão de Castilho e mostra que as mulheres gordas enfrentam julgamentos mais severos que os homens. As observações sobre a temática podem começar, por exemplo, quando o índice de massa corporal de uma mulher está na faixa de excesso de peso, enquanto para os homens a vergonha tende a começar quando são considerados “obesos” (PUHL, 2012). As mulheres também relatam ter três vezes mais vergonha e discriminação do que os homens com igual corpulência.

Além de mostrar as diferenças em relação à gordura entre sexos, o feminismo gordo também, vem tentando acrescentar mulheres gays e negras, já que elas viveciam a gordura de maneira diferenciada. Em relação a primeira temática, Castilho mostra que o desejo entre as lésbicas ainda é muito enraizado nos padrões heteronormativos. Assim, se no senso comum as mulheres lésbicas seriam mais compreensivas em relação aos corpos, por terem consciência da opressão que as mulheres sofrem, na realidade, as mulheres gays ainda desejam os corpos magros e sarados.

Em relação a raça, Apryl A. Williams (2017), em suas pesquisas percebe que as mulheres gordas afroamericanas usam seu peso e estilo pessoal como uma forma de

²⁶ Quando eu tinha 10 ou 11 anos, fiz minha primeira dieta "real". Antes fazia um ou outro esforço em frente ao escárnio dos meninos, escondendo quando eu comi, parecia que eu comi menos, escondendo minha ansiedade sozinha, roubando chocolates que meus pais escondiam então eu pararia de comer tanta merda ... eu ia começar a puberdade e eu pensei em como era triste e solitário essa seria a minha vida se eu ainda fosse gorda.

combater os padrões de beleza dominantes que historicamente foram definidos pela branquitude (WILLIAMS, 2017). Além disso, a representatividade das mulheres gordas e negras, se comparado as brancas, tanto na sociedade, quanto no próprio movimento feminista gordo ainda é pequeno, principalmente pelo privilégio branco. A autora ainda mostra que apenas 14% dos 1018 papéis em programas de TV em horário nobre em 2017 retratam mulheres gordas e este número cai ainda mais quando se relaciona com mulheres gordas negras (WILLIAMS, 2017). E quando estas aparecem são retratadas, muitas vezes de maneira mais sexualizada que as gordas brancas.

No Brasil, não consegui encontrar textos que corerlacionassem diretamente a questão da raça com o peso. Porém, no texto “Sobre a Invenção da Mulata” (1996), Mariza Corrêa mostra como a questão da mulata, simbolizado no seu máximo pela globeleza, é posta como a mulher negra “fogosa” e extremamente sexual. Aquela que transpira “chieros de ervas e especiárias”, que atissam o homem. E assim, refletindo sobre esta questão, lembrei de uma outra personagem gorda: a Zéze, que foi interpretada por Cacau Protásio na novela Avenida Brasil que foi exibida em 2012 na faxa das 21 horas na Rede Globo. Ela era uma empregada doméstica gorda e negra que tinha como principal caractrsitica ser escandalosa e fogosa. Tais informações, podem dar, pelo menos um nuance, sobre como a relação entre raça e gordura se dá na sociedade brasileira.

Assim, por mais que o interesse de análise não seja focado na raça, essa diferença já diz muitas coisas. Perséfone é uma perssonagem gorda, mas branca. Será que isso pode explicar a sua escalação para ser uma enfermeira com ensino superior, “pura”, que mora em uma casa confortável e tem condições de sair para socializar em um bar de classe média? Se ela fosse negra, teria as mesmas charactersiticas?

Percebe-se que o autor faz Perséfone reafirmar sua feminilidade constantemente, seja através da sua busca incansável pelo seu “príncipe encantado” ou por sua caracterização sempre nos tons rozas e pasteis, trazendo ar de ingenuidade e romântica. É como se Walycir visse a gordura da personagem a transformando em “menos mulher”, e por isso mesmo, tendo que reafimar outras características que lhe trouxessem feminilidade. Portanto, o autor da novela, ao invés de pegar tais papeis sociais femininos e subvertelos, os reforça. E ao ter uma personagem fora dos padrões estéticos predominantes, aproveita-se disso para ridiculariza-la, cusando humor.

CAPÍTULO V

O CORPO SOCIALMENTE INFELIZ

Depois de muita confusão, Perséfone acaba começando a se relacionar com Daniel (o mesmo que quis levá-la para a cama por caridade). Os dois se aproximam lentamente, principalmente quando Perséfone o ajuda com sua irmã autista. Inicialmente, como amigos confidentes. Após levar um fora e ao encontrar a personagem, Daniel a chama para sair. Perséfone fica assustada, mas aceita:

Oi Daniel! E essa cara murcha aí? Você levou um fora? Mas, vocês não estavam namorando de verdade né? Vocês estavam mais ficando do que em um relacionamento sério! Olha, lembra que algum tempo atrás você me disse eu não devia pensar apenas em perder minha virgindade, mas encontrar um cara que fizesse um diferencial para mim. Não achei esse cara, mas, estou te devolvendo o conselho. Você só procura mulheres gostosas para o sexo. Então, o que você falou para mim, pode servir para você também! Que? Você quer me chamar para sair? Tá de brincadeira né? Vamos parar porque se não viu ficar sentida com você (tom sério). Tá me chamando sério? Você não está fazendo caridade porque viu uma guarda sozinha e quer levar ela para jantar? Eu topo sair com você sim! (Fala de Perséfone/Capítulo 112).

No próximo capítulo, Perséfone pede ajuda de Patrícia para se arrumar e comenta:

E aí, Patinha? O que você achou? Eu tô bem? Não é apenas Daniel, é o Daniel (tom encantado)! Mas, olha só, hoje é diferente! Ele me convidou para um encontro! Por isso te chamei para me ajudar com a roupa e a maquiagem porque não tenho experiência em sair para o encontro com alguém. Você sabe como o mundo é preconceituoso. Fui em uma boutique ontem e não tinha nada no meu número. Parece que para ser fashion tem que ser magra! Meu celular tá tocando! É ele! Vou descer! Me deseje sorte! (Fala de Perséfone/Capítulo 113).

Ao descer e ver Daniel com flores nas mãos ela se emociona:

A gente vai para algum velório? As flores são para mim? Nossa! Quando te vi com essas flores nunca pensei que seriam para mim. Eu nunca recebi flores de um rapaz. Esse início de encontro já está especial! (Fala de Perséfone/Capítulo 113).

Já no restaurante, a personagem ainda fica sem acreditar que tudo aquilo está acontecendo:

Daniel, ainda não acredito que você me chamou para sair (tom emocionado)! Éramos amigos há tanto tempo. Mas, não tô entendendo essa história toda. Você vive me apresentando suas namoradas, uma atrás da outra, para a sua amiga gorda aqui. Desde que viramos amigos, eu sempre ouço suas aventuras sexuais. Olha, preciso de falar uma coisa (tom sério): eu sou gorda e gorda nesse mundo serve apenas para ser a amiga e nunca para ser amada. Tem certeza que quer tentar algo sério comigo? (Fala de Perséfone/Capítulo 113).

Daniel afirma que sim e fala que estava cansado de sair com mulheres as quais não conseguia conversar e que Perséfone pode ser a mulher ideal para ele. O fisioterapeuta leva Perséfone para casa e ambos se beijam. Ela até cogita em chama-lo para o seu apartamento, mas, ao pensar melhor, desiste:

Nosso encontro foi maravilhoso! Eu acho que sempre gostei de você, só não queria acreditar. Quando você me disse que eu deveria encontrar o homem certo, me perguntava se esse homem não era você. Eu acho melhor a gente subir para meu apê não. Eu não quero que essa noite maravilhosa seja apenas mais uma corrida para perder minha virgindade. Eu quero ter um conto de fadas em que você fosse o meu príncipe (tom romântico). Quando eu cresci e engordei, nunca pensei que encontraria um príncipe. E você é meu príncipe. Deixa eu viver esses contos de fadas? (Fala de Perséfone/Capítulo 113).

A partir desse momento os dois começam a sair com frequência e assumem um namoro. Perséfone se sente a mulher mais realizada do mundo. Daniel parece estar feliz também, mas começa a ouvir várias piadas em relação ao seu relacionamento. Alguns colegas do hospital comentam: “por que você escolheu a gorda?” Ou “A baleia está vindo”. Até mesmo Michel (namorado de Patrícia e amigo próximo de Daniel e Perséfone), comenta de maneira sarcástica sobre o relacionamento:

Você levou flores para Perséfone? Ela não é tão difícil para chegar a esse ponto, bastava apertar o botão do elevador. Ela quer que você seja o príncipe encantado dela? Você como príncipe eu até entendo, mas imagina a Perséfone em um conto de fadas? Você já viu a “bela adormecida”, “branca de neve” ou a “cinderela” gorda? Suponhamos que daqui 100 anos ela seja a bela adormecida, a cama vai estar afundando. Você passou o rodo nesse hospital! Tem certeza que quer ficar com a gorda? Vai se exercitando para poder segurar a gordinha.

Após pedi-la em casamento, os comentários não melhoram. Inclusive, a irmã do Daniel vai até o apartamento de Perséfone tenta convence-la de não se casar com ele:

Você é uma gorda, feia, ridícula e que vai estragar a vida do meu irmão caso vocês se casem! O Daniel pode encontrar alguém melhor que você! Se olha no espelho, Perséfone! Isso se couber nele! Você acha mesmo que meu irmão bonitão merece casar com uma gorda? Vocês vão andar na rua e o pessoal vai achar que é uma piada. É bem provável que você fez o papel de coitadinho e o burro do meu irmão ficou com pena. Além de gorda você é pobre, vive uma vida sem luxo! Tudo isso só vai atrasar a vida do Daniel (Fala da irmã de Daniel/Capítulo121).

Perséfone responde:

Você está falando que não posso ser feliz porque eu sou gorda? Eu e o Daniel nos amamos! Pobre eu não sou não! Tenho meu apartamento, meu salário e não estou com dívidas! Posso te fazer uma pergunta, foi o Daniel que pediu para você vir aqui falar com você? Não? Ótimo! Então eu vou falar umas coisas para você! Se eu pudesse te atiraria pela janela (falas a seguir todas aos berros)! Eu falo como eu quiser! Eu estou no meu apartamento! Você acha que vai me passar medo, falando que eu não vou caber no espelho? Olha aqui, eu passei a minha vida inteira ouvindo isso! Ninguém perdoa gordo não! Ninguém quer saber se é um problema hormonal ou outro tipo de problema, só querem saber de julgar! Sempre fui a garota gorda da sala, depois cresci e continuei gorda e ainda ouvindo piadinhas! Algumas doem, mas você acha que tenho medo de você? Saí da minha casa agora! Quem você pensa que é para se intrometer na minha vida (berro e choro)? (Fala de Perséfone/Capítulo 121).

A enfermeira conta tudo para Daniel e repensa se a irmã dele não estaria certa:

A sua irmã veio aqui e me pediu para não casar com você (fala ao choro). Ela disse que eu iria entregar a sua vida. E disse que você é um gato e que eu sou gorda e que nos dois seremos uma piada. Mas, agora eu fico pensando se ela não tinha razão, sabe? Minha vida toda eu ouvi tantas coisas ruins. No máximo um elogio era: “é gordinha, mas até que é bonitinha”. Na escola eu sempre era a chacota da turma e quando eu cresci não mudou muita coisa, para ser honesta. No hospital as pessoas falam: olha lá a enfermeira gorda. Eu tô chorando pela gente, e se o nosso casamento não der certo? (Fala de Perséfone/Capítulo 121).

Daniel a consola e fala que isso não vai ficar assim. Ambos vão até a casa dos pais dele para contar o que sua irmã fez, mas vê que os pais concordam com ela:

Eu não convenci a Leila, sua irmã, falar com você, só comentei com ela que talvez vocês dois não combinem. Você não é mãe, Perséfone! (tom enfático) Não entende nada desse assunto! Você não sabe o que é querer proteger o filho de um mal passo. Meus Deus (gritando)! Vocês não vão ser felizes juntos! Não é preconceito, é encarar a vida como ela é! As pessoas vão rir de vocês, todos os dias e não quero que riam do meu filho (Fala da mãe do Daniel/Capítulo 121).

Você tá feliz agora porque quer casar! Mas, depois vai ficar triste, vai ignorar a Perséfone e vai se perguntar porque se casou com uma gorda. E depois, vai sair com seus amigos, todos com mulheres bonitas, e vai se perguntar porque não se casou com uma delas. O casamento de vocês não vai dar certo! Perséfone, porque você não acha alguém mais parecido com você? (Fala do pai de Daniel/Capítulo 121).

Perséfone e Daniel discutem com os dois. Antes de ir embora, Perséfone fala com convicção:

O senhor acha mesmo que eu não tenho chance, que eu não posso ter um feliz? Um gordo só pode casar com outro gordo né? Comprar uma cama reforçada. Dona Neide e seu Amadel, pensei que tinha entrado para uma família, mas não é isso. Só quero deixar uma coisa clara: vou cuidar bem do seu filho! (Fala de Perséfone/Capítulo 121).

Depois de algum tempo, Perséfone e Daniel se casam. Os dois se divertem na festa, mas logo saem de fininho para o apartamento da personagem. Daniel abre a porta e quer pegá-la no colo, porém ela reluta e diz que os dois irão cair. Daniel fala que isso não vai acontecer e a pega. Todavia, ambos vão ao chão:

Pode até dar sorte, mas eu acho melhor não. Ai! Daniel! Ai Daniel! A gente vai cair! A gente vai cair! Ai! Te disse que iríamos cair (risos). Mas, pelo menos entramos como manda a tradição (Fala de Perséfone/Capítulo 124).

Finalmente vão para o quarto. O local está escuro, sendo iluminado à luz de velas e completo de pétalas de rosa que se espalhavam pela cama e pelo chão. Perséfone coloca a camisola e Daniel percebe o nervosismo de sua esposa e tanta acalma-la. A personagem fala:

Estava pensando se você não estava cansado e se você quiser a gente pode deixar para outro dia (tom nervoso). Eu com medo? Que nada! Agora que sou casada tem mais é que acontecer mesmo. Mas, e se eu emagrecesse mais? Fosse para um spa primeiro. Você não gostaria mais de mim? É medo sim! Na verdade, eu estou apavorada. Todas as vezes que eu tentei perder a virgindade, era para não ficar para trás e não tinha envolvimento. Mas, com você é diferente! Eu tenho medo de errar! E se você não gostar? Se for ruim para você? Obrigada por ir com cuidado comigo! (Fala de Perséfone/124).

Daniel afirma que irá no ritmo dela. Assim, a deita na cama e eles começam a se beijar de forma intensa. Perséfone mostra uma expressão de extrema felicidade. O dia nasce, a recém-casada acorda mais cedo e prepara um café da manhã. Ao ver Daniel se aproximando da cozinha, comenta:

Você acordou tarde, senhor dorminhoco! Aproveitei e fritei aquele bife mal assada que você adora! Eu não vou comer não! A partir de hoje vou fazer uma dieta! (Fala de Perséfone/Capítulo 124).

Mais para frente, mesmo casados, os funcionários no hospital, na sua maioria homens, ainda continuam a ridicularizar o relacionamento dos dois:

Daniel, para dar conta da Perséfone você deve ter treinado com um pinel de caminhão! (Fala de um enfermeiro do hospital/Capítulo 130).

Ainda chegaram a dar uma bola de fisioterapia para Daniel quando ele quisesse se lembrar da esposa. Ou seja, mesmo legalizados pelo casamento, as pessoas ainda não conseguem aceitar como aquele corpo gordo conseguiu adentrar ao mercado matrimonial. Intensificando cada vez mais o processo de gordofobia. Perséfone parece não se importar muito com os comentários, por de certa forma estar acostumada com essas situações, porém, Daniel se sente muito incomodado com as insinuações dos colegas. E como se essas falas o fizesse se sentir “inferior” aos outros homens. E a situação fica mais intensa, quando ele começa a insinuar que Perséfone deveria emagrecer. A questão do emagrecimento, ao sair da boca de seu marido, começa a incomoda-la:

Essa lasanha que fiz para a gente, tá ou não tá gostosa? Tá incrível! Coloquei molho de tomate, molho branco, presunto e queijo! É uma comida pesada sim, mas sei que você gosta! E para a sobremesa fiz bolo de chocolate! Eu gosto de tudo isso também. Eu nunca te escondi que eu adoro comer! Fazer comida mais leve para você emagrecer? Você não precisa emagrecer! Você está falando para eu emagrecer, não é? Engraçado, você dizia antes que eu não precisava. Daniel, você me conheceu gorda e falou que não me importava. O povo do hospital tirando sarro com você? Olha, ouvi piadas minha vida toda. Se você se importar com isso (pausa curta) não sei o que vai ser do nosso relacionamento. Sobre essa história de perder peso, vamos esquecer tá? (Fala de Perséfone/Capítulo 132).

E quase todo dia, enquanto está com seus colegas, Daniel ouve alguma piada sobre o peso de sua mulher. Quando veem Perséfone se aproximando, um dos colegas fala:

Olha a baleia chegando! (Fala de um dos colegas de Daniel/Capítulo 134).

Assim, a cada capítulo, Daniel reafirma estar “preocupado” com a saúde de sua esposa e Perséfone cada vez mais se sente agoniada com as falas do marido:

Oi meu amor! Acabei de preparar um sufrê de batata! Ai Daniel, você fala tanto em dieta atualmente. Você casou comigo sabendo que eu era gorda. O que está acontecendo? Você disse que sempre gostou de mim assim. (Fala de Perséfone/ Capítulo 135).

Eu fico preocupada quando você fala dessas coisas de dieta. Eu sempre tentei fazer dietas, mas para algumas pessoas ficar magra não é fácil. Essas piadinhas te incomodam tanto? (Fala de Perséfone/Capítulo 136).

Olha o nosso chocolate quente, Linda. É uma delícia! E com baunilha por cima ainda, é mais gostoso! Oi Daniel! Isso aqui é chocolate quente! Não posso tomar muito porque engorda? (Fala de Perséfone/Capítulo 137).

Sendo que nesta última cena, Daniel tira o chocolate quente das mãos de sua esposa. Passam-se alguns dias, Perséfone e Patrícia vão fazer compras no bairro da Liberdade, em São Paulo. Ela desabafa com sua melhor amiga:

Eu adoro o bairro da Liberdade! Mas, sou recém casa Paty! Todo meu tempo livre é para o boy! Até que tá tudo bem (voz triste), mas é que quando eu casei com o Daniel ele disse que estava feliz mesmo eu sendo gorda. E daí, quando a gente tá junto é maravilhoso, mas os amigos dele vivem zoando a gente. Aí ele fica falando para eu não comer ou beber determinada coisa. Isso é muito chato! (Fala de Perséfone/Capítulo 146).

Na lanchonete do hospital, Daniel novamente fala algo sobre os hábitos alimentares de Perséfone. Ela acha ruim, mas acaba concordando:

Eu não gosto de adoçante, Daniel. Prefiro açúcar! Então você não gosta de mim assim? Tá bom! Tá bom! Vou usar adoçante e ver se eu acostumo. (Fala de Perséfone/Capítulo 148).

No outro dia, a enfermeira comenta com Patrícia que está pensando em começar uma dieta:

Eu estou começando a pensar em fazer um regime! Quem sabe eu emagrecendo o Daniel não fique um pouco mais feliz! Eu não preciso de endócrino não! Achei uma dieta só a base de melancia! Quando a lua vira, você come melancia e a noite também. Vou fazer ela até perder os quilos! (Fala de Perséfone/Capítulo 148)

Cansada de comer melancia! Já comi quase uma inteira! Vou comer até o a lua nova! Vocês não ver, vou ficar um palito! (Fala de Perséfone/Capítulo 150).

Depois de algum tempo nessa dieta, Perséfone desmaia em cima de uma paciente. E ela acorda em uma cama, sendo tratada por Vanderlei, um médico do hospital. A personagem agradece a ajuda e fala:

Ainda bem que vai ficar só entre a gente. Se o diretor do hospital soubesse que desmaiei em cima da paciente, eu seria demitida. Mas, agora já estou bem. Eu desmanei porque eu estou meio fraca. Eu sei que essa dieta não pode ser das melhores, mas é para perder quilo rápido. Eu quero emagrecer rápido por conta do meu marido. Não que ele me obrigue a isso, só que fica falando para eu deixar de comer aquilo e comer mais isso. Então, decidi perder peso. Mas, eu não estou fazendo isso por ele não, acho (Fala de Perséfone/Capítulo 154).

O médico fala que ela é bonita assim e a aconselha a procurar uma nutricionista e não fazer essas dietas malucas. Perséfone sorri e um laço é criado entre os dois. No mesmo dia, Perséfone comenta com Patrícia:

Tudo que perdi nos dias de sacrifício já ganhei comendo só um macarrão. Eu sei que arrisquei minha vida e meu emprego. Mas, eu conversei com o médico e ele disse que as pessoas são diferentes e que eu sou bonita. Prometo que minha próxima dieta vai ser mais saldável (Fala de Perséfone/Capítulo 155).

Porém, a sua pressa por emagrecer, logo a personagem encontra outra dieta, a dos carboidratos. Daniel chega em casa e Perséfone comenta:

Oi, meu amor. Eu descobri uma dieta maravilhosa! É a dieta do carboidrato. Posso comer quantas calorias eu quiser: omelete,

linguiça, carne e queijo amarelo, nada daqueles queijos brancos sem graça. Não é uma dieta de engorda não! É só tirar o carboidrato! Olha aqui Daniel, se a gente não comer carboidrato eu emagreço! Estava com tanta saudade de você, bacon! (Fala de Perséfone/Capítulo 155).

No outro dia antes de trabalhar, Daniel se assusta com o café da manhã feito por Perséfone. Ela concorda com a opinião do marido, mas o relativiza:

Bisteca com baco no café da manhã! Na verdade, não é café da manhã e sim breakfast! Espero que você goste! Vou te dizer, quando comecei a fazer essa dieta eu me sinto muito pesada. Nem vontade fazer sexo eu tenho! Mas, pelo menos perdi 200 gramas! Não é muita coisa, mas o importante é que eu vou ficar magra! (Fala de Perséfone/Capítulo 160).

E como já previsto, Perséfone começa a sentir-se mal e novamente se encontra deitada em uma cama do hospital. Seus amigos estão na enfermaria, preocupados. Vanderlei, o mesmo médico que a atendeu quando Perséfone desmaiou a primeira vez, comenta que a personagem está com cálculo renal e que a dieta deve ser uma das causas, já que dietas malucas costumam subcarregar os rins. Patrícia fala que Perséfone não deveria fazer essas coisas e Michel, que é médico endocrinologista, cita que esse é o biotipo de Perséfone e que dificilmente ela conseguiria ficar magra. Perséfone fala:

Ai, gente! Pera aí! Eu passei mal e não quero ouvir sermão! As pessoas falam das minhas receitas malucas, mas nas minhas costas me chamam de gorda. Tenho medo de perder o Daniel! (Fala de Perséfone/Capítulo 160).

A partir do que foi exposto, percebe-se mais um núcleo de sentido: “o corpo socialmente infeliz”. É como se a sociedade não aceitasse que aquele corpo quando ele ousa adentrar as esferas tradicionais, inclusive o matrimônio.

Essa aversão ao corpo gordo, inicialmente, esteve alavancada pelo discurso médico. No início do século XX a “obesidade” já era uma questão médica problemática para que *Larousse Médical* de 1924 lhe consagrasse um artigo de tamanho respeitável que colocava a obesidade como uma doença tendo fatores psiquiátricos e psicológicos, fisiológicos e nutricionais (POULAIN, 2013). O caráter multifatorial e complexo da

obesidade vai permitir o desenvolvimento de diferentes paradigmas de tratamento. É assim que a cirurgia, a farmácia, a psiquiatria e a psicologia comportamental vão se interessar pelo tratamento da obesidade (POULAIN, 2013). Essas múltiplas perspectivas oriundas de diversos campos das ciências médicas vão contribuir para difundir a ideia de que a obesidade é realmente uma questão da saúde pública. No entanto, o reconhecimento da obesidade como questão de saúde pública passa por duas condições. A primeira é a institucionalização da temática, com o estabelecimento de sociedades de especialistas, de revistas especializadas, de serviços também especializados nos hospitais (POULAIN, 2013). A segunda é a transformação de seu estatuto epistemológico, com o deslocamento de sua definição qualitativa para quantitativa, com sua designação enquanto doença, e enfim, com a utilização do termo “epidemia”.

A novidade dirá Poulain é quando emagrecer se torna uma finalidade por motivos exclusivamente estéticos, sob o álibi da prevenção médica. As pessoas desejam emagrecer “porque não gostam de sua imagem” e não necessariamente porque se diz que a gordura “acarreta o risco de doenças”. Emagrecer, atualmente, escapa à medicina e a alimentação sob pretextos médico-científico e volta a ser uma questão moral (POULAIN, 2013). E é aqui o corpo gordo para de ser visto apenas como doente (um coitado), mas também é olhado como um corpo estigmatizado e sendo embutidos de valores, na sua maioria depreciativos, como falta de autocontrole, egoísta, feio, ridículo e etc.

Foi pesquisando sobre as dimensões sociais das doenças mentais e das organizações psiquiátricas que Erving Goffman (2004) elaborou o conceito de estigmatização. O sociólogo o definiu como um processo que tende a desvalorizar um indivíduo considerado “anormal”, “desviante” etc. O teórico canadense demonstra que durante o curso das interações sociais o caminho de “desviante” é atribuído a um indivíduo por outros supostamente “normais”. Uma vez atribuído, este carimbo justifica então uma série de discriminações sociais, isto é, de exclusões mais ou menos severas.

Goffman propôs a ideia de “estatuto principal” (*master status*) para expressar o fenômeno de redução de um indivíduo a um alvo característico da estigmatização. Este se encontrará, assim, reduzido à característica “desviante”, que se torna um estigma; as suas outras qualidades sociais tornam-se secundárias. E é assim que as pessoas gordas, na maioria das vezes, são caracterizadas pelo seu peso e não por seus outros atributos sociais (POULAIN, 2013). Perséfone é uma ótima pessoa, trabalhadora, muito simpática, alcançou o ápice do que se espera de toda mulher: o casamento; mas sua gordura sempre

a realça perante suas outras características. Ou seja, mesmo casada não consegue fugir do estigma de ser uma mulher gorda.

Junto a isso, é interessante notar que esta repulsa vem inclusive de outras personagens femininas da trama, a irmã e a mãe de Daniel. De início, pode soar estranho, já que em tese, as mulheres por sofrerem opressão, teriam mais sensibilidade para entender suas semelhantes. Porém, o machismo é algo estrutural e, portanto, não exclusivo dos homens. As mulheres nascem subjugadas e se desenvolvem dentro de uma cultura machista, podendo reproduzi-lo. Dessa maneira, focar apenas em uma análise identitária é complicada. Enquanto não mudar as estruturas que sustentam a sociedade patriarcal, mulheres continuaram subjugadas as normas masculinas.

Portando, o corpo traz signos e que nos posicionam ser ou não ser. Dessa forma, o corpo como fator de identidade carrega signos socialmente produzidos ao longo da existência que trazem a identidade do sujeito ao mesmo tempo que a (re)criam. Quanto mais um corpo foge de um padrão simbólico o de normalidade, mais ele suscita o olhar do outro, olhar este carregado por vezes de pena e espanto; por vezes horror, desaprovação e nojo.

Reafirmando esse argumento, temos Marry Douglas (1991) ao mencionar que aquilo que não se enquadra no sistema de classificação e, logo, ordenação do mundo de uma cultura específica — ou aquilo que está no limite ou na margem desse sistema — é comumente visto como sendo ameaçador e, portanto, como impuro, sujo (DOUGLAS, 1991). Analisando sociedades primitivas, Douglas diz que impureza e sujeira devem ser examinadas pela ‘ordem’, já que ambas não podem ser incluídas para se manter “um padrão” (DOUGLAS, 1991).

Essa análise vale também para os modernos, já que como diz ela, estamos todos sujeitos às mesmas regras, a diferença é que na cultura primitiva as regras de padronização funcionam com mais força e “com os modernos elas se aplicam a áreas de existência deslocadas e separadas” (DOUGLAS, 1991). Cada cultura impõe sua própria noção de sujeira e de contaminação, e assim estabelece sua noção de ordem, a partir de então, a ‘sujeira’ deve ser eliminada. Identificar o que está fora de lugar e é uma ameaça à ordem é o primeiro estágio, como diz Mary Douglas:

Primeiro estágio, reconhecidamente, fora de lugar, uma ameaça à boa ordem, e assim, considerados desagradáveis e varridos vigorosamente. Neste estágio têm alguma identidade: podem ser vistos como pedaços indesejáveis de seja lá o que for: cabelo, comida ou embrulho. Este é o estágio em que são perigosos; sua semi-identidade ainda se adere e a claridade da cena na qual se

intrometeram é prejudicada pela sua presença. Mas, um longo processo de pulverização, decomposição e putrefação aguarda qualquer coisa física que tiver sido reconhecida como suja. No fim, qualquer identidade desapareceu. A origem dos vários pedacinhos e partes está perdida e entraram na massa do lixo comum. É desagradável remexer no refugo para recuperar algo, pois isso restaura a identidade. Enquanto a identidade está ausente, o lixo não é perigoso (1991, p. 194).

Pureza, sujeira, higiene, estão associados à ideia que se tem de ordem. O problema é que do ambiente, muitas vezes, passa-se a “reorganizar” a sociedade, estendendo os conceitos de puro/impuro a pessoas e grupos sociais (ROSA, 2006).

E isso acontece com os corpos gordos. Por ainda serem materializados no discurso, e por isso mesmo não podendo ser considerados abjetos, sua materialização ocorre na periferia, sendo visto como um corpo que foge a norma social e assim, sendo excluído. Através da fala das personagens, é possível perceber que eles veem o corpo gordo de Perséfone como algo sujo, sobretudo quando este está relacionado com Daniel, o corpo magro. É como se aquele corpo gordo causasse uma “desordem” no agir “natural” da sociedade a qual se pergunta: desde quando um cara considerado bonito se interessa por uma gorda? E desde quando uma gorda ousa a namorar um cara bonito?

Sob essa ótica, questões relacionadas ao corpo gordo ou qualquer estigma que emana do corpo podem ser vistas como aspectos que estruturam relações de poder na medida em que atribuem valores as diferenças, dimensionando-as simbolicamente como inferior ou superior (MATOS, *et al*, 2012). Foucault (1987) menciona que o corpo passa, assim, compreendido como um signo de demarcação e distribuição de poder, visto que precisa ser formado, corrigido e receber certo número de poder.

E essa questão pode ser vista na relação entre Daniel e Perséfone. Ao ser “zoad” constantemente por estar em relacionamento com uma mulher gorda, o personagem sente sua masculinidade fragilizada. É como se seu poder enquanto homem, posto na trama como “galã” tivesse sido usurpada por não estar com um corpo símbolo de *status*. E por isso, seus pedidos para que sua companheira emagreça. Perséfone, no início, se incomoda. Porém, acaba cedendo ao pedido do marido com o medo de perde-lo, arriscando a vida para adentrar ao modelo do corpo magro que imposto. Ou seja, por mais que siga à risca as expectativas normativas que se esperam dela enquanto mulher, ainda não consegue fugir do fardo de sua gordura. Assim, este corpo gordo ao entrar em contato com o corpo magro, sofre uma série de punições e correções até ser moldado para se adequar à normalidade. E como é bom lembrar, a estigmatização do corpo gordo tem um impacto

mais forte sobre as mulheres do que sobre os homens, pelo fato de que estes estão menos submetidos aos impactos da estética corporal.

Naomi Wolf, no livro “O mito da Beleza” (2018) mostra que quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina impostas. Ou seja, as normas de belezas, impostas sobretudo pela sociedade patriarcal, controlam as mulheres e fazem com que se desvalorizem. Assim, à medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social (WOLF, 2018).

O mito da beleza diz às mulheres que elas devem se esforçar por um ideal feminino estreitamente construído e que basicamente impossível de alcançar. As feministas, inspiradas por Friedan (1971), destruíram o monopólio dos anunciantes de produtos para o lar na imprensa popular feminina. De imediato, as indústrias da dieta e dos cosméticos passaram a ser os novos censores culturais do espaço intelectual das mulheres. Em consequência das suas pressões, a modelo jovem e magro tomou o lugar da feliz dona-de-casa como parâmetro da feminilidade bem-sucedida (WOLF, 2018).

Portanto, mostra Wolf, existe uma ligação entre o período em que começa a onda das dietas de emagrecimento que vai além do modismo. A autora liga esse período, que situa entre 1918 e 1925, ao período em que as mulheres começaram a conquistar o direito ao voto nos países ocidentais (em torno de 1920). As dietas seriam um potente sedativo político para as mulheres que passariam mais tempo a preocupar-se com a busca pelo corpo ideal do que pela conquista de direitos. Perséfone fica tão fissurada em perder peso que não percebe que está em um relacionamento abusivo, sofrendo violências simbólicas constantes.

Portanto, esses lugares de “normalidade” em determinados aspectos não são de direitos destes corpos. Enquanto Perséfone trabalha, como enfermeira (profissão destinada as mulheres) e como a “amigona” a sociedade a aceita, porém, quando ela se relaciona com um corpo símbolo de *status*, a sociedade à ridiculariza. Se ela namorasse com um cara gordo, é bem provável que o choque das pessoas seria bem menor. Ao falarem que ela irá leva-lo ao “ridículo”, é como se o seu corpo gordo o contaminasse, ou seja, ela não teria o direito de ocupar o mesmo espaço que aquele corpo magro. Os corpos estigmatizados parecem que não tem o direito de serem felizes. Eles deveriam ficar no

campo que são destinados a eles, e quando ousam a adentrar espaços dos “normais”, devem se submeter a certas violências para se adequar.

Nestes capítulos analisados, encontra-se no meio para o final da novela. Por mais que a temática do “corpo infeliz”, ao meu ver, seja uma forma que o autor usou para denunciar a discriminação destes corpos. Todavia, ao colocar a personagem comendo apenas alimentos gordurosos e em excesso, reafirma a gordofobia que coloca as pessoas gordas como não tendo autocontrole ou força de vontade perante aos processos de alimentação.

CONCLUSÃO UM FINAL FELIZ?

Depois de arriscar sua vida duas vezes para emagrecer, Perséfone, após se recuperar, chama Daniel para conversar. A personagem respira fundo e fala:

Daniel, eu quero te dizer uma palavra: gorda. É assim que você me conheceu! Você jurou ser meu príncipe encantado dos meus contos de fada. O mais engraçado é que os contos de fadas acabam no casamento. A gente nunca sabe se o príncipe tem chulé ou se a princesa engorda. Mas, no seu caso, você já me conheceu gorda! Sabe Daniel, uma pessoa gorda cresce ouvindo piadas, sofrendo bullying. Mas, meus pais sempre me criaram falando que eu era linda que eu era uma menina gordinha e muito fofinha. Eu não ligava para as piadas porque em casa eu tinha amor. E você, que agora é parte da minha família, fala para eu emagrecer! Posso fazer dieta até pela saúde, mas não para emagrecer. Aprendi com meus pais que eu sou bonita. E que eu posso encontrar alguém que goste de mim do jeito que eu sou! E você, desde que a gente casou só me crítica! E tudo porque seus amigos fazem piadas! Você tinha é que me defender dessas piadas. Pedirem para eles calarem a boca quando alguém fosse zoar. Mas, você ficava com vergonha. A última coisa que eu preciso é de alguém enchendo o saco para eu emagrecer. Até agora a gente brincou de conto de fadas, toda gorda casa e tem filhos. Tenho certeza que alguém nesse mundo vai gostar de mim! E não só pelo meu físico, mas porque eu sou uma pessoa legal! Eu quero que você saia daqui de casa, por favor. Se é para continuar casa que seja com alguém que me ame e me acha linda! Em primeiro lugar eu tenho que gostar de mim! (Fala de Perséfone/Capítulo 163).

Após terminar com Daniel, Vanderlei — o médico que a tratou nas duas vezes que sofreu por conta da dieta — a chama para sair. Perséfone aceita, mas ao ver Daniel com sua colega de trabalho, começa a usar Vanderlei para passar ciúmes no ex-marido. Daniel não gosta nada disse e dá indiretas, mas Perséfone o ignora. No início, a personagem se sente bem ao ter dois homens correndo atrás dela, mas, depois começa a sentir culpada por utilizar Vanderlei. E o próprio médico comenta que está cansado de só ser usado e

que realmente gosta dela, mas que não iria mais servir para passar ciúmes em Daniel.

Perséfone desabafa para Patrícia:

Eu confesso que fiquei com o Vanderlei, no início, para passar ciúme no Daniel, mas depois que fui conhecendo ele, eu gostei! O Vanderlei me valoriza do jeito que eu sou, cheinha assim. Mas, aí vem o Daniel com aquela carinha que é irresistível! Aliás, você sabe que ele perdeu a irmã em um incêndio né? Decidir entre os dois é tão difícil! (Fala de Perséfone/Capítulo 203).

No final, a enfermeira decidiu testar os dois. Perséfone prepara um banquete e primeiramente chama Daniel para jantar:

Oi, Daniel! Que bom que você veio. Calminha aí, Daniel. Eu te convidei aqui para a gente conversar. Eu vou para o Pernil direto. Tem bacon na salada sim! Inclusive na macarronada aqui que está uma delícia! (Fala de Perséfone/Capítulo 212).

O fisioterapeuta vê a mesa com muita comida gordurosa e começa a comentar que ela vai engordar. Perséfone fala:

Vou ficar mais gorda? Mas, não é você que fala que não se importa de eu ser gorda. Aí na primeira oportunidade você começa a me fiscalizar! Você virou um fiscalizador de comida (voz brava)! A pessoa que fica fiscalizando o peso alheio! Eu não preciso de alguém que fique com um sorrisinho na cara falando que eu engordei. Aliás, já comecei consulta com um médico e um nutricionista para aprender a comer melhor. Eu fiz esse jantar pata ver se você tinha mudado. Você falou que não devia ter me pressionando tanto para a emagrecer e na primeira chance coloca as garrinhas de fora. Daniel, eu quero ser feliz. Não preciso de um marido que fique na minha cabeça falando gorda, gorda, gorda e gorda. Não dá para ficar com você, eu preciso de alguém que me ame do jeito que eu sou. Adeus, Daniel (voz chorosa). (Fala de Perséfone/Capítulo 212).

O segundo a ser testado é Vanderlei. Perséfone faz o mesmo banquete e pergunta se ele não se importaria de comer aquilo porque engordava. O médico respondeu que não

se interessava com a comida ou com o peso de Perséfone. Afirma que realmente quer alguém para a vida inteira. Os dois se beijam intensamente.

No outro dia, Perséfone vai até uma agência de viagem para decidir o roteiro do cruzeiro que tinha planejando quando ganhou 30 mil em uma promoção, tempos atrás. Ao sair da loja e encontrar Vanderlei, um cara se aproxima. O Homem se apresenta e diz que está organizando um desfile com diferentes tipos de corpos e pergunta se Perséfone não gostaria de desfilar. A personagem fica meio sem graça, por não saber desfilar, mas Vanderlei a incentiva ir.

No penúltimo capítulo, à noite, Perséfone está vestida com uma blusa prateada, saia preta longa e salta alto. Quando é chamada para a passarela, sua feição é de felicidade e autoestima. Logo depois, todos os amigos a elogiam e ela recebe um beijo de Vanderlei. Os dois vão embora do desfile pois amanhã cedo era a viagem deles.

Ao chegar no aeroporto, no outro dia, Perséfone olha intensamente para Vanderlei e pergunta:

Estou tão feliz! Você gosta de mim mesmo ou é só uma viagem e pronto? (Fala de Perséfone/Capítulo 220).

O médico a beija e reafirma que gosta dela do jeito que ela é. E, assim, a história da personagem acaba. Pelo que foi citado, podemos perceber uma mudança de representação social de Perséfone do início para o final da trama. Nos primeiros capítulos, temos uma personagem desesperada para encontrar um homem, disposta a fazer qualquer coisa para perder sua virgindade, ridicularizada pelo autor por conta do seu peso e moldada nos papéis de feminilidade tradicional.

No meio para o final, a personagem continua ancorada na feminilidade, e mesmo realizando seu sonho de casar, sofre gordofobia por parte de outros personagens, incluindo de mulheres e do próprio marido, arriscando a vida por duas vezes para se adequar ao padrão.

E nos episódios finais, temos uma personagem mais consciente da sua condição enquanto mulher gorda, mais forte e observadora da relação abusiva que estava ao lado de Daniel. Quando a personagem o expulsa definitivamente de sua vida, Perséfone se mostra uma mulher que a cima de tudo tem amor próprio. Mas, o seu final segue à risca os encerramentos tradicionais femininos nas telenovelas: mulheres sempre em algum relacionamento amoroso.

A novela, como já mencionado antes, é um meio que de certa maneira consegue captar acontecimentos e visões de mundo compartilhados pela sociedade de sua época, seja a afirmando ou a contestando. Assim, a telenovela “Amor à Vida” nos mostra uma realidade onde pessoas gordas são excluídas em diversas áreas na sociedade e ao entrar em contato com a literatura, percebemos que na realidade concreta, as pessoas gordas, em especial as mulheres, sofrem de fato com o processo de gordofobia.

Todavia, ao invés de mostrar esse sofrimento de forma séria, denunciando desde do início, as dificuldades que o corpo feminino gordo tem na sociedade, nas mais diferentes áreas, o autor pega um corpo “diferente” e o utiliza de forma cartunesca, com o objetivo de causar humor. Assim, contribuindo para que os processos de objetivação, e sobretudo de ancoragem, se baseiem em referências preconceituosas e estereotipadas, o que pode influenciar um contato face a face que estimule a exclusão dessas mulheres.

A pesquisadora Valena Elizabeth Beety (2019) menciona que a discriminação acontece em dois vieses: o consciente e o inconsciente. Beety afirma que as visões que temos sobre determinados corpos são frutos de processos de socialização que ocorrem através de valores compartilhados em uma sociedade. Os quais atribuem valores e características a um traço pessoal (BEETY, 2019). Isso interfere em como as pessoas veem umas às outras.

Seja a partir de um viés consciente ou inconsciente, a forma discriminatória que a personagem foi escrita, Walcyr Carrasco, através de um discurso sexista e médico, colocando o corpo gordo como algo indesejável e necessariamente doente. E o que me fez perguntar se esse final da personagem realmente pode ser considerado um final feliz.

Novamente, reafirmo que este trabalho não tem o intuito de desconsiderar a gordura como um fator que pode levar à risco de saúde. Contudo, através da visão que o corpo gordo nem sempre foi visto como algo negativo e que ele ultrapassa à fisiologia, adentrando ao espaço da cultura, pode-se perceber como outros fatores, tais como gênero, classe social e raça interferem nas noções de doença e saúde que existem na sociedade. E

trazer essas novas visões, agentes e discussões para esta temática, só enriquece cada vez mais o debate.

Acredito que esta pesquisa possa contribuir para que se olhe o corpo feminino gordo de maneira que fuja do senso comum. Ao encará-lo como um corpo tão bonito e saudável quanto o corpo magro, pode-se integrá-lo na sociedade, diminuindo o sofrimento e a exclusão dessas mulheres. Além disso, ao trazer a área dos *fat studies* para a língua portuguesa, anseio aumentar seu alcance e que outros(as) pesquisadores(ras) se interessem e se engajem nessa perspectiva sobre os corpos gordos.

Junto a isso, desejo também que este trabalho crie uma consciência nos produtores de conteúdos audiovisuais, sobretudo da indústria de massa, a terem mais cuidado ao construir personagens, já que podem ter impactos na subjetividade de uma sociedade toda, reafirmando preconceitos ao invés de barra-los.

Isso por que a mídia e seus produtores, sobre os corpos gordos, dirá Emma Rich (2019), ao mostrarem o corpo gordo como algo ruim, acabam servindo como uma forma de ensino contra estes corpos e auxiliando para sua estigmatização. A pesquisadora britânica narra como estes conteúdos audiovisuais colocam as pessoas gordas como fracassadas e como se fossem os únicos responsáveis por sua condição, ignorando variáveis fisiológicas, classe, raça, gênero e etc (RICH, 2019). Ao mesmo tempo, toda essa situação serve como uma “pedagogia pública” que ensina as pessoas que o padrão gordo é feio e propiciam que outras pessoas julguem e regulem o ganho de peso de seus semelhantes, iniciando um processo de preconceito e exclusão do corpo diferente.

Todo esse discurso instila um sentimento de pânico moral, urgência e desastre que alimenta a promoção da "obesidade" como categoria de doença que requer ação imediata (RICH, 2019). Esse discurso onipresente de maneira bastante simplista e reducionista, define 'peso' ou 'gordura' como determinante primário da saúde e bem-estar das pessoas. Ofuscando as incertezas e contradições existentes no conhecimento sobre peso e saúde.

E é claro que os debates não se encerram aqui. Este trabalho tem consciência de suas limitações. Portanto, analisar novelas mais recentes para ver se há uma melhor representação das mulheres gordas, se aprofundar mais no discurso médico da anti-obesidade, compreender como a raça pode relacionar-se com a gordura etc são sugestões de agendas futuras que podem auxiliar no complemento deste trabalho.

Assim, compreender as engrenagens que fazem girar essa produção social da diferença e sua hierarquia é de fundamental importância para se pensar o processo de resignificação da diferença e do respeito para com esta. É uma questão de transcender os

saberes e práticas do campo médico e da ética médica, mas que é paralela a eles (MATOS, et al, 2012). Trata-se de uma discussão de cunho social das reais condições do ente humano na sua condição vital de ser corpo neste momento da humanidade (MATOS, et al, 2012). Em especial, por estarmos em um período de estímulo ao apagamento e eliminação do diferente.

ANEXOS

Nº do Capítulo 02	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Sinto muito pela perda da sua nora e do seu neto <u>(tom de tristeza)</u> .			
	Cenário: Sala de espera do Hospital	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Enfermeira.	Personagens de interação na cena com Perséfone: Glauce e sua colega de trabalho, a qual está triste pois perdeu sua nora e seu neto durante o parto.	Contexto da Cena: Os esforços foram grandes, mas tanto a mãe quanto o bebê não sobrevivem. Glauce e Perséfone tentam consolar a colega.

Nº do Capítulo 02	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você está se arriscando demais! <u>(tom nervoso)</u> É loucura colocar no prontuário que esse bebê nasceu aqui! Ei, espera <u>(pausa longa)</u> você não está pensando apenas no bebê <u>(pausa longa)</u> você está fazendo isso por amor também. Você ama esse homem! <u>(tom de romance)</u> . Eu nunca me apaixonei assim, mas, meu sonho é amar alguém como você ama ele. Dá para ver nos seus olhos que você está desesperada porque não aguenta o sofrimento desse homem, você quer dar alegria para ele. Queria viver um amor assim <u>(tom romântico)</u> . Está bem! Eu assino o prontuário e o bebê nasce aqui <u>(tom convicto)</u> .			

	Cenário: Hospital (Consultório de Glauce).	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Glauce.	Contexto da Cena: O pai que perdeu a mulher e a filha, acha uma recém-nascida no lixo. Ele liga para Glauce e pede que ela mude a ficha e coloque a criança achada como nascida no hospital. Glauce pede ajuda à Perséfone, a qual percebe o amor que a médica sente por esse homem.
--	--	---	---	--

Nº do Capítulo 05	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Não existem falas nessa cena.			
	Cenário: Cobertura de um prédio em São Paulo.	Personagens de interação com Perséfone: Vestido rosa choque de seda, Cabelos escovados e unhas “francesinhas”.	Personagens de interação com Perséfone: Não há personagens de interação.	Contexto da Cena: Passagem de tempo de aproximadamente seis meses depois do registro da criança no hospital. Nessa cena, ocorre o casamento da melhor amiga de Perséfone, Patrícia. Enquanto a recém-casada e as colegas do hospital dançam sem preocupação, Perséfone dança de um lado para o outro meio sem jeito. Está segurando várias bolsas. A enfermeira fica triste por não conseguir pegar o buquê.

Nº do Capítulo 06	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Oh, miga! O que aconteceu? (<u>tom de preocupação</u>) Fica assim não! (<u>tom de consolo</u>)			
	Cenário: Aeroporto.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa claro.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia, sua melhor amiga.	Contexto da Cena: Patrícia pega seu recém-marido na cama com outra mulher em plena lua de mel. Volta para a cidade aos prantos e pede para Perséfone pegá-la no aeroporto.

Nº do Capítulo 06	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ser traída não é fácil, mas esse sentimento vai passar! (<u>tom de otimismo</u>) Quem sabe você não vai conhecer um cara legal? O sonho de toda mulher é conhecer um cara para se ter uma relação estável (<u>tom romântico e de encanto</u>). Eu sonho com isso todos os <u>dias (olhos brilhando)</u> . Só de eu casar, ter filhos e uma família (<u>pausa curta</u>) seria uma mulher muito feliz! Ele não era o homem certo para você.			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma roupa da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Patrícia começa a rasgar as roupas do ex-marido que trouxe da viagem. Após esse trauma, fala para si mesma que a partir de hoje, nunca mais iria querer um relacionamento estável. Teria

				apenas relacionamentos sexuais extremamente casuais.
--	--	--	--	--

Nº do Capítulo 08	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: O garçom que veio aqui ficou muito nervoso ao te ver. Você consegue seduzir os homens! Queria muito que um homem desse chegasse em mim! <u>(tom de esperança)</u> . Se conseguisse ele eu não soltaria nunca mais. Eu nunca chegaria em um homem, sou muito tímida.			
	Cenário: Um bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa bem claro de tecido mais fino.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Para esquecer a traição, Patrícia chama Perséfone para irem a um bar. Ao pedirem bebidas, o garçom se sente sem graça ao ver Patrícia. A enfermeira fica admirada de todo homem que se aproxima de sua amiga fica nervoso ou tímido.

Nº do Capítulo 09	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: sem fala.			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma roupa da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone:	Contexto da Cena: Patrícia e Perséfone chegam na casa depois de saírem do bar e encontram Joana sentada no sofá. Patrícia

			Joana, sua colega de quarto e Patrícia.	menciona a timidez e a falta de “traquejo” com os homens da amiga. Joana de maneira debochada, fala que tudo isso não é timidez e sim medo. Ela revela que a enfermeira com quase 40 anos ainda é Virgem. Patrícia fica sem palavras.
--	--	--	---	---

Nº do Capítulo 10	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Sou virgem mais ou menos <u>(tom de negação)</u> . Está bem, sou virgem mesmo e daí? <u>(tom de tristeza)</u> . No final, quem vai me querer? Nem sei por onde começar a arranjar um homem! <u>(tom melancólico)</u> . Vai me ajudar mesmo a encontrar um homem?! <u>(tom de esperança)</u> .			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma roupa das cenas anteriores.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia e Joana.	Contexto da Cena: A discussão sobre virgindade continua. Patrícia afirma que seu objetivo agora é encontrar um homem para que Perséfone possa perder a virgindade.

Nº do Capítulo 10	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Espero que ela se recupere logo do acidente! Eles formam um casal tão bonito! Aliás, você acha que eu realmente tenho chance de perder a virgindade?			
	Cenário: Uma Floricultura.	Vestimenta de Perséfone: Vestido cor “salmão”	Personagens de interação na cena Patrícia.	Contexto da Cena: Um novo dia surge. Patrícia decide comprar umas flores para a mulher de seu amigo que sofreu um acidente de carro. Perséfone que lhe acompanhou, quer ter certeza de que sua amiga vai ajudá-la a perder a virgindade.

Nº do Capítulo 10	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ele nunca deu em cima de ninguém no hospital? (<u>Assustada</u>). Será que ele é virgem também? Imagina que lindo dois virgens na primeira vez? (<u>tom idealizado</u>). Ou será que ele é gay? (<u>tom de dúvida</u>)			
	Cenário: Hospital	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia	Contexto da Cena: Depois da Floricultura, as duas vão para o hospital, entregam a flor para a paciente e começam a andar pelos corredores para encontrar algum funcionário que Perséfone achasse bonito. A enfermeira aponta um funcionário e Patrícia afirma

				que vai descobrir tudo sobre ele. No final, descobre quase tudo, apenas não sabe se ele é gay, já que o homem nunca deu em cima de ninguém, no hospital.
--	--	--	--	--

Nº do Capítulo 11	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: E aí amiga, ele é gay ou não é? Então ele gosta de mulher mesmo! Que maravilha! Obrigada por ter me arranjando ele! Você está me ajudando tanto! Será que dessa vez eu desencilho?			
	Cenário: Corredor do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Patrícia pergunta para o interesse romântico de Perséfone se ele é gay. O homem responde que não e que gosta MUITO de mulher. Ela corre, encontra Perséfone no corredor e conta a novidade.

Nº do Capítulo 11	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ai, Patrícia (<u>voz ansiosa</u>)! Será que ele vai gostar de mim?			
	Cenário: Bar em uma região	Vestimenta de Perséfone: Blusa rosa com bolinhas	Personagens de interação com Perséfone:	Contexto da Cena: Patrícia convence a amiga de ir no bar com ela e encontrar o cara do hospital. Assim que

boemia de São Paulo.	brancas. Saia jeans rodada, cinto rosa e cabelos escovados.	Patrícia e o interesse romântico de Perséfone.	eles se cumprimentam, Patrícia deixa os dois sozinhos.
----------------------	---	--	--

Nº do Capítulo 12	CENA 1		
Tempo de Duração do episódio: 1h	<p>Transcrição das falas de Perséfone: Se você continuar a comer tanta pizza vai ficar assim como? Gorda como eu (<u>voz triste</u>)? Eu sei que eu estou “fora de forma”! Nem sei o que deu na minha cabeça de achar que aquele enfermeiro gato iria querer algo comigo. Olha para você Patrícia, toda gata, magra que chega nos lugares e consegue pegar todos os homens que quiser. Comigo essa questão é diferente. Homem se aproxima de mim só para perguntar aonde fica o banheiro. Mas, agora, vou seguir seus conselhos e não vou esperar o amor da minha vida aparecer para perder a virgindade, vou ficar contente de achar qualquer homem que queira me pegar (<u>tom melancólico</u>).</p>		
Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma roupa da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: O homem sai do bar ao ver que Patrícia queria arranjar Perséfone para ele. As duas se olham com tristeza e decidem ir para o apartamento de Perséfone comer pizza. Patrícia, sem perceber, fala que se comer muito pizza vai ficar gorda, deixando a amiga um pouco triste. Perséfone tanta ignorar o fato e desabafa sobre suas

				inseguranças, sobretudo em relação ao seu corpo.
--	--	--	--	--

Nº do Capítulo 14	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Gato, posso ser virgem, mas não sou burra. Pois é, sou virgem. É como falam: devagar se vai longe (<u>tom debochado</u>). Para de me zoar tá? Você não sabe o que é ser uma virgem incubada.			
	Cenário: Um bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido azul florido e cabelo preso no estilo coque.	Personagens de interação com Perséfone: Michel.	Contexto da Cena: Mais um dia surge. No final de expediente, Patrícia e Perséfone encontram Michel no bar. A sua amiga se afasta e ela conversa com Michel.

Nº do Capítulo 14	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você acha que o Daniel pode realmente ser o cara certo para eu perder minha virgindade? Ok! É para me fazer de difícil né? Tá bom! Pode chamar ele que eu estou pronta.			
	Cenário: O mesmo da cena anterior.	Vestimenta de Perséfone: A mesma roupa da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Michel.	Contexto da Cena: Michel decide ajudar Perséfone a perder a virgindade. A enfermeira vê Daniel e o acha o homem perfeito. O médico aconselha Perséfone a se fazer de difícil porque, segundo ele,

				homens não gostam de mulheres fáceis. Michel tenta chamar Daniel para perto deles, mas ele tem um problema e deixa o bar.
--	--	--	--	---

Nº do Capítulo 15	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ele é realmente bem gato! Perder a virgindade com ele pode ser uma coisa boa! Como eu faço para roer os ossos desse galeto?			
	Cenário: Sala de fitoterapia do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Michel.	Contexto da Cena: Michel está ao lado de Perséfone e ela comenta que Daniel realmente é um gato. O endocrinologista a aconselha a falar com o fisioterapeuta.

Nº do Capítulo 15	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Oi Daniel (<u>tom de felicidade</u>)! Ontem a gente mal se viu lá no bar. Aliás, estou com uma dorzinha aqui no pescoço. Você poderia fazer uma massagem em mim?			
	Cenário: Mesma da cena anterior.	Vestimenta de Perséfone: Mesma roupa da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone tenta conversar com seu interesse romântico. Inventa uma dor no pescoço para poder ser tocada por ele.

Nº do Capítulo 16	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: O galetto me deu uma massagem sensacional! Fiquei até com calor (<u>tom malicioso</u>)! Mas, não rolou nada demais. Eu achei que ele demorou mais do que devia na massagem, mas vai que é coisa da minha cabeça?			
	Cenário: Corredor do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Michel.	Contexto da Cena: Michel encontra Perséfone e pergunta como foi a conversa entre ela e Daniel.

Nº do Capítulo 17	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Corri na esteira hoje! Estou muito cansada! O Daniel pegou pesado na atividade física hoje! E é claro que ele compensa todo o esforço. Vamos ver se ele está no bar!			
	Cenário: Algum lugar ao ar livre.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rodado floral azul.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Descobrimos que Perséfone conseguiu aulas de atividade física com Daniel. Ela comenta com Patrícia e as duas vão ao bar ver se ele está lá.

Nº do Capítulo 17	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Oi Daniel (<u>tom de romance</u>)! Você está tão bonito!			
	Cenário: Bar	Vestimenta de Perséfone: A mesma roupa da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone encontra Daniel e começam a conversar.

Nº do Capítulo 17	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Me vê dois pedaços de pizza? Se eu comer esses dois pedaços vou recuperar o que perdi nos exercícios que fiz? Me desculpe, Daniel. É que sempre como quando eu estou nervosa.			
	Cenário: Uma Pizzaria.	Vestimenta de Perséfone: A mesma roupa das cenas anteriores.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel, Patrícia e Michel.	Contexto da Cena: Patrícia chama Michel, Daniel e Perséfone para um lugar mais calmo. A enfermeira começa a comer pizza e é advertida por Daniel.

Nº do Capítulo 17	CENA 4			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: A gente ficou sozinho na pizzaria depois que você e o Michel foram embora, mas não rolou nada (<u>tom de frustração</u>)! Ele foi para um lado e eu para outro. Será que vou morrer lacrada?			
	Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Sentadas na outra manhã na lanchonete, Perséfone comenta que até agora não evoluiu com Daniel. Sente-se muito frustrada.

Nº do Capítulo 18	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Sem falas.			
	Cenário: Sala de fitoterapia.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Ninguém.	Contexto da Cena: Michel encontra Daniel na sala de fitoterapia e menciona que Perséfone é uma boa pessoa e que ele deveria investir nela. Daniel sorri e começa a mencionar sobre o peso da enfermeira. Perséfone fica observando de longe com a esperança que seu amigo consiga convencer o fisioterapeuta de sair com ela. Michel pede para Daniel fazer

				essa caridade, menciona a virgindade da personagem.
--	--	--	--	---

Nº do Capítulo 21	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: É a minha grande noite! Baton está ok! Roupa está ok (<u>tom ansioso</u>)! Ali está ele! Não sei se vou aguentar! Como foi a sua primeira vez?			
	Cenário: Um Bar movimentado.	Vestimenta de Perséfone: Blusa verde-marinho, saia jeans azul rodada e cabelos escovados.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Descobrimos que Daniel acabou chamando Perséfone para sair. Enquanto Perséfone conversa com Patrícia numa tentativa de ir falar com ele, Daniel começa a beber muito para “criar coragem” e levar ela para a cama.

Nº do Capítulo 21	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Oi Gatão (<u>voz maliciosa</u>)! Tô muito melhor agora! Que tal uma cerveja? Lá em casa tem muitas!			
	Cenário: O mesmo cenário	Vestimenta de Perséfone:	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone toma coragem e o convida para sua casa. Daniel tenta esconder seu

	da cena anterior.	A mesma roupa da cena anterior.		descontentamento por estar naquela situação.
--	-------------------	---------------------------------	--	--

Nº do Capítulo 21	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você gostou do cenário? Que bom! Eu quero que essa noite seja incrível e com tudo que eu tenho direito (<u>tom romântico</u>). Velas, pétalas e clima. Eu cuido dos detalhes pequenos e você cuida dos detalhes maiores (<u>voz maliciosa</u>).			
	Cenário: Quarto de Perséfone: todas as paredes e objetos são rosas. Além disso, nessa mesma cena, o quarto está repleto de velas e pétalas no chão.	Vestimenta de Perséfone: Camisola de seda preta.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone está nervosa com a possibilidade de perder a virgindade. Ao mesmo tempo em que está feliz de finalmente saber como é a sensação. Já Daniel, quer que tudo acabe logo.

Nº do Capítulo 21	CENA 4			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você tirou a roupa tão rápido, Daniel! Até parece que você está com pressa! Eu tenho que tirar já a minha camisola? Ok! Estou esperando por esse dia por toda a minha vida. Ei, espera! Você está fazendo caridade (<u>tom de indignação</u>)? Eu não preciso de caridade! Saía da minha casa agora (<u>berrando</u>)!			
	Cenário: O mesmo cenário da cena anterior.	Vestimenta de Perséfone: A mesma roupa da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel tira a roupa, pula para a cama e pede para que Perséfone tire a dela também. Ela começa a falar sobre como aquela situação é especial. Daniel cansa desse papo e pede para que a enfermeira deita na cama para fazer logo a caridade. Perséfone se ofende e o expulsa de sua casa.

Nº do Capítulo 22	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ontem era para ter sido minha grande noite! Tinha escolhido o Galeto e toda a decoração do ambiente. Fomos até meu apartamento e para mim iria acontecer tudo de maneira tão romântica, estava me sentindo a própria Cinderela. Para no final, ele falar que estava fazendo caridade. Aí dei uma de louca e expulsei ele da minha casa.			
	Cenário: Refeitório do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Joana e outras colegas do trabalho.	Contexto da Cena: Perséfone está sentada na mesa com suas colegas de manhã e desabafa sobre a noite anterior.

Nº do Capítulo 23	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você é o Valentim, o garçom da lanchonete lá no hospital (<u>voz meio baixa devido a bebida</u>)! Eu quero carona sim, obrigada! Vem cá seu gatão delícia!			
	Cenário: O carro de Valentim.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa florido.	Personagens de interação com Perséfone: Valentim.	Contexto da Cena: Perséfone bebe mais do que devia, à noite, e ao sair do bar esbarra com Valentim. Ele oferece carona para Perséfone e dentro do carro ela “agarra” ele. Valentim diz que sua irmã ligou e que precisa ir. Ele pede que Perséfone se retire do carro e vai embora, deixando-a triste.

Nº do Capítulo 25	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ontem à noite eu bebi demais e acabei dando mole para o Valentim e agarrei ele dentro do carro. Não deu nada pois ele atendeu o telefone e disse que a irmã dele tinha ligado e que precisava, ir (<u>tom de desconfiança</u>), mas acho que foi só desculpa para se livrar de mim.			
	Cenário: Lanchonete do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Enfermeira	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia,	Contexto da Cena: Na lanchonete Perséfone desabafa novamente sobre os seus fracassos em arranjar um homem.

Nº do Capítulo 27	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu me casaria com o primeiro que aparecesse (<u>tom engraçado</u>)! Se o boy da Patrícia piscasse para mim eu dava o bote!			
	Cenário: Sala de reunião vazia dentro do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia e outras colegas enfermeiras do hospital.	Contexto da Cena: Patrícia comenta que acha que sua relação com Michel está muito séria e que não tem a intenção de se casar. Perséfone insinua que se casaria com qualquer um.

Nº do Capítulo 29	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Até um homem fantasiado de múmia seria bom para mim.			
	Cenário: Corredores do Hospital	Vestimenta de Perséfone: Roupa de hospital da cor rosa.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Depois de saírem da sala de reunião, Patrícia comenta que saiu com o garçom, mas que broxou ao ver ele de cueca e meia.

Nº do Capítulo 30	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você é um homem tão calado! Tem cara de ser uma pessoa que mais ouve do que fala. Sabe, hoje estou a fim de relaxar e dormir numa cama bem gostosa (<u>voz maliciosa</u>)! Eu não acerto uma! Sua virgem gorda burra (<u>falando com ela mesma</u>)!			
	Cenário: Bar movimentado em São Paulo.	Vestimenta de Perséfone: Blusa de frio rosa e uma saia preta rodada.	Personagens de interação com Perséfone: Um homem sentado no bar.	Contexto da Cena: À noite, Perséfone vê um homem sentado no bar e vai até lá. Ela tenta se insinuar, mas no final, ele vai embora sem dar sinais de interesse. Ela fica muito triste.

Nº do Capítulo 32	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Olha só! O mesmo cara da semana passada! Vou até lá! Oi! Tudo bem? Desce duas Vodcas aqui! E vem aqui comigo!			
	Cenário: Bar movimentado	Vestimenta de Perséfone: Vestido preto rodado de seda preto.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia	Contexto da Cena: Perséfone vê o último cara que ela tinha encontrado e tenta aborda-lo novamente. Ela paga uma bebida para ele e depois tenta leva-lo para a sua casa. Porém, sem sucesso.

Nº do Capítulo 33	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Vai ficar mesmo brincando com os sentimentos do Michel? Ele gosta realmente de você! Um amor desse é muito raro! Eu sei que você foi traída na lua de mel, mas, se não superar esse trauma, nunca mais você vai encontrar um grande amor. Ai amiga, ontem à noite não rolou nada! Ele foi embora! Esse psicólogo tá bem difícil de agarrar!			
	Cenário: Revistaria de um Shopping.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa, bolsa e sapatos rosa.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone tenta convencer Patrícia a ficar com Michael, já que ela está inventando um namoro para poder afasta-lo por medo de se machucar. Perséfone comenta que não está conseguindo nada com o novo “pretendente”.

Nº do Capítulo 33	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu queria que seu gato, o Michel fizesse “miau, miau” comigo. Com o psicólogo, como já tinha dito para a Patrícia, não deu certo. Mas, hoje vai dar! Vou cozinhar para ele (<u>voz animada</u>)! Eu não sei cozinhar, mas ara agarrar esse homem, até curso de culinária eu faço!			
	Cenário: Restaurante de comida Japonesa de um Shopping.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa, bolsa rosa e sapato rosa.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia e uma outra colega do Hospital.	Contexto da Cena: Após saírem da revistaria, vão encontrar uma colega em um restaurante Japonês para almoçarem. Lá, continuam conversando sobre Michel e o homem de Perséfone.

Nº do Capítulo 35	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Oi! Tudo bem? (<u>voz maliciosa</u>) Você vai fazer alguma coisa por agora? Não? Que maravilha! Você está convidado para jantar lá em casa hoje à noite! Aqui está meu endereço.			
	Cenário: Corredores do Shopping.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia e o psicólogo.	Contexto da Cena: Após o almoço, Perséfone acaba encontrando o psicólogo e o chamando para jantar mais à noite. Ele fica nervoso com a pressão de Perséfone e acaba aceitando.

Nº do Capítulo 35	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Flores para mim (<u>tom de encanto</u>)? Não precisava! Muito gentil da sua parte! Sempre achei que só iria receber flores no caixão, sabe? Fica à vontade que eu já estou terminando o nosso jantar.			
	Cenário: Apartamento de Perséfone: decoração “romântica”. Luzes da casa substituídas por luzes à vela.	Vestimenta de Perséfone: Vestido preto rodado com flores brancas.	Personagens de interação com Perséfone: Psicólogo do Hospital.	Contexto da Cena: Mais à noite, o psicólogo chega, senta na mesa e fica esperando o jantar.

Nº do Capítulo 36	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Aqui está nosso jantar! Strogonoff bem gostoso! Eu gosto de comer à luz de velas! Dá um clima mais romântico e especial! Ei, o que você tem? Me fala (<u>tom de desespero</u>)! Você é alérgico camarão? Oh meu Deus! Vem que vou te levar ao hospital!			
	Cenário: A mesma da cena anterior.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: A mesma da cena anterior.	Contexto da Cena: Perséfone estava orgulhosa do seu strogonoff de camarão. Mas, se frustra e fica preocupada ao ver a crise alérgica forte do seu

				pretendente. Sem pensar duas vezes ela o leva para o hospital.
--	--	--	--	--

Nº do Capítulo 37	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Oi! Você realmente não teve uma alergia de mim, né (<u>tom de brincadeira</u>)? Me desculpe por ontem! Eu queria me redimir com você (<u>pausa longa</u>) que tal jantar lá em casa de novo? Prometo fazer algo que não te dê alergia!			
	Cenário: Corredores do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: O psicólogo, Renan.	Contexto da Cena: Perséfone o vê no hospital e tenta chama-lo para jantar novamente. Ele receoso aceita o convite.

Nº do Capítulo 38	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Seja bem-vindo novamente! Fiz um picadinho bem gostoso com zero perigo de alergia. Ficou gostoso! E estou pronta para relaxar. Vou te mostrar como relaxar, vamos para o meu quarto! Ei, espera! Vai embora não!			
	Cenário: Apartamento de Perséfone: luzes acessas e sem velas.	Vestimenta de Perséfone: Blusa azul com babado e saia de corte reto jeans.	Personagens de interação com Perséfone: Renan.	Contexto da Cena: Após o jantar, ela o convida para seu quarto, mas ele vai embora.

Nº do Capítulo 39	CENA 2			
Tempo de Duração	Transcrição das falas de Perséfone: Alguém falou que o arquivo do hospital foi removido! Aquele arquivo da criança! Eu não quero ser presa! Se for presa aí que nunca vou perder minha virgindade.			
do episódio: 1h	Cenário: Consultório de Glauce.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Glauce.	Contexto da Cena: Perséfone avisa a médica que das duas pode estar em risco de serem descobertas.

Nº do Capítulo 41	CENA 1			
Tempo de Duração	Transcrição das falas de Perséfone: Uma vez me disseram que se conquista um homem pelo estomago, por isso aprendi a cozinhar. Mas, ao invés de atrair homem, fiquei foi gorda. Mas, hoje vai rolar!			
do episódio: 1h	Cenário: Sala de estar da Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa de bolinha branca.	Personagens de interação com Perséfone: Joana .	Contexto da Cena: Perséfone chama o psicólogo novamente para jantar. Enquanto ele não chega, conversa com sua colega de quarto.

Nº do Capítulo 41	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Vai gato, tira isso! Vem e me agarra! Vai sair um tsunami daqui! Ei, tá tudo bem? Você broxou?			
	Cenário: Quarto de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: O psicólogo.	Contexto da Cena: Depois do jantar, Perséfone leva ele para o quarto e o joga na cama. Mas, o psicólogo se levanta e fala que broxou.

Nº do Capítulo 42	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ah, não sei porque quando todo homem broxa tem que pedir desculpas! Eu entendo, bobo. Sou enfermeira! O que? Quer ser só meu amigo? Podemos sim! Fazer o quê, né?			
	Cenário: Corredor do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Psicólogo.	Contexto da Cena: O psicólogo encontra Perséfone pede desculpas pela noite de ontem. E sugere que eles só fiquem na amizade.

Nº do Capítulo 43	CENA 1			
Tempo de Duração	Transcrição das falas de Perséfone: O mundo é muito injusto mesmo! Você que não queria nada arranjou logo o gato do Michel. E eu que estava querendo arranjar um cara... <u>(pausa longa)</u> quando arranjo ele broxa.			
do episódio: 1h	Cenário: Corredores do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone e Patrícia andam pelos corredores do hospital e conversam.

Nº do Capítulo 47	CENA 1			
Tempo de Duração	Transcrição das falas de Perséfone: Oi gato! Se eu gosto de couro? É claro que gosto <u>(voz maliciosa)</u> ! Aliás, quer jantar lá em casa? Ótimo! Aqui está o endereço! Te espero!			
do episódio: 1h	Cenário: Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Roupa de enfermagem.	Personagens de interação com Perséfone: Um enfermeiro do hospital.	Contexto da Cena: Perséfone vê um enfermeiro andando pelo hospital, puxa assunto e o chama para jantar.

Nº do Capítulo 48	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ai, miga! Aquele enfermeiro gato vem hoje! Eu nunca tinha reparado nele antes, mas eu acho que ele é o amor da minha vida! Vou gritar hoje até morrer!			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Roupa preta de couro, batom escuro.	Personagens de interação com Perséfone: Joana.	Contexto da Cena: Enquanto o homem não chega, Perséfone desabafa com sua colega de quarto.

Nº do Capítulo 48	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você quer ir direito ao ponto (<u>voz maliciosa</u>)? Você é muito fofoso! Ei! Por que você está me algemando (<u>voz confusa</u>)? Para! Para (<u>voz de desespero</u>)! Está doendo!			
	Cenário: Quarto de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Roupa de Couro.	Personagens de interação com Perséfone: O enfermeiro,	Contexto da Cena: Perséfone pula no colo do enfermeiro e começa a agarrá-lo. Ele pega duas algemas e prende as duas mãos dela na cama. Tira um chicote e revela ser praticante de sadomasoquismo.

Nº do Capítulo 48	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Obrigada por ter expulsado ele, Joana (<u>tom de alívio</u>)! O único problema é que esquecemos de pegar as chaves para tirar as algemas.			
	Cenário: Quarto de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Roupa de couro.	Personagens de interação com Perséfone: Joana.	Contexto da Cena: Joana entra no quarto com os gritos de Perséfone. Expulsa o homem e faz companhia para a colega.

Nº do Capítulo 49	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Por que nunca dá certo de eu perder minha virgindade?			
	Cenário: Quarto de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma das cenas anteriores.	Personagens de interação com Perséfone: Joana.	Contexto da Cena: Após dificuldades, Perséfone consegue se livrar das algemas. Aos prantos, chora frustrada de não conseguir tirar sua virgindade.

Nº do Capítulo 49	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu vou perder minha virgindade nem que seja a última coisa que eu faço na minha vida!			
	Cenário: Ruas de São Paulo.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone afirma com convicção que vai perder a virgindade enquanto caminha com Patrícia de manhã até ao hospital.

Nº do Capítulo 51	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ai, Vivian (<u>voz manhosa</u>)! Seja solidária com a minha causa! Por favor, onde é que vou conseguir encontrar um gato para perder minha virgindade se não no bar? Quebra esse galho para mim! É uma missão especial!			
	Cenário: Bar movimentado.	Vestimenta de Perséfone: Blusa branco com bolinha preta e saia rodada preta.	Personagens de interação com Perséfone: Vivian, gerente do bar.	Contexto da Cena: Perséfone implora para poder continuar a frequentar o bar. Já que o namorado de Patrícia tinha quebrado o bar dias antes e a gerente ficou receosa de receber todo mundo que tem relação com ele.

Nº do Capítulo 52	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Nossa Patrícia, o Michel deve estar desesperado para estar ligando tanto assim para você. Se eu tivesse um cara gato com o seu me ligando eu lamberia o celular de tanta alegria que eu sentiria. Ah Patrícia, dá uma chance para o Michel!			
	Cenário: Escritório do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Patrícia desculpa que Michel foi casado antes e começa a ignorá-lo. Perséfone aconselha a amiga a conversar com ele.

Nº do Capítulo 53	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Bonito o jeito que você cuida da sua irmã (tom de admiração)! Você é a mãe do Daniel? Prazer, sou a Perséfone. Como enfermeira aqui no hospital já tive contato com pacientes autistas e sei que eles precisam de liberdade e muito carinho. Trazer ela para fazer exercício foi uma boa escolha! Qualquer coisa que você precisar só falar comigo!			
	Cenário: Sala de Fisioterapia.	Vestimenta de Perséfone: Roupa rosa de ginástica.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel e a mãe dele.	Contexto da Cena: Perséfone está na sala de fisioterapia quando vê Daniel chegando com sua mãe e sua irmã, está última que é autista. Descobrimos que Perséfone e Daniel voltaram conversar depois de toda a confusão da perda da virgindade. Percebe-se que

				Perséfone pode nutrir ainda algum sentimento por Daniel.
--	--	--	--	--

Nº do Capítulo 54	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Olha, o Michel errou em não te contar que já foi casado, mas, ele já se arrependeu e ele te ama! Vai lá, amiga! Resolve tudo com ele de uma vez só!			
	Cenário: Corredores do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Depois da fisioterapia, Perséfone encontra Patrícia e aconselha ela conversar com Michel.

Nº do Capítulo 56	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: O Michel é um gato! Só por isso você deveria ter paciência com ele. Se um caro como ele me desse um “oi”, acho que já teria um orgasmo!			
	Cenário: Bar movimentado.	Vestimenta de Perséfone: Vestido branco com flores azuis.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Após o expediente, Perséfone e Patrícia vão ao bar.

Nº do Capítulo 56	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Quer ir lá em casa? Podíamos assistir a alguns DVDs. Você tem que fazer hora extra? Sem problemas (<u>tom de frustração</u>). Fica para a próxima.			
	Cenário: Bar movimentado.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Garçon.	Contexto da Cena: Perséfone deixa Patrícia e vai falar com o novo garçon. Ela o convida para a sua casa, mas ele fala que tem compromisso.

Nº do Capítulo 56	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Quando eu morrer, vou pedir para ser empalhada como o último exemplar de mulher virgem intacta nesse mundo (<u>tom indignação</u>)!			
	Cenário: Ruas de São Paulo.	Vestimenta de Perséfone: A mesma das cenas anteriores.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: As duas saem do bar e Perséfone fica triste de ter sido ignorada mais uma vez.

Nº do Capítulo 60	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Quero um gato que me arranhe com força (<u>tom de riso</u>)! Dar em cima do entregador de pizza? Pode até ser uma boa ideia! Vou correr para casa!			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido azul.	Personagens de interação com Perséfone: Vivian, gerente do bar e Patrícia.	Contexto da Cena: Na outra noite, Perséfone e Patrícia voltam para o bar. Vivian comenta com as duas de que leu uma pesquisa realizada nos EUA de que os entregadores de Pizza são a categoria profissional que mais faz sexo. A gerente liga para uma Pizzaria e pede para entregar no apartamento de Perséfone. A personagem corre para a sua casa para esperar o entregador.

Nº do Capítulo 60	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Olá, pode entrar e ficar à vontade! Coloque a pizza na cozinha, por favor. Obrigada! Mas, e aí? Muito trabalho hoje à noite?			
	Cenário: Cozinha da Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Vestido completamente	Personagens de interação com Perséfone: Entregador de Pizza.	Contexto da Cena: Perséfone completamente de vermelho abre a porta e convida o entregador para entrar. Ao usar o tom

		vermelho bem colado.		malicioso o entregador logo percebe as intenções dela.
--	--	----------------------	--	--

Nº do Capítulo 60	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Nossa moço (<u>tom nervoso</u>)! Tirar a calcinha, já assim? Sem nenhum romantismo? Ei! Espera (<u>tom de indignação</u>)! Quer “fazer amor” comigo e ganhar uma gorjeta maior? Não sou mercadoria para ser moeda de troca não! Saí da minha casa agora e leva essa pizza idiota junto!			
	Cenário: A mesma da cena anterior.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Entregador.	Contexto da Cena: O entregador pede para Perséfone levantar o vestido, tirar a calcinha e encostar na pia para ele terminar logo o “serviço” e pede uma gorjeta por isso. Ela fica indignada e o expulsa de sua casa.

Nº do Capítulo 61	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Como não, Patrícia (<u>voz triste</u>)? Ele me pediu gorjeta para transar comigo. Bom, eu vou deixar vocês a sós. Quem sabe tenho sorte de encontrar um paciente moribundo que quer transar pela última vez.			
	Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone:	Contexto da Cena: Perséfone conta para Patrícia a situação da noite anterior.

			Patrícia e Michel.	Quando Michel chega, ela se retira.
--	--	--	--------------------	-------------------------------------

Nº do Capítulo 62	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ah, Paty! O boy magia que você me arranjou tem que chegar! Estou tão nervosa! Aliás, vocês avisaram para ele que eu tenho uns quilinhos a mais? Ótimo! Agora é só esperar.			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido vermelho com estampa de rosas brancas.	Personagens de interação com Perséfone: Michel e Patrícia.	Contexto da Cena: Descobrimos que Patrícia e Michel arranjaram um homem para Perséfone. Os três estão esperando ele chegar.

Nº do Capítulo 62	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Oi! Seu nome é cobra? Que diferente! Meu nome é Perséfone ou pode me chamar de qualquer outra coisa, desde que seja de forma gentil! Aliás, tipo de cobra você? Coral ou minhoca, aquele cobra bem pequena? Você é uma jiboia <u>(tom surpreso)</u> ? Já me arrepiei toda!			
	Cenário: A mesma da cena anterior.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Seu interesse romântico,	Contexto da Cena: O homem arranjado para Perséfone e se apresenta como cobra. Eles começam a conversar.

			Patrícia e Michel.	
--	--	--	--------------------	--

Nº do Capítulo 62	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Pera aí, gato (<u>risos de alegria</u>)! Você é muito malicioso! Coloca uma música para a gente mesmo! Quero dançar muito! E tira tudinho mesmo. Ai que alegria!			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Seu interesse romântico.	Contexto da Cena: Perséfone leva ele para e os dois começam a se agarrar. O homem coloca uma música e começa a fazer um <i>streak tease</i> .

Nº do Capítulo 62	CENA 4			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Tia? Você é tia dele? Eu não paguei ninguém para fazer programa não! Fala para ela isso! Então foi a Patrícia e o Michel que te pagaram? Esses dois vão me pagar!			
	Cenário: A mesma da cena anterior.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Joana e o seu interesse romântico.	Contexto da Cena: Joana chega em casa quando o cara estava fazendo <i>streak tease</i> para Perséfone. Ela reconhece que ele é filho de uma vizinha a qual ajudou a criar. Joana pede para ele recolher a roupa e voltar para casa.

				Perséfone descobre que Michel e Patrícia pagaram um garoto de programa para ela.
--	--	--	--	--

Nº do Capítulo 63	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Nem vem, Patrícia! Não estou de bom humor hoje! O que você estava pensando quando pagou um garoto de programa? O quê? Você encontrou um cara tímido como eu? Quem é? Eu sei quem é! Já tinha reparado nele no hospital! Se você arranjar ele para mim nós fazemos as pazes.			
	Cenário: Corredores do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Roupa rosa de enfermagem.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Na manhã seguinte Patrícia encontra Perséfone e pede desculpas por ter pago um garoto de programa. Ela disse que conhece um cara tímido que pode fazer o tipo de Perséfone. Ainda meio brava com a amiga, se anima ao ter a oportunidade de encontrar um novo interesse romântico.

Nº do Capítulo 64	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Obrigada amiga! Vou pegar esses dois drinks e dar para ele então! Aí quando ele tiver meio “alto” vou lá e dou o bote!			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Blusa listrada colorida e saia jeans azul.	Personagens de interação com Perséfone: Gerente do bar.	Contexto da Cena: Perséfone chega no bar e ao ver a gerente comenta que hoje tem um encontro. A gerente dá dois drinks e aconselha Perséfone a deixar o homem bêbado para poder rolar algo mais à noite.

Nº do Capítulo 64	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você bebeu um pouquinho a mais do que devia! Por isso mesmo te trouxe para meu apê! Vem que você vai dormir lá na minha cama.			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: O interesse romântico.	Contexto da Cena: Perséfone chega em casa carregando o homem completamente bêbado. Ela o leva até seu quarto.

Nº do Capítulo 64	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Sem falas.			
	Cenário: Quarto de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: O mesmo da cena anterior.	Contexto da Cena: Perséfone joga o homem na cama e tenta agarrá-lo, mas nada acontece pois ele bebeu tanto que acabou dormindo. A enfermeira fica extremamente frustrada.

Nº do Capítulo 65	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Não aconteceu nada! Nadinha de nada! Eu ainda vou entrar para a história como a última mulher virgem do mundo ocidental <u>(voz de tristeza)</u> !			
	Cenário: Sala de estar de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Joana.	Contexto da Cena: Na manhã seguinte, depois que ele vai embora, Perséfone desabafa com sua colega de apartamento.

Nº do Capítulo 66	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ele dormiu na minha cama, mas não rolou nada! Ele estava tão bêbado que acabou capotando pesado. É a maldição da virgindade! Por que ninguém me quer? É muito sofrimento ser sempre rejeitada (voz de extrema tristeza).			
	Cenário: Sala de Reunião do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermagem.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: No Hospital Perséfone chora para Patrícia ao cansar de ser rejeitada.

Nº do Capítulo 68	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Nossa Paty, você fala isso porque não sabe o quanto está difícil o mercado de homem. Sobretudo para mim.			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa com um casaco de frio rosa com bolinas pretas.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Patrícia comenta com Perséfone que não quer mais ver Michel. Perséfone aconselha ela a repensar a dificuldade de arranjar um homem no atual momento.

Nº do Capítulo 69	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Na situação atual em que me encontro, não conseguiria resistir ao Michel. Vem cá, você vai dar mais uma chance para o Michel?			
	Cenário: A mesma da cena anterior.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Ainda no bar, Perséfone tenta convencer sua amiga a voltar com Michel.

Nº do Capítulo 72	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Joana! Joana! Você tá aí? Olha esse som! Tá vendo filme de novo. Viciada demais! Vou abrir a porta, espero um pouco. Pizza? Minha amiga deve ter pedido. Aqui está o dinheiro, obrigada.			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Blusa branca com bolinhas pretas, saia jeans azul e sapato de salto vermelho.	Personagens de interação com Perséfone: Ela mesma e o entregador de pizza.	Contexto da Cena: Perséfone chega em casa e percebe que Joana está no quarto. Ela abre a porta da casa e pega a pizza.

Nº do Capítulo 72	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Opa, desculpa Joana! Não sabia que você estava com companhia. Aqui está a pizza que você pediu (<u>voz maliciosa</u>). Bom proveito! Minha nossa senhora as encalhadas, se a Joana se arrumar antes de mim, eu desisto! Não vou mais querer saber de homem! Vou morrer virgem!			
	Cenário: Apartamento de Perséfone (quarto de Joana)	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Joana.	Contexto da Cena: Perséfone abre a porta do quarto de Joana para entregar a pizza e vê que tem um funcionário do hospital com ela. Perséfone fecha a porta e não acredita que sua colega pode desencalhar primeiro.

Nº do Capítulo 72	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Oi, Daniel! É bonito você trazer a sua irmã para se exercitar. Ela está firme! Eu conheço muitos altistas e é bem saudável fazer eles se exercitarem. Aliás, Daniel, vem aqui comigo um minutinho? Então, só queria dizer que essa atitude sua com a sua irmã me fez ter uma visão diferente de você. Por conta daquela vez, pensei que você era um idiota, mas agora vejo que você é um cara legal! Amigos?			
	Cenário: Hospital (sala de fisioterapia)	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: No outro dia, Perséfone chega na sala de fisioterapia e vê Daniel. Eles conversam.

Nº do Capítulo 73	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Peguei a Joana e aquele menino que serve marmitta que no hospital na cama! Eita que aí tem alguma coisa! Lá vai ela desencahar primeiro que eu! Estou tão cansada de arrumar bofe que estou quase desistindo. Uma festa? Você acha que tenho alguma chance lá?			
	Cenário: Sala de Reunião.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone encontra Patrícia e comenta sobre Joana. A amiga entrega um convite de uma festa.

Nº do Capítulo 74	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: É divertido aqui né? Vamos dançar? Você quer é pegar bebida? Bora lá!			
	Cenário: Festa em uma boate.	Vestimenta de Perséfone: Vestido com bolinha preta e sapato preto	Personagens de interação com Perséfone: Um homem.	Contexto da Cena: Perséfone está em uma festa e é abordada por um homem. Eles conversam e vão até o bar comparar bebida.

Nº do Capítulo 74	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Me deixa Patrícia! Dá para ver que ele é gente boa!			
	Cenário: O mesmo da cena anterior.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Patrícia puxa Perséfone e aconselha ela tomar cuidado pois, em festas como essas, dá muito homem malandro. Enquanto Patrícia puxava Perséfone é possível ver o homem colocando alguma coisa na bebida da personagem.

Nº do Capítulo 74	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu vejo tudo brilhando (<u>voz alterada</u>)! Oi Daniel! Eu estou ótima! Ele é um amigo íntimo, qual é o seu nome mesmo? Não me toca, Daniel! Não preciso da sua caridade!			
	Cenário: A mesma da cena anterior.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel e o homem.	Contexto da Cena: Daniel vê Perséfone um pouco “alta” e pergunta se está tudo bem. Perséfone ignora e continua agarrando o homem.

Nº do Capítulo 74	CENA 4			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Se eu tenho cofre (<u>voz sonolenta</u>)? É claro que eu tenho e a senha é 264! Carro? Eu não tenho, mas minha colega de quarta tem. Documentos e chaves na segunda gaveta ali.			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Dois homens.	Contexto da Cena: Perséfone chega em casa carregada por dois homens. Eles perguntam sobre o cofre e o carro da casa enquanto Perséfone é posta na cama e tem braços e boca amarrados.

Nº do Capítulo 75	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Chama a polícia! Não, por favor! Estou com vergonha.			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma do capítulo anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Joana.	Contexto da Cena: Na manhã seguinte, depois do plantão, Joana chega em casa e vê tudo revirado. Chega no quarto de Perséfone, a desamarra e quer entender o que aconteceu.

Nº do Capítulo 75	CENA 2			
------------------------------------	---------------	--	--	--

Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu já tinha ouvido falar nesse golpe, mas o cara era tão gato! Senhor delegado, não tinha como eu adivinhar que minha noite terminaria assim. Tá vendo como uma virgem sofre?			
	Cenário: Delegacia.	Vestimenta de Perséfone: A mesma do capítulo anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Delegado.	Contexto da Cena: Perséfone vai até a delegacia fazer a denúncia. O delegado não dá muitas esperanças de achar o que foi roubado.

Nº do Capítulo 77	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: A Joana está uma fera comigo ainda! Ela anda falando que vai se mudar lá de casa. Eu levei o tal boa noite cinderela, só não sabia que era assim. A gente fica meio drogada, mas continua a falar e a andar, só ficamos sem ação. É como se fosse um zumbi. Eu perdi quase tudo lá em casa, menos a virgindade. Você ficou preocupado comigo?			
	Cenário: Refeitório do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermagem.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone e Daniel começam a conversar. Ele afirma que tentou tira-la de perto do cara porque não foi com a cara dele. Perséfone fica animada ao sentir que Daniel se preocupou com seu bem-estar na festa ontem.

Nº do Capítulo 79	CENA 1			

Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Amiga (risos), queria morrer quando fiquei sabendo que o presidente do hospital viu você e o Michel fazendo sexo dentro consultório! Mas, e aí? Antes de serem pegos já tinham sentido os orgasmos?			
	Cenário: Corredores do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone e Patrícia conversam enquanto andam pelos corredores.

Nº do Capítulo 80	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu sei que você não tem interesse em mim Daniel. E pode deixar que não vou mais dar em cima de você. Vou aguardar o pouco de dignidade que ainda me resta (risos). Se brincar até desisto de perder a virgindade.			
	Cenário: Bar movimentado.	Vestimenta de Perséfone: Blusa amarela com flores e brancas e saia branca.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Os dois estão no bar e Perséfone desabafa com ele.

Nº do Capítulo 91	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você tem ficado cansada várias vezes ultimamente, Vivian. Eu sou enfermeira e presto atenções nessas coisas! Você deveria ir no médico! Parem vocês dois, tá? Não quero tocar no assunto da minha virgindade! Eu não estou no bar toda noite porque eu quero, é que acabei			

episódio: 1h	emprestando meu apê para a Patrícia e o Michel para eles transarem! Estou sentindo que entrei em uma roubada!			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Blusa azul de bolinhas brancas e saia jeans.	Personagens de interação com Perséfone: Vivian (gerente do bar), advogado do hospital e Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone percebe que Vivian está se cansando com mais felicidade e a aconselha a procurar um médico, mas a gerente desconversa. Daniel e o advogado brincam sobre a virgindade de Perséfone. Ela ri e menciona que vai ao bar com mais frequência porque acabou emprestando sua casa e seu quarto para Michel e Patrícia fazem sexo.

Nº do Capítulo 91	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu quis fazer compras porque lembrei que não tenho nada para oferecer para a Patrícia e o Michel. Eles sempre ficam fome depois deles (<u>pausa curta</u>) você sabe o quê. Pensei em fazer uma macarronada para eles.			
	Cenário: Supermercado.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel oferece uma carona para Perséfone e eles acabam indo para o supermercado. Perséfone decidi cozinhar para o casal.

Nº do Capítulo 91	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Gostaram do macarrão? Que bom! O quê <u>(voz de surpresa)</u> ? Morar aqui? Como assim <u>(forçando um sorriso)</u> ? Quer que eu já troque o amaciante que uso aqui em casa? Está bem <u>(voz inconformada)</u> .			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia e Michel.	Contexto da Cena: Perséfone chega em casa e faz o jantar para o casal. Já que eles estão sem lugar para transar, pedem para morar com Perséfone que por mais que não queira, não consegue negar.

Nº do Capítulo 94	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ai meus deus, ai meu deus <u>(voz de susto)</u> ! O que está acontecendo? Eu estava dormindo tão gostoso! Me arrumar em 15 minutos? Não dá! Tenho que lavar o cabelo e secar ele ainda. Secar o cabelo na cozinha? Está bem.			
	Cenário: Quarto de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Camisola preta.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia e Michel.	Contexto da Cena: Patrícia e Michel começam a se agarrar e se jogam na cama, pensando que não tinha ninguém. Perséfone se assusta ao ter os dois sobre ela. Patrícia convence Perséfone a secar o cabelo na

				cozinha para deixar o quarto para os dois.
--	--	--	--	--

Nº do Capítulo 95	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eles deixaram a cama toda desfeita (<u>voz de frustração</u>)! Vou limpar esse lençol porque é bem provável que eu engravide se deitar em cima dele. Uma cueca e um sutiã? Como eles conseguiram sair daqui sem essas coisas (<u>risos</u>)? Nem quero imaginar! Mas, aqui tá todo o cheiro da safadeza (<u>voz maliciosa</u>)!			
	Cenário: Quarto de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Blusa rosa com casaco rosa de bolinhas pretas e saia jeans azul.	Personagens de interação com Perséfone: Ninguém.	Contexto da Cena: Perséfone chega em casa algum tempo depois e vê sua cama toda bagunçada. Por mais tenha fica um pouco nervosa, fica toda animada ao sentir o cheiro da “safadeza”.

Nº do Capítulo 95	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu não estou nada bem! Eu dormi mal (<u>voz de reclamação</u>)! Tive vários sonhos eróticos que me fez acordar muitas vezes à noite. Deve ser culpa de todo o ambiente da safadeza que está o meu quarto. Quando deitei na minha cama senti um calor e comecei a sentir meio escaldante, será que estou doente? Eu sei que ter sonhos eróticos não é doença, mas já estou pegando fama, Daniel! Hoje mesmo estava saindo de casa, a vizinha me encarou e disse para eu gemer mais baixo (<u>voz envergonhada</u>).			

	Cenário: Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone encontra Daniel e desabafa sobre o que está acontecendo com ela.
--	------------------------------	--	---	--

Nº do Capítulo 96	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Entrar em um acordo para a Patrícia poder reverter o apartamento dela (<u>voz contente</u>)? Que ótimo! Que isso Michel (<u>voz nervosa</u>), eu adoro receber vocês lá em casa! Achei ótimo porque a Patrícia está conseguindo seu direito ao apartamento de volta.			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Blusa branca com saia jeans preta.	Personagens de interação com Perséfone: Michel e Daniel.	Contexto da Cena: Os três estão no bar e Michel conta que Patrícia vai se reunir com o ex-marido para poder pegar o apartamento dela de volta. Perséfone fica feliz com a notícia mais logo desconversa ao ver a cara de Michel. Daniel sorri da situação.

Nº do Capítulo 98	CENA 1			
Tempo de	Transcrição das falas de Perséfone: Aconteceu alguma coisa? Eu vou com você! Eu sou enfermeira e posso ajudar em alguma coisa!			
Duração do episódio: 1h	Cenário: Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel recebe uma ligação de sua mãe falando que sua irmã autista abriu o portão de casa e sumiu. Os dois vão procura-la.

Nº do Capítulo 99	CENA 1			
Tempo de	Transcrição das falas de Perséfone: Eu sempre fico muito tocada do jeito que você cuida da sua irmã! Me pagar uma cerveja hoje à noite? Fechado!			
Duração do episódio: 1h	Cenário: Hospital.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone elogia o cuidado do Daniel com a irmã. Ele agradece pela ajuda de hoje e oferece uma cerveja para ela no mesmo bar de sempre.

Nº do Capítulo 99	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Nem brinca com essas coisas, Michel. Você pode acabar estragando minha amizade com o Daniel.			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Michel, Patrícia e Daniel.	Contexto da Cena: Michel pergunta se Perséfone e Daniel estão “ficando”, já que andam muito juntos ultimamente. Perséfone afirma que não. O casal vai embora para o apartamento da enfermeira.

Nº do Capítulo 100	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Já vi que meu destino é ficar no balcão sozinha enquanto outros se divertem. Eu só quis apresentar o Daniel para alguém são os que os amigos fazem. Eu e ele somos só amigos. Já me conformei em ser a amiga gorda e virgem. Pelo menos eles me acham uma pessoa legal! Aliás, tô indo para casa!			
	Cenário: O mesmo da cena anterior.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Vivian, gerente do bar.	Contexto da Cena: Perséfone observa Daniel conversando com outra mulher (magra) e desabafa com Vivian. A gerente fala para a enfermeira lutar pelo Daniel, mas ela afirma que já se conformou em ser a amiga gorda.

N° do Capítulo 100	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone (Toda fala os gritos e prantos): Chega! Vocês acham que é fácil e ficar ouvindo “ai Patrícia e “ai Michel”? Tá achando ruim o horário que voltei para casa? Agora não sabia que eu não podia entrar na minha casa quando eu quisesse! Não é fácil ser virgem e ficar vendo essas safadezas! Não estou conseguindo dormir direito com esses sonhos e com vocês atrapalhando minha rotina! Eu estou gastando um dinheirão com a lavagem dos lençóis e das minhas toalhas que ficam com cheiro de macho! Eu sou obrigada a ficar esperando sozinha no bar! Eu estou pirando! Deem um fora daqui agora! Descobri que a felicidade alheia me dá raiva! E se estiver sentindo inveja, e daí? Será que não era para eu estar vivendo o que vocês levam? Saiam da minha frente! Eu não preciso ser a boazinha o tempo todo! Cansada de ser gente boa! Vocês nunca me respeitaram!			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia e Michel.	Contexto da Cena: Perséfone entra em casa e ouve o barulho dos dois transando. Joga a bolsa com força no sofá e abre a porta do seu quarto já gritando e chorando.

Nº do Capítulo 101	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu não sei se vou não. Ontem à noite eu briguei feio com a Patrícia. Eu briguei porquê e Patrícia e o Michel fazem sexo demais e aquilo não estava me fazendo bem. É difícil de explicar, mas essa foi uma das noites que dormi sem sonhar com essas coisas eróticas. Está bem! Vou só porque você convidou!			
	Cenário: Corredor do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Amiga médica.	Contexto da Cena: A amiga médica chama Perséfone para ir até a ala da advocacia do hospital para comemorar a promoção de um dos colegas advogados. Perséfone fica meio receosa de ir por ter que encontrar Patrícia, mas acaba indo.

Nº do Capítulo 101	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Pois é, tem muita mulher bígama também, né? Por exemplo. Se você é casada, mas tem um namorado fixo, para mim, é bigamia. Ué, se a carapuça serviu! Eu nem conto para vocês o que eles fizeram comigo. Eles usaram e abusaram da minha comida, do meu apê e me transformaram em uma escrava!			
	Cenário: Sala de advocacia do hospital.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Colegas de hospital,	Contexto da Cena: Perséfone chega na sala e descobre que um dos chefes do hospital está sendo acusado de bigamia. Ela aproveita e joga uma indireta para Patrícia. As duas

			incluindo advogados, enfermeiros e Patrícia.	começam a se atacar com palavras.
--	--	--	--	-----------------------------------

Nº do Capítulo 102	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	<p>Transcrição das falas de Perséfone: Seu Arnaldo, por favor, me vê um chocolate. E aproveita e coloca a conta dessa aí na minha porque eu estou acostumada a bancar ela mesmo. Sabe seu Arnaldo, eu não tenho nenhum namorado e essa aí tem dois (<u>voz triste</u>)! E você tem é sorte de ser magra com apenas um homem, se ficasse com o outro seria um bacalhau seco! Quem é a encalhada aqui? Já desisti de homem tá? Eles pensam só porque sou gorda eu sou uma pessoa triste. Eu entro no bar e vejo todo mundo se pegando enquanto tomo minha cervejinha sozinha e depois vou para a casa. Eu tinha uma amiga (<u>voz de choro</u>), mas, depois percebi que ela não era tão minha amiga assim. Eu sinto muito a sua falta, Patrícia!</p>			
	<p>Cenário: Lanchonete do Hospital.</p>	<p>Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.</p>	<p>Personagens de interação com Perséfone: Arnaldo e Patrícia.</p>	<p>Contexto da Cena: Patrícia e Perséfone estão sentadas nas cadeiras de costas uma para a outra. Perséfone começa a desabafar e Patrícia chora. As duas se abraçam.</p>

Nº do Capítulo 102	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Tão feliz de voltar a ser sua amiga! Eu achei as duas sandálias lindas! E você já percebeu que sempre fica na dúvida entre dois? Seja nas sandálias em relação a homens?			
	Cenário: Loja de sapato de um Shopping.	Vestimenta de Perséfone: Blusa rosa, saia preta e sapatos rosas.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: As duas foram para o shopping fazer compras.

Nº do Capítulo 103	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu prometi ficar virgem, mas né? Olha aqui rapaz, eu iria te dar mole sim, mas agora eu que não quero mais! Dá um fora (<u>voz nervosa</u>)! Que cara sem noção! E nem com esse papo Michel, nunca mais empresto meu apartamento novamente para ninguém! Apartamento interditado para outras pessoas no momento.			
	Cenário: Bar movimentado.	Vestimenta de Perséfone: Vestido preto e cinto rosa.	Personagens de interação com Perséfone: Michel, Patrícia e Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone olha um médico no bar e se interessa. Michel o chama e ele se aproxima da mesa. O médico pergunta se chegou a vez dele de ser cantado por Perséfone, já que todo mundo do hospital fala que ela agarra os homens e continua virgem. A enfermeira se ofende e manda ele embora.

				Daniel quer tirar satisfação com o médico, mas é impedido pela personagem. Ela continua negando emprestar seu apartamento.
--	--	--	--	--

Nº do Capítulo 104	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você me dá uma carona, Daniel? Obrigada! Eu vou embora antes que esses dois tentem me chantagear para emprestar o apartamento.			
	Cenário: O mesmo da cena anterior.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Os dois saem do bar e vão em direção ao carro de Daniel.

Nº do Capítulo 104	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Obrigada Daniel! Que bom que você está indo para o bar! Assim não tenho que pegar taxi. É claro que eu não iria agarrar o taxista, seu bobo (<u>risos</u>). Até depois! Ai! Me desculpa! Claro! Claro! Só amigos!			
	Cenário: Carro de Daniel.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel estaciona em frente ao prédio de Perséfone. Na hora de se despedir eles acabam se beijando. Os dois ficam sem graça e reforçam que são apenas amigos.

Nº do Capítulo 104	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ai Daniel, é agora que eu nunca mais lavo essa boca (<u>voz sonhadora</u>)! Será que eu estou ficando louca? O Daniel é só meu amigo! Ele deixou claro que não quer nada comigo! Vai com calma Perséfone, vai com calma! Age com tranquilidade para no final não pagar mico.			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Ninguém.	Contexto da Cena: Perséfone se derrete no sofá com as mãos sobre a boca. Sua expressão é de extrema felicidade, mas também de cautela. Quer ter certeza sobre os sentimentos de Daniel por ela.

Nº do Capítulo 106	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Seu ex está pegando no seu pé ainda, Patrícia? Então manda ele pegar no meu pé à vontade (<u>risos</u>).			
	Cenário: Casa de Patrícia.	Vestimenta de Perséfone: Vestido preto e cinto vermelho.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone e Patrícia vão juntas ao bar.

Nº do Capítulo 106	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Sim, a gente se beijou. Para mim foi mais que um selinho, sabe? Mas, logo em seguida ele me pediu desculpas e reafirmou que éramos apenas amigos. Eu tenho experiência em agarrar homem, mas não em namorar. De qualquer maneira, o beijo que o Daniel me deu mexeu comigo. O que eu faço agora? O quê? Fazer assim com a língua? Tem certeza que isso funciona, Patrícia? Abafa o assunto que o Daniel tá chegando acompanhado aí! No final, acho que não vou ter a oportunidade de pôr em prática essa sua técnica de sedução. Por que eu pensei que um boy magia desse iria querer ficar comigo? Tô sempre no escanteio mesmo.			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone conta o que aconteceu ontem no carro de Daniel e acha que ele pode estar interessado nela. Patrícia chega a ensinar como seduzir com a língua, mas o fisioterapeuta acaba chegando com uma mulher magra e loira no bar. Perséfone fica triste.

Nº do Capítulo 109	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Já estava mais do que na hora de você sair do flat da sua ex mulher né? A Patrícia te ama! Nem me olha assim Daniel, não vou te emprestar meu apartamento para você transar com outras mulheres! Vai transar no novo flat do Michel e deixa meu apezinho em paz.			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Blusa listrada branca com azul e saia jeans azul.	Personagens de interação com Perséfone: Michel e Daniel.	Contexto da Cena: Michel comenta que vai sair da casa de ex mulher e comprar um flat próprio. Perséfone elogia a iniciativa. Daniel pede na brincadeira para usar o apartamento de Perséfone, ela nega.

Nº do Capítulo 109	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você nunca teve interesse em um relacionamento sério, Daniel? Mas, sexo e relacionamento não começam e terminam um no outro? Você sai com a pessoa, transa e depois namora. Não é assim que as coisas acontecem? Diferente como? Focar primeiro no relacionamento e depois no sexo? Mas, se para transar já é difícil encontrar alguém (<u>pausa longa</u>) imagina alguém que me ame? É mais difícil ainda!			
	Cenário: Carro de Daniel.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel deixa Perséfone em casa novamente. Ele a aconselha a pensar em se relacionar com alguém do que apenas pensar em sexo. Perséfone narra a

				dificuldade de encontrar alguém que a ame.
--	--	--	--	--

Nº do Capítulo 111	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Paty, por que você abandonou aquele gato? O Michel queria morar com você, sabia? Eu preciso saber o porquê! Eu não sabia que era tão grave assim. A sua atitude foi muito nobre. Mas, deve doer né? Quando a gente faz algo bom no mundo, nós temos alguma recompensa! Só não sei quando que vai chegar minha vez (<u>voz triste</u>)! Faço tanta coisa boa e minha recompensa demora.			
	Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Patrícia conta que terminou com Michel porque a ex mulher dele está com câncer de mama e vai ter que tirar um dos seios. Perséfone admira o sacrifício da amiga.

Nº do Capítulo 112	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Oi Daniel! E essa cara murcha aí? Você levou um fora? Mas, vocês não estavam namorando de verdade né? Vocês estavam mais ficando do que em um relacionamento sério! Olha, lembra que algum tempo atrás você me disse eu não devia pensar apenas em perder minha virgindade, mas encontrar um cara que fizesse um diferencial para mim. Não achei esse cara, mas, estou te devolvendo o conselho. Você só procura mulheres gostosas para o sexo.			

<p>Então, o que você falou para mim, pode servir para você também! Que? Você quer me chamar para sair? Tá de brincadeira né? Vamos parar porque se não viu ficar sentida com você (<u>tom sério</u>). Tá me chamando sério? Você não está fazendo caridade porque viu uma guarda sozinha e quer levar ela para jantar? Eu topo sair com você sim!</p>			
<p>Cenário: Lanchonete do Hospital.</p>	<p>Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.</p>	<p>Personagens de interação com Perséfone: Daniel.</p>	<p>Contexto da Cena: Perséfone passa pela lanchonete e vê Daniel com a cara triste. Ela se aproxima e descobre que o fisioterapeuta levou um fora. Eles conversam e Daniel fala que está na hora dele mudar de personalidade e convida Perséfone para jantar.</p>

<p>Nº do Capítulo 113</p>	<p>CENA 1</p>		
<p>Tempo de Duração do episódio: 1h</p>	<p>Transcrição das falas de Perséfone: E aí, Patinha? O que você achou? Eu tô bem? Não é apenas Daniel, é o Daniel! Mas, olha só, hoje é diferente! Ele me convidou para um encontro! Por isso te chamei para me ajudar com a roupa e a maquiagem porque não tenho experiência em sair para o encontro com alguém. Você sabe como o mundo é preconceituoso. Fui em uma butique ontem e não tinha nada no meu número. Parece que para ser fashion tem que ser magra! Meu celular tá tocando! É ele! Vou descer! Me deseje sorte!</p>		
<p>Cenário: Apartamento de Perséfone.</p>	<p>Vestimenta de Perséfone: Vestido preto de bolinha branca, cinto vermelho e</p>	<p>Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.</p>	<p>Contexto da Cena: Perséfone chamou Patrícia para ajudá-la a se arrumar. Ao mesmo tempo desabafa sobre sua ansiedade.</p>

		cabelo escovado.		
--	--	------------------	--	--

Nº do Capítulo 113	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: A gente vai para algum velório? As flores são para mim? Nossa! Quando te vi com essas flores nunca pensei que seriam para mim. Eu nunca recebi flores de um rapaz. Esse início de encontro já está especial!			
	Cenário: Rua do Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma do capítulo anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone encontra Daniel encostado no carro. Ele dá as flores para Perséfone que fica toda emocionada.

Nº do Capítulo 113	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Daniel, ainda não acredito que você me chamou para sair! Éramos amigos há tanto tempo. Mas, não tô entendendo essa história toda. Você vive me apresentando suas namoradas, uma atrás da outra, para a sua amiga gorda aqui. Desde que viramos amigos, eu sempre ouço suas aventuras sexuais. Olha, preciso de falar uma coisa (<u>tom sério</u>): eu sou gorda e gorda nesse mundo serve apenas para ser a amiga e nunca para ser amada. Tem certeza que quer tentar algo sério comigo?			
	Cenário: Restaurante.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone:	Contexto da Cena: Daniel explica que se relacionava com muitas mulheres, mas que no final,

			Daniel.	sempre se sentia mais à vontade com Perséfone. Ainda reafirma que não se importa se ela é gorda ou magra e que está afim de assumir um compromisso sério.
--	--	--	---------	---

Nº do Capítulo 113	CENA 4			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Nosso encontro foi maravilhoso! Eu acho que sempre gostei de você, só não queria acreditar. Quando você me disse que eu deveria encontrar o homem certo, me perguntava se esse homem não era você. Eu acho melhor a gente subir para meu apê não. Eu não quero que essa noite maravilhosa seja apenas mais uma corrida para perder minha virgindade. Eu quero ter um conto de fadas em que você fosse o meu príncipe. Quando eu cresci e engordei, nunca pensei que encontraria um príncipe. E você é meu príncipe. Deixa eu viver esse conto de fada?			
	Cenário: Rua do Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel leva Perséfone para casa e eles se beijam. Ele sugere que ambos subam para o apartamento, mas Perséfone não quer. Ela quer ter uma primeira noite de “contos de fadas”.

Nº do Capítulo 114	CENA 1			
Tempo de	Transcrição das falas de Perséfone: Ai Patrícia! Ele me chamou para jantar e meu deu flores na frente do prédio (<u>voz de felicidade</u>)! Foi lindo! Ele até quis subir			

Duração do episódio:	para meu apê sim, mas eu não quis. Quando eu imaginei minha saída com o Daniel, pensei que iríamos jantar e depois transar. Mas, ele me disse umas coisas tão lindas que foi surgindo um sentimento de ser amada.			
1h	Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone chega no trabalho e conta tudo sobre a sua noite de ontem para sua amiga.

Nº do Capítulo 114	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio:	Transcrição das falas de Perséfone: Dormi no colchão dos sonhos, Daniel. Ontem à noite foi ótimo! Você quer sair de novo? Lógico! Você vai levar outra garota (<u>voz triste</u>)? Tava bom demais para ser verdade. Ser virgem e romântica não dá certo.			
1h	Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da noite anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Patrícia se retira para deixar os dois a sós. Daniel pergunta como Perséfone dormiu e a convida novamente para sair. Ele afirma que vai levar uma outra garota para o encontro. Perséfone fica triste.

Nº do Capítulo 114	CENA 3			
	Transcrição das falas de Perséfone: Vem cá, cadê a garota que você que iria convidar? Vou ser franca com você, fiquei muito triste quando você disse que tinha outra. Vou ter que segurar vela para você e sua peguete (<u>voz brava</u>)? Ei, espera! A outra garota é a Linda?			

	Cenário: Ruas de São Paulo.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa claro.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone anda pelas ruas do Daniel e admite que ficou triste quando ele disse que iria convidar outra. Mas, depois fica aliviada ao ver que a outra era a irmã com autismo de Daniel.
--	---------------------------------------	--	---	--

Nº do Capítulo 115	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ele me levou para jantar de novo! Mas, dessa vez ele levou a irmã dele com autismo. Eu também acho que ele está levando o nosso relacionamento a sério (<u>voz de felicidade</u>)! Eu estou NAMORANDO!			
	Cenário: Corredor do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone encontra Patrícia andando pelos corredores e corre para contar sobre o aconteceu na noite passada.

Nº do Capítulo 116	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Vou querer mais um pedacinho então! Obrigada pela comida e pelo convite! Daniel, tenho que ir porque daqui a pouco entro no hospital para o meu plantão. Depois a gente se vê!			
	Cenário: Casa de Daniel.	Vestimenta de Perséfone: Vestido listrado preto e branco.	Personagens de interação com Perséfone:	Contexto da Cena: Daniel convida Perséfone para jantar na casa dos seus pais. Perséfone agradece o convite e vai embora.

			Daniel e sua família.	
--	--	--	-----------------------	--

Nº do Capítulo 116	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Agora eu sonho em casar! No final dos contos de fadas sempre tem casamento!			
	Cenário: Corredor do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone continua contando para Patrícia como planeja seu futuro com o Daniel.

Nº do Capítulo 117	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Fim um jantar aqui em casa mesmo, bem gostoso para a gente! É claro que eu tenho meus sonhos. O meu conto da fada está acontecendo e você como meu príncipe. Por que essas perguntas sobre meus sonhos? Você não quer casar comigo (<u>voz de choro</u>)? Não quer casar comigo porque eu sou gorda? Não? Então por que não quer casar? Você não está preparado para casar? Sou uma burra mesmo! É melhor você ir, Daniel.			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Blusa preta com estampa de pimenta	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel fala que gosta de Perséfone, mas que não nasceu para casar. A enfermeira chora e pede para ele sair da casa.

		vermelha e saia preta.		
--	--	------------------------	--	--

Nº do Capítulo 118	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Daniel, sinceramente, não sei o que você está fazendo aqui (<i>voz nervosa</i>)! Mas, na boa, me deixa em paz! Eu vou superar e ficar bem! Vou pular de princesa para fada madrinha. Assim, posso ficar sozinha e gorda. Por favor, não me machuque mais. Não seja ridículo! Se ajoelhando e me pedindo em casamento? É muita chacota! Dá um fora!			
	Cenário: Rua em frente ao Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa claro.	Personagens de interação Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Depois de refletir muito, Daniel vê Perséfone chegando em casa para tentar falar com ela. O fisioterapeuta ajoelha e a pede em casamento. Perséfone acha que é uma brincadeira e fica muito brava.

Nº do Capítulo 118	CENA 2			
Tempo de Duração do	Transcrição das falas de Perséfone (tom todo choroso): Tanta brincadeira para você fazer e você faz logo essa? Cadê a pessoa que você chamou para rirem ao verem a gordas sendo pedida em casamento? Não acredito que você consegue fazer uma coisa assim comigo! Eu vou superar porque já superei tanta coisa nessa vida. Todas as piadas de mal gosto, como baleia assassina e elefante durante minha vida			

episódio: 1h	toda! Poe que você continua ajoelhado aí? Tá falando sério? É verdade (<u>voz mais calma</u>)? Casar com você é realizar meu sonho dos contos de fadas!			
	Cenário: A mesma da cena anterior.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone continua achando que Daniel está brincando com ela e vai desabafando. Ao ver que ele continua ajoelhado, ela começa a perceber que ele está falando sério. Ela o abraça, o beija e aceita o pedido.

Nº do Capítulo 120	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Jogar a vida dele por piedade? O Daniel me ama! Você está pedindo para eu terminar com o Daniel?			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa claro com detalhes brancos.	Personagens de interação com Perséfone: Irmã mais velha de Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone abre a porta da casa e recebe a irmã mais velha de Daniel, e menciona que seu noivo está com ela só por dó e piedade e a aconselha terminar. A irmã do fisioterapeuta chama a personagem de gorda e ridícula. Perséfone fica assustada com toda a conversa.

Nº do Capítulo 121	CENA 1		
Tempo de Duração do episódio: 1h	<p>Transcrição das falas de Perséfone: Você está falando que não posso ser feliz porque eu sou gorda? Eu e o Daniel nos amamos! Pobre eu não sou não! Tenho meu apartamento, meu salário e não estou com dívidas! Posso te fazer uma pergunta, foi o Daniel que pediu para você vir aqui falar com você? Não? Ótimo! Então eu vou falar umas coisas para você! Se eu pudesse te atiraria pela janela (<u>falas a seguir todas aos berros</u>)! Eu falo como eu quiser! Eu estou no meu apartamento! Você acha que vai me passar medo, falando que eu não vou caber no espelho? Olha aqui, eu passei a minha vida inteira ouvindo isso! Ninguém perdoa gordo não! Ninguém que saber se é um problema hormonal ou outro tipo de problema, só querem saber de julgar! Sempre fui a garota gorda da sala, depois cresci e continuei gorda e ainda ouvindo piadinhas! Algumas doem, mas você acha que tenho medo de você? Saí da minha casa agora! Quem você pensa que é para se intrometer na minha vida (berro e choro)?</p>		
	<p>Cenário: Apartamento de Perséfone.</p>	<p>Vestimenta de Perséfone: A mesma roupa da cena anterior.</p>	<p>Personagens de interação com Perséfone: Irmã mais velha de Daniel.</p> <p>Contexto da Cena: A irmã de Daniel continua tentando convencer Perséfone de não namorar Daniel, pois ela só iria estragar a vida dele. E o faria ser piada por estar namorando uma gorda. Perséfone perde a paciência, grita e expulsa ela de sua casa.</p>

Nº do Capítulo 121	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: <i>(falas ao choro)</i> A sua irmã veio aqui e me pediu para não casar com você. Ela disse que eu iria entregar a sua vida porque você é um gato e que eu sou gorda e que nos dois seremos uma piada. Mas, agora eu fico pensando se ela não tinha razão, sabe? Minha vida toda eu ouvi tantas coisas ruins. No máximo um elogio era: “é gordinha, mas até que é bonitinha”. Na escola eu sempre era a chacota da turma e quando eu cresci não mudou muita coisa, para ser honesta. No hospital as pessoas falam: olha lá a enfermeira gorda. Eu tô chorando pela gente, e se o nosso casamento não der certo?			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma roupa das cenas anteriores.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel chega na Apartamento de Perséfone e a vê chorando no chão. Ele pergunta o que aconteceu. Ela conta tudo. Daniel a abraça.

Nº do Capítulo 121	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: O mal que passo fazer ao seu filho é fazê-lo se casar comigo? O senhor acha mesmo que eu não tenho chance, que eu não sou feliz. Um gordo só pode casar com outro gordo né? Gordo tem que comprar uma cama reforçada, né? Dona Neide e seu Amadel, pensei que tinha entrado para uma família, mas não é isso. Só quero deixar uma coisa clara: vou cuidar bem do seu filho!			
	Cenário: Casa de Daniel.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone:	Contexto da Cena: Daniel e Perséfone vão até a casa dos pais do Daniel para contar sobre o que a irmã dele fez. Os pais

			Família de Daniel.	reafirmam que não estão felizes com o casamento porque ela é gorda e todas vão rir deles. Daniel briga com os pais e os chamam de preconceituosos. Os dois saem arrasados.
--	--	--	--------------------	--

Nº do Capítulo 122	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: E aí Paty, aceita ser minha madrinha de casamento? Que bom!! A gente vai se casar por esses dias agora. A família dele me odeia, menos a irmã autista dele. É tanta energia negativa que achamos melhor casar logo.			
	Cenário: Escritório do hospital.	Personagens de interação com Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone procura Patrícia e a convida para ser madrinha de casamento.

Nº do Capítulo 123	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	<p>Transcrição das falas de Perséfone: Que bom que encontrei o senhor, Lutero. Minha família toda está na minha cidade e não pode vir para o casamento. O senhor toparia me levar até ao altar? Que ótimo! É claro que pode levar sua namorada! É muito lindo o senhor estar namorando nessa idade!</p>			
	<p>Cenário: Hospital.</p>	<p>Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.</p>	<p>Personagens de interação com Perséfone: Lutero, médico do hospital.</p>	<p>Contexto da Cena: Perséfone encontra Lutero e pede para conduzi-la até ao altar.</p>

Nº do Capítulo 123	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	<p>Transcrição das falas de Perséfone: Ai gente! Meu vestido de noiva tá apertado! Será que eu engordei? Ai meu deus, é hoje! O que eu faço? Mas, pelo menos comprei minha camisola da noite e com tudo que eu tenho direito! Três e meia já? Tô atrasada! Vamos logo! Vamos logo!</p>			
	<p>Cenário: Apartamento de Perséfone.</p>	<p>Vestimenta de Perséfone: Vestido de noiva branco cumprido.</p>	<p>Personagens de interação com Perséfone: Patrícia e Vivian (dona do bar).</p>	<p>Contexto da Cena: Perséfone está terminando de se arrumar para o casamento com a ajuda das suas amigas. Ela olha para o relógio e vê que está atrasada. Todas correm fazer a noiva chegar no horário.</p>

Nº do Capítulo 124	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Sem fala.			
	Cenário: Igreja Católica, completamente enfeitada.	Vestimenta de Perséfone: Vestido de noiva.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel e o padre que está fazendo a cerimônia.	Contexto da Cena: Ela entra na igreja com passos lentos, observando todos que foram ali. Viu pessoas felizes com seu casamento e pessoas triste, como os pais de Daniel. O padre começa a cerimonia e no final pede para que os noivos se beijem.

Nº do Capítulo 124	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu tô nervosa porque é a minha primeira noite! Nem sei por onde começar!			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido de noiva.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Depois da igreja festa de casamento é no bar. Perséfone chama Patrícia no canto e pergunta sobre como se comportar na primeira noite. Patrícia fala que vai dar tudo certo e pede para ela relaxar.

Nº do Capítulo 124	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu estou com os meus pés doendo! Vamos para o apartamento? Mas, temos que sair de fininho para que não ter que cumprimentar todo mundo (<u>risos</u>).			
	Cenário: Área de fora do bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido de noiva.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone e Daniel saem do bar em direção ao apartamento da enfermeira.

Nº do Capítulo 124	CENA 4			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Pode até dar sorte, mas eu acho melhor não. Ai! Daniel! Ai Daniel! A gente vai cair! A gente vai cair! Ai! Te disse que iríamos cair (<u>risos</u>). Mas, pelo menos entramos como manda a tradição.			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Vestido de noiva.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel quer carregar Perséfone, mas ela não acha uma boa ideia. Daniel a carrega mesmo assim e os dois acabam caindo no tapete da sala. Ambos riem e se beijam.

Nº do Capítulo 124	CENA 5			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Obrigada! Tava pensando se você não estava cansado e se você quiser a gente pode deixar para outro dia <u>(tom nervoso)</u> . Eu com medo? Que nada! Agora que sou casada tem mais é que acontecer mesmo. Mas, e se eu emagrecesse mais? Fosse para um spa primeiro. Você não gostaria mais de mim? É medo sim! Na verdade, eu estou apavorada. Todas as vezes que eu tentei perder a virgindade, era para não ficar para trás e não tinha envolvimento. Mas, com você é diferente! Eu tenho medo de errar! E se você não gostar? Se for ruim para você? Obrigada por ir com cuidado comigo!			
	Cenário: Quarto de Perséfone. Cama cheia de Pétalas de rosas.	Vestimenta de Perséfone: Camisola branca de seda.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone chega no quarto com a expressão de ansiedade. Tenta não mostrar insegurança na sua primeira vez mas acaba confessando que está nervosa. Daniel disse que ele iria no ritmo dela. Ele a deita na cama e eles começam a se beijar de forma intensa. Perséfone mostra uma expressão de felicidade.

Nº do Capítulo 124	CENA 6			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você acordou tarde, senhor dorminhoco! Aproveitei e fritei aquele bife mal assada que você adora! Eu não vou comer não! A partir de hoje vou fazer uma dieta! Sério que não preciso? Foi maravilhoso! Nem sei como descrever!			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Camisola branca de seda.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel chega na cozinha e vê Perséfone cozinhando. Ele senta para comer e afirma que Perséfone não precisa fazer dieta. O fisioterapeuta pergunta como foi a noite e fica feliz ao ver que ela gostou.

Nº do Capítulo 126	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Foi isso e muito mais que contei para vocês meninas. Valeu a pena esperar cada segundo! Além da qualidade! Ele foi muito romântico!			
	Cenário: Sala de reunião.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia e as colegas de hospital.	Contexto da Cena: Perséfone vai para a sala de reunião contar animada tudo sobre sua lua de mel.

Nº do Capítulo 130	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Dá para parar de rir de mim? Não sei onde que piada de gordo tem graça! Deixa pra lá, Daniel. Eles ainda não acostumaram com a gente enquanto casal.			
	Cenário: Lanchonete do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel e um funcionário do hospital.	Contexto da Cena: Um funcionário do hospital chega e fala que o Daniel deve ter treinado com um pinel de caminhão. Daniel ameaça quebrar o nariz dele, mas é impedida por Perséfone.

Nº do Capítulo 132	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Essa lasanha que fiz para a gente, tá ou não tá gostosa? Tá incrível! Coloquei molho de tomate, molho branco, presunto e queijo! É uma comida pesada sim, mas sei que você gosta! E para a sobremesa fiz bolo de chocolate! Eu gosto de tudo isso também. Eu nunca te escondi que eu adoro comer! Fazer comida mais leve para você emagrecer? Você não precisa emagrecer! Você está falando para eu emagrecer, não é? Engraçado, você dizia antes que eu não precisava. Daniel, você me conheceu gorda e falou que não me importava. O povo do hospital tirando sarro com você? Olha, ouvi piadas minha vida toda. Se você se importar com isso (<u>pausa curta</u>) não sei o que vai ser do nosso relacionamento. Sobre essa história de perder peso, vamos esquecer tá?			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone:	Personagens de interação com Perséfone:	Contexto da Cena: Perséfone se gaba da sua lasanha. Daniel fala se não seria melhor ela começar a fazer

		Blusa rosa, saia preta e cinto vermelho.	Daniel.	comidas mais leves para não engordar. Perséfone sente que foi uma indireta e fica um pouco triste.
--	--	--	---------	--

Nº do Capítulo 134	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Estava te procurando. Tá tudo bem? Você parece sério!			
	Cenário: Sala de espera do hospital.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone sai do ambulatório e vai até a sala de espera onde encontra Daniel. Ele está meio para baixo porque está cansando de ouvir piadas sobre seu relacionamento com Perséfone. A enfermeira até desconfia que tem algo errado, mas ele fala que não é nada.

Nº do Capítulo 135	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Oi meu amor! Acabei de preparar um suflê de batata! Ai Daniel, você fala tanto em dieta atualmente. Você casou comigo sabendo que eu era gorda. O que está acontecendo? Ele disse que sempre gostou de mim assim.			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Blusa branca com bolinhas	Personagens de interação com Perséfone:	Contexto da Cena: Daniel chega no apartamento de Perséfone e ela está com suflê nas mãos. Ele fala que se não

		coloridas e saia branca.	Daniel.	está na hora dela fazer uns pratos mais leves para ela parar de engordar. Perséfone não entende essa conversa. O fisioterapeuta fala que se ela ficar mais gorda pode correr risco. A enfermeira fica preocupada.
--	--	--------------------------	---------	---

Nº do Capítulo 136	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu fico preocupada quando você fala dessas coisas de dieta. Eu sempre tentei fazer dietas, mas para algumas pessoas ficar magra não é fácil. Essas piadinhas te incomodam tanto?			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma do capítulo anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone ainda mostra muito desconforto com a fala de Daniel sobre a dieta.

Nº do Capítulo 137	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Olha o nosso chocolate quente, Linda. É uma delícia! E com baunilha por cima ainda, é mais gostoso! Oi Daniel! Isso aqui é chocolate quente! Não posso tomar muito porque engorda?			
	Cenário: Lanchonete do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermagem.	Personagens de interação com Perséfone:	Contexto da Cena: Perséfone pede chocolate quente para ela e para Linda. Daniel chega e fala que chocolate

			Linda, a irmã autista e Daniel.	quente engorda. Ele pega o chocolate e toma sozinho.
--	--	--	---------------------------------	--

Nº do Capítulo 143	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Lá no hospital todo mundo já trocou figurinha né? Menos eu que casei virgem.			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido preto e branco listrado.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia, Michel e os ex marido e esposa de cada um respectivamente e Daniel.	Contexto da Cena: Os seis conversam sobre quem mais pegou quem. Perséfone comenta que todo mundo já transou com todo mundo no hospital, menos ela que só transou com Daniel.

Nº do Capítulo 146	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ai amiga, eu adoro o bairro da Liberdade! Mas, sou recém casa Paty! Todo meu tempo livre é para o boy! Até que tá tudo bem, mas é que quando eu casei com o Daniel ele disse que estava feliz mesmo eu sendo gorda. E daí, quando a gente tá junto é maravilhoso mas os amigos dele vivem zoando a gente. Aí ele fica falando para eu não comer ou beber determinada coisa. Não acho que esses comentários interferiam ou façam a cabeça do Daniel, mas é chato!			

	Cenário: Bairro da Liberdade em São Paulo.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa bem claro e bordado.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Patrícia chama Perséfone para irem ao bairro da liberdade. A recém-casada afirma que o relacionamento dela com Daniel está indo muito bem. Todavia, desabafa sobre as piadas e os comentários sobre eles e seu peso.
--	--	--	---	--

Nº do Capítulo 146	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Por que todo que me olha já quer falar sobre meu peso? Vim aqui pela Patrícia. Ela disse que vai passar o dia inteiro na Liberdade. Se eu fosse você, daria uma ida lá. Loja de quimono, fica a dica! Vocês se amam e deviam ficar juntos!			
	Cenário: Consultório de Michel.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Michel.	Contexto da Cena: Perséfone entra no consultório de Michel e aconselha ele a ir atrás da Patrícia. Fica um pouco ofendida ao Michel fala sobre seu peso.

Nº do Capítulo 148	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu não gosto de adoçante, Daniel. Prefiro açúcar! Então você não gosta de mim assim? Tá bom! Tá bom! Vou usar adoçante e ver se eu acostumo.			
	Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Hospital do hospital.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Eles estão na lanchonete e Daniel aconselha Perséfone a usar adoçante porque assim ela pode ficar mais esbelta. Perséfone fica sentida, mas acaba aceitando.

Nº do Capítulo 149	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Tá arrependido de casar comigo? Tá achando ruim eu ser gorda? Se você não quer esses omeletes pode me dar que eu como tudo!			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Blusa rosa e saia rosa.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone prepara café da manhã e Daniel se incomoda com a comida “calórica”. Perséfone se irrita.

Nº do Capítulo 149	CENA 2			
Tempo de	Transcrição das falas de Perséfone: Eu estou começando a pensar em fazer um regime! Quem sabe eu emagrecendo o Daniel não fique um pouco mais feliz! Eu			

Duração do episódio: 1h	não preciso de endócrino não! Achei uma dieta só a base de melancia! Quando a lua vira, você come melancia e a noite também. Vou fazer ela até perder os quilos!			
	Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone comenta que quer entrar em uma dieta e fala sobre a da melancia.

Nº do Capítulo 150	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Cansada de comer melancia! Já comi quase uma inteira! Mas, vou comer até o a lua nova! Vocês não ver, vou ficar um palito!			
	Cenário: Escritório de advocacia do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia e outra funcionária.	Contexto da Cena: As três conversam e Perséfone está com a melancia em mãos. Ela comenta sobre a dieta que está fazendo.

Nº do Capítulo 151	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Cerveja para todo mundo, menos para mim. Me vê só um suco de melancia mesmo, por favor. Ai Michel, é só uma dietinha de nada.			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone:	Personagens de interação com Perséfone:	Contexto da Cena: Michel pede para descer cerveja para todo mundo. Daniel gosta da ideia, mas fala que Perséfone não

		Vestido rosa com listras rosas e verdes.	Patrícia, Michel e seus respectivos pares românticos e Daniel.	vai beber. Mesmo com uma cara desaminada Perséfone fala que não vai beber mesmo e pede um suco de melancia, reafirmando a sua dieta.
--	--	--	--	--

Nº do Capítulo 152	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Continuo firme e forte na melancia sim! Até me acostumei. Essa dieta é só melancia mesmo! Não como mais nada! No café, no almoço e no jantar. Enquanto eu tiver magrinha como a Paty, você vai babar igual você baba por ela.			
	Cenário: Bar	Vestimenta de Perséfone: Vestido preto.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia e Michel.	Contexto da Cena: Perséfone confirma que ainda está fazendo a dieta da melancia. Michel afirma que como médico que essa dieta não vai funcionar. Perséfone dúvida.

Nº do Capítulo 153	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Já perdi meio quilo! Estou levando melancia até para o emprego. Eu estou bem sim, Daniel. Só fiquei um pouco tonta.			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Blusa azul claro e saia branca.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone fala que já perdeu meio quilo. Daniel fica surpreso dela estar passando tanta fome e perder pouco quilos assim.

				Perséfone sente um pouco de tontura.
--	--	--	--	--------------------------------------

Nº do Capítulo 153	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ai, Patrícia! Eu quero perder muitos quilos e dieta com médico demora muito! Pedir o Daniel não pede, mas insinua para eu emagrecer sim.			
	Cenário: Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Hospital de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Patrícia aconselha Perséfone a procurar uma ajuda profissional. Perséfone afirma que quer algo mais rápido. Patrícia pede para sua amiga não fazer nada que lhe faça mal para agradar Daniel.

Nº do Capítulo 153	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Olá, bom dia! Vim trocar seu soro! Eu estou bem sim! Senti só uma tontura. Ai, acho que vou desmaiar!			
	Cenário: Enfermaria.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Paciente.	Contexto da Cena: Perséfone chega para trocar o soro da paciente. Está com uma expressão muito cansada. Ela se aproxima da paciente e acaba desmaiando.

Nº do Capítulo 154	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ainda bem que vai ficar só entre a gente. Se o diretor do hospital soubesse que desmaiei em cima da paciente, eu seria demitida. Mas, agora já estou bem. Eu desmanei porque eu estou meio fraca. Eu sei que essa dieta não pode ser das melhores, mas é para perder quilo rápido. Eu quero emagrecer rápido por conta do meu marido. Não que ele me obrigue a isso, só que fica falando para eu deixar de comer aquilo e comer mais isso. Então, decidi perder peso. Mas, eu não estou fazendo isso por ele não, acho.			
	Cenário: Enfermaria.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Médico.	Contexto da Cena: Perséfone acorda sendo medicada por um dos médicos do hospital. Ele promete que toda a situação vai ficar só entre eles. Ele aconselha Perséfone a parar com essa dieta e procurar uma nutricionista.

Nº do Capítulo 155	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Tudo que perdi nos dias de sacrifício já ganhei comendo só um macarrão. Eu sei que arrisquei minha vida e meu emprego. Mas, eu conversei com o médico e ele disse que as pessoas são diferentes e que eu sou bonita. Prometo que minha próxima dieta vai ser mais saldável.			
	Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone conta da sua conversa com médico para Patrícia. Patrícia aconselha sua amiga a

				fazer tudo com acompanhamento profissional.
--	--	--	--	---

Nº do Capítulo 155	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Oi, meu amor. Eu descobri uma dieta maravilhosa! É a dieta do carboidrato. Posso comer quantas calorias eu quiser: omelete, linguiça, carne e queijo amarelo, nada daqueles queijos brancos sem graça. Não é uma dieta de engorda não! É só tirar o carboidrato! Olha aqui Daniel, se a gente não comer carboidrato eu emagreço! Estava com tanta saudade de você, bacon!			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Blusa lilás e saia rosa.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel chega em casa e vê Perséfone preparando várias comidas calóricas. Ela fala que achou uma nova receita em que ela pode comer tudo, menos carboidrato. Daniel desaconselha ela a isso.

Nº do Capítulo 160	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Bisteca com baco no café da manhã! Na verdade, não é café da manhã e sim <i>breakfast!</i> Espero que você goste! Vou te dizer, quando comecei a fazer essa dieta eu me sinto muito pesada. Nem vontade fazer sexo eu tenho! Mas, pelo menos perdi 200 gramas! Não é muita coisa, mas o importante é que eu vou ficar magra!			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa claro.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel fica assustado com o café da manhã e comenta que desde que ela começou essa dieta ele se sente pesado. Perséfone concorda e comenta que sente o mesmo. Mas, vê na magreza um fim que compensa.

Nº do Capítulo 160	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ai! Ai! Tá doendo muito (<u>expressão de dor</u>). Me leva para o hospital! Tá doendo demais!			
	Cenário: Em alguma rua de São Paulo.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone e Daniel andam pelas ruas quando ela começa a sentir uma dor muito forte. Daniel a leva para o hospital.

Nº do Capítulo 161	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você já vai? Eu estou bem! Mas, essa sopa do hospital é muito sem graça! Pelo menos é só por hoje. Aliás, quando eu voltar para casa, queria conversar com você sobre umas coisas que eu tenho pensado aí.			
	Cenário: Enfermaria do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Camisola de hospital.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel está fazendo companhia para Perséfone. Ela comenta sobre a sopa e que quer falar com ele amanhã sobre algumas coisas.

Nº do Capítulo 163	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Daniel, eu quero te dizer uma palavra: gorda. É assim que você me conheceu! Você jurou ser meu príncipe encantado dos meus contos de fadas. O mais engraçado é que os contos de fadas acabam no casamento. A gente nunca sabe se o príncipe tem chulé ou se a princesa engorda. Mas, no seu caso, você já me conheceu gorda! Sabe Daniel, eu nunca tive vergonha de mim. Uma pessoa gorda cresce ouvindo piadas, sofrendo <i>bulliyng</i> . Mas, meus pais sempre me criaram falando que eu era linda que eu era uma menina gordinha e muito fofinha. Eu não ligava para as piadas porque em casa eu tinha amor. E você, que agora é parte da minha família, fala para eu emagrecer! Posso fazer dieta até pela saúde, mas não para emagrecer. Aprendi com meus pais que eu sou bonita. E que eu posso encontrar alguém que goste de mim do jeito que eu sou! E você, desde que a gente casou só me crítica! E tudo porque seus amigos fazem piadas! Você tinha é que me defender dessas piadas. Pedirem para eles calarem a boca quando alguém fosse zoar. Mas, você ficava com vergonha. A última coisa que eu preciso é de alguém enchendo o saco para eu emagrecer. Até agora a gente brincou de conto de fadas, toda gorda casa e tem filhos. Tenho certeza que alguém nesse mundo vai			

gostar de mim! E não só pelo meu físico, mas porque eu sou uma pessoa legal! Eu quero que você saia daqui de casa, por favor. Se é para continuar casa que seja com alguém que me ame e me acha linda! Em primeiro lugar eu tenho que gostar de mim!			
Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa com flores brancas.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel	Contexto da Cena: Perséfone chama Daniel até seu apartamento para conversar.

Nº do Capítulo 164	CENA 1		
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Ai Paty, depois do casamento o Daniel pediu para eu comer menos e começou a controlar toda a minha alimentação e tudo por conta das piadas que ele ouvia. Ao invés de ficar passivo, ele tinha é que ter me defendido! Triste agora é ter que voltar para o mercado. Tão difícil encontrar um homem!		
	Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.
			Contexto da Cena: Perséfone conta para Patrícia sobre sua conversa com Daniel.

Nº do Capítulo 165	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Terminei sim! Até queria te agradecer pelos toques que você me deu! Acabei caindo na realidade. Se alguém tem que gostar de mim é porque eu sou gorda. Sair com você?			
	Cenário: Corredor do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de Hospital de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: O médico (Vanderlei) que cuidou das duas vezes de Perséfone e que sempre a aconselhou a encontrar alguém que gostasse dela do jeito que ela é, a convida para sair. Perséfone fica sem reação.

Nº do Capítulo 167	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Vou pedir um coquetel que saia da dieta: com leite condensado! Eu não acredito como o Daniel é rápido! Mal separou de mim já está com outro no bar. Eu que sou rápida? Você que saiu com essa magrela! Deixa o Vanderlei de fora que ele não tem relação com essa situação! Eu quero realmente ser gorda! E quer saber? Vou embora daqui! Não sou obriga a estar no mesmo local que você!			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido preto justo e uma maquiagem mais forte.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Ela chega com Vanderlei no bar e vê Daniel com outra mulher. O seu ex-marido fica triste ao ver ela com Vanderlei. Daniel se aproxima e vai tirar satisfação. Os dois brigam e Perséfone acaba indo embora com o médico.

Nº do Capítulo 167	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Me desculpa! Se não fosse o tosco do Daniel a gente teria se divertido muito! Tem certeza que quer sair comigo mais vezes? Olha, eu não te chamo para subir porque eu ainda não estou preparada. Então quer dizer que você saiu comigo sem esperar nada? Eu não esqueci o Daniel ainda.			
	Cenário: Carro de Vanderlei.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Vanderlei leva Perséfone para casa. Ela comenta que ainda não esqueceu o Daniel. Ele fala que entende e que tem toda a paciência e que quer ir com calma.

Nº do Capítulo 173	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Pois é, desde que terminei com o Daniel você está sendo um bom amigo, Vanderlei. Eles estão se beijando de propósito! O Daniel tinha que sair logo com a minha colega de trabalho? Me faz um favor? Me beija? Para eu não ficar a atrás do Daniel! Vem logo Vanderlei! Eles acham que pode ser melhor? Agora é para você me dar um beijo de tirar o fôlego.			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido preto com cinto vermelho.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Perséfone está no bar com Vanderlei e vê Daniel chegando com sua colega de trabalho. A enfermeira pede para Vanderlei beija-la e assim passar ciúmes no ex-marido.

Nº do Capítulo 173	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Obrigada pela carona! Eu estou até envergonhada de toda a situação! Mal o Daniel separou de mim e já estava com outra, me sinto muito mal. Mas, os beijos foram bons! Eles foram técnicos, como as pessoas das tv, falam, mas muito bom! Eu sei que a gente saiu, mas continua só amizade, tá?			
	Cenário: Rua de frente a Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Vanderlei leva Perséfone até em casa. Ela pede desculpas por tudo que aconteceu e reafirma que eles só são amigos.

Nº do Capítulo 174	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Simone, eu queria te fazer uma pergunta. Ontem vi que você e o Daniel ficaram quase em posições pornográficas lá no bar. Fiquei sentida. Como colega de trabalho você não devia ter dado em cima do meu namorado né? Me conta outra Simone, certeza que você agarrou ele no banheiro! Você não tem idade par sair com alguém como o Daniel! Você está mais para madrinha! Me arrependo do tempo que erámos amigas! Sua cobra!			
	Cenário: Escritório do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Simone.	Contexto da Cena: Perséfone chega na sala de Simone e começa a brigar com ela por causa de Daniel.

Nº do Capítulo 178	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Oi, Daniel. Tudo bem sim! Tudo excelente na verdade. Eu adoraria te ver no bar, mas não posso. Acha que eu estou à sua disposição o tempo todo? Já tenho compromisso.			
	Cenário: Corredor do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel vê Perséfone e a convida para ir até o bar. Ela diz não.

Nº do Capítulo 178	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Graças a deus te achei, Vanderlei! Preciso urgentemente que você saia comigo hoje! Eu sei que você tem paciente, mas não ficar a noite toda no hospital, né? Eu juro que não deixo você beber e que você vai ficar muito sóbrio caso precise voltar. Obrigada!			
	Cenário: Enfermaria.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Perséfone encontra Vanderlei e pede para ele sair com ela.

Nº do Capítulo 179	CENA 1			
Tempo de	Transcrição das falas de Perséfone: Eu já fico na dúvida, você fica bonito das duas formas! Eu não estou pegando ninguém não tá? Eu e o Vanderlei somos só			

Duração do episódio: 1h	amigos! E com ele me sinto bem também. O Daniel só me jogava pra baixo. Rafael, você gosta mesmo da Linda? Isso é muito bonito! Oi Vanderlei! Vamos sair hoje sim!			
Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Rafael (advogado) e Patrícia.	Contexto da Cena: Rafael pede ajuda das duas para saber se fica bem com barba ou sem barba. Perséfone comenta sobre sua vida amorosa.	

Nº do Capítulo 181	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu quero suco de melancia hoje. Não, não estou fazendo dieta não! Só deu vontade mesmo! Fiz uma coisa para melhorar minha autoestima, mas por enquanto é um segredo íntimo! E quem sabe você descubra!			
Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido preto com bolinhas amarelas.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Perséfone comenta que fez alguma coisa para melhorar sua autoestima, mas faz surpresa sobre o que é para Vanderlei.	

Nº do Capítulo 184	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu gostava muito da doutora Glauce, fiquei muito triste quando ela morreu. Vou perder o emprego? Como vocês descobriram sobre o prontuário adulterado? Eu prometo que nunca faço algo como isso de novo! Obrigada!			
	Cenário: Consultório médico dentro do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: A presidente do Hospital.	Contexto da Cena: A presidente chama Perséfone e fala que já sabe de todo o acontecido. Fala ainda que a doutora Glauce escreveu uma carta, inocentando Perséfone de tudo. E que não iam demiti-la. A enfermeira agradece e promete que não fazer mais nada que vá contra os preceitos éticos da profissão.

Nº do Capítulo 184	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu já fiz muita dieta de revista, muita loucura, mas percebi que estava fazendo mal para mim mesma. Por isso decidi procurar o melhor endócrino desse hospital! Quero tratar minha obesidade de maneira séria. Desde que em separei estou com outra cabeça. Michel. Tô com pressão alta? Então vou ter que fazer um <i>check up</i> geral? Está bem, eu faço! Ficar nua na sua frente? Por que? A Patrícia comentou com você sobre a minha depilação de bigodinho?			

	Cenário: Consultório de Michel.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Michel.	Contexto da Cena: Perséfone vai se consultar com Michel para tentar emagrecer, dessa vez de maneira adequada. Michel tenta ver o “bigodinho”, mas Perséfone entende o que está acontecendo e fica furiosa por Patrícia ter contato.
--	---	--	---	---

Nº do Capítulo 184	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Já sei, você quer falar do divórcio? Como você sabe do bigodinho? Só falta virar a piada do hospital! Não bate nele Daniel! O Vanderlei não sabia de nada! Ai meu deus! Parem de brigar, por favor!			
	Cenário: Corredor do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel e Vanderlei.	Contexto da Cena: Daniel acha Perséfone e vai tirar satisfação sobre o bigodinho. Vanderlei vai dar oi para Perséfone e Daniel acaba batendo nele e os dois vão parar no chão.

Nº do Capítulo 184	CENA 4			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu acho melhor nem explicar o porquê da briga, doutora. Era muito intimo sim, Paloma. Eu pensava que mulher fosse fofoqueira, mas homem é pior! Olha, aqui era para ser segredo!			
	Cenário: Consultório do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Paloma (presidente do hospital), Daniel e Vanderlei.	Contexto da Cena: Os três acabam na sala de Paloma. Ela pede para eles terem mais juízo e encerarem esse assunto que é algo tão íntimo.

Nº do Capítulo 186	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Quanta gentileza! Por que você está tão gentil comigo? Você também descobriu o bigodinho? Isso nunca vai passar! Vocês são ridículos! Eu odeio os homens!			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido preto de renda.	Personagens de interação com Perséfone: Michel, Patrícia e o Garçom do bar.	Contexto da Cena: O garçom do bar traz um drinque especial para Perséfone. Ela agradece e pergunta porque ele está tão gentil. Logo Perséfone descobre que ele sabe do bigodinho e sai irritada do bar.

Nº do Capítulo 187	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Chega todo mundo aqui! Até você Daniel e essa sua paquerinha aí! Eu quero comemorar com vocês porque eu ganhei 30 mil reais! Na promoção lá no Banco Itaú! Vou fazer um cruzeiro daqueles bem inesquecíveis! A companhia eu não sei, mas que sozinha eu não vou isso é certeza!			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido listrado preto e branco.	Personagens de interação com Perséfone: Michel, Patrícia, Vanderlei, Daniel e a colega de trabalho de Perséfone.	Contexto da Cena: Perséfone reúne os conhecidos para contar que ganhou 30 mil reais. Ela disse que vai fazer um cruzeiro e não sabe quem vai convidar.

Nº do Capítulo 188	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Hoje é véspera de Natal! Será que podemos não falar do meu bigodinho? Daniel! O que está fazendo aqui? Obrigada pelo presente, mas já tinha combinado de ir embora com o Vanderlei.			
	Cenário: Casa de Patrícia.	Vestimenta de Perséfone: Vestido com vários tons de rosa.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia, Michel, seus	Contexto da Cena: Está acontecendo um amigo secreto na casa de Patrícia. Os amigos de Perséfone continuam a zoando pelo bigodinho. Daniel chega na casa com um presente e

			respectivos exs, Vanderlei e Daniel.	pergunta se pode levar Perséfone para casa. Ela fala que já combinou com Vanderlei.
--	--	--	---	---

Nº do Capítulo 188	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: É que eu Daniel me deu esses bombons e achei que pode ser uma mensagem de que ele não se importa de seu estar gorda. Preciso pensar melhor ainda. Você me deu bombom também? Obrigada! Agora eu preciso subir. Feliz Natal!			
	Cenário: Rua de frente ao Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Perséfone sai do carro de Vanderlei e fala que tem que pensar se volta ou não com Daniel. Ela agradece pelo chocolate.

Nº do Capítulo 190	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Esse pão de queijo e café está tão quentinho! Você não aceitou a proposta porque tem medo da palavra casamento! Já eu amo casamento! Eu estou separada! Eu sei que o Daniel está querendo voltar, mas tem o Vanderlei. Eu não sei quem escolher, Patrícia.			
	Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Patrícia conta que foi pedida em casamento, mas não aceitou. Ela precisa Perséfone para escolher logo um dos dois.

Nº do Capítulo 191	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Patrícia, vem cá! Vem comigo! Fala baixo Patrícia (<u>sussurrando</u>) sabe a enfermeira Yasmin, a que saia com o doutor Laerte? Então, ela descobriu que é portadora de HIV. Era para ser segredo, mas o Hospital todo está sabendo. Ela chamou todos os caras com que teve relação sexual para fazer o exame. Bora dar uma olhadinha e disfarça. Deus que me perdoe, mas depois eu que sou gulosa. Oi, Vanderlei! Tudo ótimo! A gente se vê sim! Te espero lá no bar!			
	Cenário: Corredor do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia e Vanderlei.	Contexto da Cena: Perséfone chama Patrícia para ver a movimentação do hospital e conta sobre a questão do HIV. Vanderlei cumprimenta Perséfone e pergunta se eles vão se encontrar hoje à noite mesmo. Perséfone confirma.

Nº do Capítulo 195	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: O Daniel e o Vanderlei me chamaram para jantar na véspera do ano novo. Eu não posso aceitar o convite de um ou de outro, Patrícia. Meu coração está muito dividido! Então eu decidi que vou passar a véspera fazendo plantão. Já pedi desculpas para os dois, e o bom é que ajudo os outros e não fico nesse fogo cruzado.			
	Cenário: Corredor do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone conta para Patrícia que vai ficar de plantão na véspera do ano novo. Prefere isso do que ficar entre os dois.

Nº do Capítulo 195	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu tô nesse plantão para fugir deles!			
	Cenário: Corredor do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Amigas enfermeiras.	Contexto da Cena: Perséfone fala que decidiu pegar plantão para fugir dos seus dois pretendentes. Ela se assusta ao ver que os dois foram ao hospital com flores em mãos.

Nº do Capítulo 195	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Olha Daniel, eu estou separada de você! O Vanderlei está fazendo apenas uma delicadeza. Eu gostei dos dois presentes! Mas, que tal vocês passarem esse novo ano juntos, em?			
	Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel e Vanderlei.	Contexto da Cena: Perséfone agradece pelas flores, mas tenta fugir de ter que decidir com quem ela quer ficar.

Nº do Capítulo 195	CENA 4			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Para ser franca eu não sei. Me sinto valorizada tendo os dois na minha cola. Meu ego está muito grande?			
	Cenário: Corredor do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Colega enfermeira.	Contexto da Cena: A colega de Perséfone aconselha ela a decidir logo e que essa dúvida é muito mais para alimentar o ego do que indecisão. Perséfone fica pensativa.

Nº do Capítulo 201	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Paty, você desmaiou e veio parar aqui. Essa é a nova ginecologista do hospital.			
	Cenário: Ambulatório.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia, Michel e a nova ginecologista.	Contexto da Cena: Patrícia vai para enfermaria e é acompanhada por Perséfone e Michel. A ginecologista fala que ela está grávida. Patrícia fica feliz, mas não sabe se o Michel ou o seu ex marido é o pai da criança.

Nº do Capítulo 201	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Oi Daniel, oi Vanderlei. Vou bem. Me sinto um recheio no meio do sanduiche, mas tá tudo bem. Chegou quem não devia, Simone!			
	Cenário: Igreja.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa longo de festa.	Personagens de interação com Perséfone: Simone, Vanderlei e Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone chega para o casamento e se senta no banco da igreja. Daniel e Vanderlei chegam para sentar perto dela. Minutos depois chega Simone (a mulher que Daniel usa para passar ciúmes em Perséfone) e se senta ao lado dos três.

Nº do Capítulo 202	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Me dá essa mão, Paty. Uma coisa que você pode ter certa é que o bebê vai nascer lindo porque os dois homens são gatos. Eu acho que você tem que ter uma conversa séria com a Silva. Oi, Daniel. Sair com você? Eu não sei se é uma boa ideia. Está bem. A gente se vê lá no bar.			
	Cenário: Lanchonete do hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia e Daniel.	Contexto da Cena: Perséfone tenta aconselhar Patrícia a falar com a ex do Michel. Daniel chega e chama Perséfone para sair. Ela fica receosa, mas acaba aceitando o convite.

Nº do Capítulo 202	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Faz tempo que a gente não saí junto (<u>voz alterada pela bebida</u>). O bigodinho é meu e eu não tiro! Quem quer ver meu bigodinho? Saí daqui Daniel! A gente mal acabou de sair de novo e você já quer mandar em mim!			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rodado xadrez preto.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel e as pessoas do bar.	Contexto da Cena: Perséfone alterada comenta que faz tempo que ela e Daniel não saiam. Daniel confirma e pede para que Perséfone tire o bigodinho porque todo mundo está comentando. Perséfone diz que não e pergunta em voz alta para

				todos do bar se eles querem ver o bigodinho. Daniel saí irritado do bar.
--	--	--	--	--

Nº do Capítulo 204	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: A pergunta que não quer calar: de quem vai ser o bigodinho hoje? Porque é hoje que esse bigodinho perde a virgindade! Ei, Vanderlei. Me solta!			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Pessoas do bar e Vanderlei.	Contexto da Cena: Perséfone fica rodeada de homens e pergunta quem quer ver o bigodinho e todos os homens levantam a mão. Vanderlei chega e consegue arrastar Perséfone para fora do bar.

Nº do Capítulo 204	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Hoje eu quero mostrar meu bigodinho só para você! Já vai?			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Vanderlei ajuda Perséfone a subir até seu apartamento. Ela fala que quer mostrar o bigodinho para ele, mas Vanderlei fala que não, pelo menos não no estado

				embriagado que Perséfone se encontrava. Ele a beija na testa e vai embora.
--	--	--	--	--

Nº do Capítulo 205	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Posso falar com você, Vanderlei? Eu acordei de ressaca, mas estou bem. Eu vim te agradecer por você não tentar nada comigo ontem à noite. Eu estou morrendo de vergonha. Estava muito ansiosa para você me convidar para sair de novo.			
	Cenário: Consultório Médico.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Perséfone entra no consultório para agradecer a Vanderlei. Ele sorri e pergunta se ela quer sair com ele. Perséfone fica feliz e diz que sim.

Nº do Capítulo 205	CENA 2			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Olha, depois do vexame de ontem eu prometo que vou beber menos. Você é bem corajoso de me trazer aqui, mesmo sabendo que ofereci meu bigodinho para todo mundo.			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido vermelho.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Perséfone fala que vai beber menos hoje. Vanderlei pede para ela esquecer ontem e aproveitar esta noite que está apenas começando.

Nº do Capítulo 205	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Sexo não é bom? Tá, mas o que tem de errado em apenas sexo? Então, você não sente atração por mim? Quem eu realmente quero?			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Os dois chegam no apartamento de Perséfone se beijando. Vanderlei pergunta para Perséfone qual é a intensão dela com ele. Vanderlei afirma que sente atração por Perséfone, mas que não quer uma relação apenas baseado no sexo. Ele pede para Perséfone decidir quem ela realmente quer, se é ele ou o Daniel.

Nº do Capítulo 206	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Foi tão frustrante não ter rolando nada. Eu confesso que fiquei com o Vanderlei, no início, para passar ciúme no Daniel, mas depois que fui conhecendo ele, eu gostei! O Vanderlei me valoriza do jeito que eu sou, cheinha assim. Mas, aí vem o Daniel com aquela carinha que é irresistível! Aliás, você sabe que ele perdeu a irmã em um incêndio né? Decidir entre os dois é tão difícil!			

	Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone conta que não aconteceu nada na noite passada. Patrícia aconselha Perséfone a escolher logo entre os dois.
--	--	--	---	--

Nº do Capítulo 211	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Você vendeu mesmo a sua parte no bar, Vivian? Vamos sentir sua falta! Oi, Daniel, posso conversar sim. Eu sinto algo sim, um carinho muito grande. Olha, esse papo aqui é sério. A gente tem muita coisa para falar para o outro. Você pode não ter coisas para falar para mim, mas eu tenho coisas para falar com você. Vamos marcar um jantar lá na minha casa, pode ser? Ótimo! A gente se vê amanhã então.			
	Cenário: Bar.	Vestimenta de Perséfone: Vestido rosa com flores brancas.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel. Patrícia Michel e	Contexto da Cena: A gerente do bar, Vivian, vende sua parte do bar para poder cuidar do seu problema com o alcoolismo. Perséfone e todas ali reunidos falam que vão sentir falta dela. Daniel chega e pede para conversar com Perséfone. Eles conversam um pouco e ela sugere um jantar na casa dela para terem mais privacidade.

Nº do Capítulo 212	CENA 1		
Tempo de Duração do episódio: 1h	<p>Transcrição das falas de Perséfone: Oi, Daniel! Que bom que você veio. Calminha aí, Daniel. Eu te convidei aqui para a gente conversar. Eu vou para o Pernil direto. Tem bacon na salada sim! Inclusive na macarronada aqui que está uma delícia! Tá reclamando da comida, Daniel? É o quê? Vou ficar mais gorda? Mas, não é você que fala que não se importa de eu ser gorda. Aí na primeira oportunidade você começa a me fiscalizar! Você virou um fiscalizador de comida <u>(voz brava)</u>! A pessoa que fica fiscalizando o peso alheio! Eu não preciso de alguém que fique com um sorrisinho na cara falando que eu engordei. Aliás, já comecei consulta com médico e nutricionista para aprender a comer melhor. Eu fiz esse jantar para ver se você tinha mudado. Você falou que não devia ter me pressionando tanto para a emagrecer e na primeira chance você coloca as garrinhas de fora. Daniel. Eu quero ser feliz. Não preciso de um marido que fique na minha cabeça falando gorda, gorda, gorda e gorda. Não dá para ficar com você, eu preciso de alguém que me ame do jeito que eu sou. Adeus, Daniel <u>(voz chorosa)</u>.</p>		
Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Vestido azul claro com flores brancas.	Personagens de interação com Perséfone: Daniel.	Contexto da Cena: Daniel chega no apartamento de Perséfone e eles vão jantar. Daniel vê a mesa com muita comida gordurosa e começa a falar que Perséfone vai engordar. Ela fica nervosa e começa a desabafar. No final, termina definitivamente com Daniel.

Nº do Capítulo 212	CENA 2			
Tempo de Duração	Transcrição das falas de Perséfone: O plano funcionou sim! Ele disse que tinha mudado, mas logo começou a falar do meu peso. Eu precisava tira a prova dos 9, e ele reprovou. Mas, agora não sei o que fazer.			
do episódio: 1h	Cenário: Corredor do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone conta para Patrícia sobre a noite de ontem.

Nº do Capítulo 212	CENA 3			
Tempo de Duração	Transcrição das falas de Perséfone: Oi, Vanderlei posso entrar? Eu queria falar com você e <u>(Interrompida por Vanderlei)</u> . Calma! Calma! Posso falar? Eu não vim te rejeitar não, vim te convidar para jantar lá em casa.			
do episódio: 1h	Cenário: Consultório médico.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Perséfone bate na porta e entra no consultório de Vanderlei. Ela ia começar a falar quando o médico a interrompe, falando que já sabia que iria rejeitá-lo. A enfermeira ri e fala que é o oposto, que quer chama-lo para jantar.

Nº do Capítulo 212	CENA 4			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Flores para mim? Obrigada! Fazia tempo que não recebia flores. Eu atrasei um pouco no plantão do hospital, você se importa de jantar macarrão? Não vai falar que macarrão engorda ou que eu emagreça? Bom, o que você acha de deixarmos o macarrão para depois?			
	Cenário: Apartamento de Perséfone.	Vestimenta de Perséfone: Vertido rosa com flores brancas.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Perséfone abre a porta para Vanderlei e fala que fez macarronada. Vanderlei fala que não importa com a comida ou com peso dela e que quer alguém para a vida inteira. Perséfone o beija e sugere que eles deixem a macarronada para depois. Ele concorda e dois se beijam intensamente.

Nº do Capítulo 217	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Eu te ajudar com a greve de sexo da Patrícia? Nem pensar! Estou muito ocupada com a minha vida pessoal! Eu estou namorando, feliz e não faço greve de nada! Aliás, estou indo porque combinei de ir com meu namorado marcar o nosso cruzeiro para o Caribe.			
	Cenário: Consultório de Michel.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Michel.	Contexto da Cena: Michel pede ajuda de Perséfone para convencer Patrícia a parar com a greve de sexo. Ela nega ajuda e fala que

				tem que ir embora para marcar o cruzeiro.
--	--	--	--	---

Nº do Capítulo 217	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Desculpa a demora, amor. Eram tantas opções que foi difícil escolher só uma. Aquele cara li sentado está olhando muito para mim, mesmo. Ai! Ele tá vindo na nossa direção! Quer que eu vire modelo? Eu sou enfermeira e não sei desfilar.			
	Cenário: Shopping.	Vestimenta de Perséfone: Vestido Rosa liso.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei e o agenciador de modelo.	Contexto da Cena: Perséfone sai da agência de viagens e vai falar com Vanderlei. Os dois observam um cara encarando-os. Esse cara se aproxima e fala que está organizando um desfile com diferentes corpos e convida Perséfone para desfilar. Ela recusa, mas Vanderlei fala que sim. Ele menciona que esse desfile vai fazer bem para a autoestima dela.

Nº do Capítulo 219	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Me convidaram e no final eu aceitei. E por isso tivemos que mudar a data do cruzeiro. Vou conhecer o Caribe!! E você amiga? Vai continuar fazendo greve de sexo? O Michel não merece isso!			
	Cenário: Lanchonete do Hospital.	Vestimenta de Perséfone: Uniforme de enfermeira.	Personagens de interação com Perséfone: Patrícia.	Contexto da Cena: Perséfone comenta que foi chamada para desfilar. E tenta ajudar Michel, falando com Patrícia para ela parar com a greve de sexo.

Nº do Capítulo 220	CENA 1			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Sem falas.			
	Cenário: Passarela de moda.	Vestimenta de Perséfone: Blusa prateada, saia preta longa e salta alto.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei e seus amigos.	Contexto da Cena: Perséfone desfila feliz pela passarela sendo aplaudida a todo estante.

Nº do Capítulo 220	CENA 2			
Tempo de	Transcrição das falas de Perséfone: Obrigada pelos elogios, pessoal. Não vai dar para comemorar porque eu e o Vanderlei estamos com pressa. É que esse desfile			

Duração do episódio: 1h	foi tão importante que acabamos mudando a data do passeio. Conseguimos saída só do Rio Janeiro aí temos que pegar o avião.			
	Cenário: Camarim do desfile.	Vestimenta de Perséfone: A mesma da cena anterior.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei e seus amigos.	Contexto da Cena: Vanderlei e os amigos de Perséfone estão no camarim a cumprimentando-a. Ela agradece por tudo, mas afirma que tem que pegar um voo para poder ir para o Caribe.

Nº do Capítulo 220	CENA 3			
Tempo de Duração do episódio: 1h	Transcrição das falas de Perséfone: Estou tão feliz! Você gosta de mim mesmo ou é só uma viagem e pronto?			
	Cenário: Aeroporto no Rio de Janeiro.	Vestimenta de Perséfone: Vestido verde e cumprido.	Personagens de interação com Perséfone: Vanderlei.	Contexto da Cena: Eles chegam no aeroporto e Perséfone pergunta se Vanderlei realmente gosta dela. Ele afirma que sim, eles se beijam e vão em direção a viagem.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Rogério José. **Obesidade nos corpos das mulheres e os olhares sobre os discursos medicalizantes**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília – UnB, 2013.

AMARAL, Marcela Carvalho Martins. **Culto ao corpo e Estilo de Vida entre as Mulheres**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília – UnB, 2011.

ANDRADE, Roberta Manuela Barros. **Telenovela e memória social**. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2198/1284>. Acessado em 21 de maio de 2019.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena e COSTA, Maria Emília. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822011000100004&script=sci_abstract&lng=pt. Acessado em 17 de julho de 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. São Paulo: Editora Difusão Europeia, 1970.

BOLING, Patricia. *On Learning to Teach Fat Feminism*. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.5406/femteacher.21.2.0110?seq=1>. Acessado em 13 de agosto de 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. São Paulo: Papyrus Editora, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CAMPOS, Silvana da Silveira e FERREIRA, Francisco Romão. **O estigma da gordura entre mulheres na sociedade contemporânea**. Disponível em:

<http://books.scielo.org/id/37nz2/12>. Acessado em 19 de agosto de 2019.

CASTILHO, Valeria. *La Cerda Punk*. Disponível em:

<http://www.bibliotecafragmentada.org>. Acessado em 20 de abril de 2019.

COOPER, Charlotte. *Fat Studies: Mapping the Field*. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1751-9020.2010.00336.x>. Acessado em 15 de maio de 2019.

COOPER, Charlotte. *What is Fat Activim?* Disponível em:

https://ulir.ul.ie/bitstream/handle/10344/3628/Cooper_2008_fat.pdf. Acessado em 3 de janeiro de 2019.

CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da mulata**. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1860>. Acessado em 2 de outubro de 2019.

CRUSOÉ, Renato. **O que são Representações sociais?** In: SPINK, Mary Jane Pereira. *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CUNHA, Maria João. **Corpo e Imagem na Sociedade de Consumo**. Portugal: Clássica Editora, 2014.

DALARUN, Jacques. **Olhares de clérigos**. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane (Dir.). *História das mulheres no Ocidente: a Idade Média*. Porto Alegre: Afrontamento, 1990.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Edições 70, 1991.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIAS, Norbert. **Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. Disponível em:

<https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2014/02/Trabalhadores-Friedrich-Engels.-A-situa%C3%A7%C3%A3o-da-Classe-Oper%C3%A1ria-em-Inglaterra.pdf>. Acessado em 14 de setembro de 2019.

FABRÍCIO, Branca Falabella. **Mulheres Emocionalmente Descontroladas: Identidades Generificadas na Mídia Contemporânea**. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/delta/article/viewFile/37946/25640>. Acessado em 20 de abril de 2019.

FIOCRUZ. **Programa de Alimentação Nutrição e Cultura (Palin)**. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/programas-projetos/palin/>. Acessado em 10 de abril de 2019.

FISCHLER, Claude. **Obeso benigno e obeso maligno**. In: SANT'ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

FLETCHER, Dan. *The Fat-Acceptance Movement*. Disponível em:

<http://content.time.com/time/nation/article/0,8599,1913858,00.html>. Acessado em 12 de abril de 2019.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**. São Paulo: Editora Martin Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Grall, 1999.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1977.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1971.

GARD, Michael e WRIGHT, Jan. **The Obesity Epidemic: Science, Morality and Ideology**. Londres: Routledge, 2005.

GÉLIS, Jacques. **O corpo, a Igreja e o sagrado**. In: VIGARELLO, Georges (org). História do Corpo: da renascença às luzes. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. Estigma: **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Disponível em:

<http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>.

Acessado em 16 de agosto de 2019.

GOLDENBERG, Mirian. **A 'Dupla moral' sexual ainda faz mulheres esconderem seus corpos e desejos**. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/12/dupla-moral-sexual-ainda-faz-mulheres-esconderem-seus-corpos-e-desejos.shtml>. Acessado em 6 de outubro de 2019.

GOLDENBERG, Mirian. **De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

GONÇALVES, Clarissa Azevedo. **O "peso" de ser muito gordo: um estudo antropológico sobre obesidade e gênero**. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/246>. Acessado em 21 de julho de 2019.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado: a sociedade da novela**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HARIJUNEN, Hannele. *Women and Fat: Approaches to The Social Study of Fatness*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – *Institute of Studies in Education, Psychology and social Research*. Universidade de Jyvaskyla, 2009.

HERTZ, Robert. **A Preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa.**

Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3131843/mod_resource/content/1/Hertz_Preemin%C3%A2ncia%20da%20m%C3%A3o%20direita.pdf. Acessado em 12 de julho de 2019.

HOSTI, Robert. *Content Analysis for the Social and Humanities*. Nova Iorque: Editora Longman Higher Education, 1969.

JODELET, Denise. *Représentation Sociale: phénomènes, concept et théorie*. In: MOSCOVICI, S. Opus cit. 1984.

LE BRETON, David. **Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LEAL, Larissa do Socorro Martins. **As várias faces das mulheres no medievo.**

Disponível em: <https://docplayer.com.br/55071619-As-varias-faces-da-mulher-no-medievo.html>. Acessado em 21 de setembro de 2019.

LIMA, Fernanda. **A Deusa Grega Perséfone**. Disponível em:

<https://www.infoescola.com/mitologia-grega/persefone/>. Acessado em 12 de dezembro de 2019.

LIMA, Raquel dos Santos Sousa e TEXEIRA, Igor Salomão. **Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX**. Disponível em:

<file:///C:/Users/Luiza%20Roure/Documents/Livros%20e%20textos%20de%20Ci%C3%A2ncias%20Sociais/Dialnet-SerMae-4740643.pdf>. Acessado em 1 de setembro de 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Memória e Identidade na Telenovela Brasileira**. Disponível em:

http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT12_ESTUDOS_DE_TELEVISAO/teplatexxiiicompos_2278-1_2246.pdf. Acessado em 20 de abril de 2019.

LUPTON, Deborah. *What is Fat Studies?*

Disponível em: <https://theconversation.com/explainer-what-is-fat-studies-63108>.

Acessado em 17 de janeiro de 2019.

MACIEIRAL, Clarice e ANDRADE, Eduardo. **O Figurino como objeto sensível na criação do espetáculo**. Disponível em:

<https://www.eba.ufmg.br/cadernodeencenacao/index.php/revista/article/view/7>.

Acessado em 21 de agosto de 2019.

MARCUZZO, Miquela; PICH, Santiago e DITTRICH, Maria Glória. **A construção da imagem corporal de sujeitos obesos e sua relação com os imperativos contemporâneos de embelezamento corporal**. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141432832012000400007&script=sci_abstract&lng=pt. Acessado em 21 de abril de 2019.

MARQUES, Janaina. **Como os figurinos ajudam a construir personagens no cinema**. Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/jornal/vidaarte/2018/02/como-os-figurinos-ajudam-a-construir-personagens-no-cinema.html>. Acessado em 13 de junho de 2019.

MATOS, Keyte Santos, ZOBOLI, Fábio e MEZZARROBA, Cristiano. **O Corpo Obeso: um corpo deficiente? Considerações a partir da mídia**. Disponível em:

http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/aceso-aberto/publicacoes/publicacoes-2012/doc_details/21-o-corpo-obeso-um-corpo-deficiente?tmpl=component. Acessado em 22 de abril de 2019.

MAUSS, Marcel. **As Técnicas do Corpo**. Disponível em:

https://monoskop.org/images/b/bb/Mauss_Marcel_1935_2003_As_tecnicas_do_corpo.pdf. Acessado em 12 de julho de 2019.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

MITRY, Jean: *Dictionnaire du cinéma*, Editora Larousse, Paris, 1963.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

NECHAR, Patricia Assuf. **Diversidade de Corpos: A Ascensão do Corpo Gordo Através das Artes, Redes Sociais e o Movimento *Plus Size***. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1009-1.pdf>. Acessado em 20 de agosto de 2019.

OLIVEIRA, Maurício. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici**.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200014. Acessado em 18 de maio de 2019.

ORBACH, Susie. **A Gordura é uma Questão Feminista**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1978.

ORTIZ, Renato. **Telenovela História e Produção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Mídia, segurança pública e representações sociais**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v21n2/v21n2a10.pdf>. Acessado em 21 de maio de 2019.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologia da Obesidade**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

PUHL, Rebecca e HEUER, Chelsia. *The Stigma of Obesity: A Review and Update*. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19165161>. Acessado em 4 de janeiro de 2019.

PUHL, Rebecca. ***Positive Media Portrayals of Obese Persons: Impact on Attitudes and Image Preferences.***

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/221810305_Positive_Media_Portrayals_of_Obese_Persons_Impact_on_Attitudes_and_Image_Preferences. Acessado em 18 de janeiro de 2019.

PUSSETTI, Chiara e BRAZZABENI, Mical. Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/etnografica/1036>. Acessado em 1 de março de 2020.

QUEIROZ, Renato e OTTA, Ema. **O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza.** São Paulo: Editora SENAC, 2000.

RANGEL, Natália. **A emergência do ativismo gordo no Brasil a partir de mulheres gordas.**

Disponível em:

http://alas2017.easyplanners.info/opc/tl/0478_natalia_fonseca_de_abreu_rangel.pdf.

Acessado em 15 de maio de 2019.

REBOUÇAS, Roberta de Almeida. **Telenovela, história, curiosidades e sua função social.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7oencontro20091/Telenovela%20historia%20curiosidades%20e%20sua%20funcao%20social.pdf>. Acessado em 21 de março de 2019.

RIBEIRO, Janine Renato. **A Etiqueta No Antigo Regime.** São Paulo: Editora Moderna, 1998.

ROSA, Suel Oliveira. **Da violência, da pureza e da ordem.** Disponível em:

<http://www.urutagua.uem.br/009/09rosa.htm>. Acessado em 21 de novembro de 2019.

ROSADO, Leonardo Coelho Corrêa. **A Telenovela Brasileira: Um Estudo histórico discursivo.** Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2017.

ROSSI, George Bedinelli. **Análise de Conteúdo**. Disponível em:
<http://www.redalyc.org/html/4717/471747342004/index.html>. Acessado em 5 de janeiro
de 2019.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou Da Educação**. São Paulo: Editora Martin Fontes, 2017.

RUCH, Emma. *I see her being obese!': Public pedagogy, reality media and the obesity crisis*.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/49734391_I_see_her_being_obese!_Public_pedagogy_reality_media_and_the_obesity_crisis. Acessado em 21 de outubro de 2019.

SANT' ANNA, Denise Bernuzzi. **Políticas do Corpo: Elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Editora Estação da Liberdade, 1995.

SANT'ANNA. Denise Bernuzzi. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2016.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **A medida da gordura. O interno e o íntimo na academia de ginástica**.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132007000100007. Acessado em 18 de setembro de 2019.

SÁ, Celso Pereira de. **Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria**.

In: SPINK, Mary Jane Pereira. O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SCOOT, Jean. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. Pensamento Feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

STENZEL, Lucia Marques. **Obesidade: o peso da exclusão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

STIMASON, Karen. *Fat Feminisms: Politics and Perspective*. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080512074722/http://www.largesse.net/feminism.html>. Acessado em 23 de janeiro de 2019.

TEATROTIC. **Conceitos Básicos de Linguagem Teatral**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/15897477/Conceitos-Basicos-de-Linguagem-Teatral>. Acessado em 15 de junho de 2019.

TRINCA, Tatiane Pacanaro. **O corpo-imagem na “cultura do consumo” uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado**. Dissertação (mestrado em sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – Unesp, 2008.

VASCONCELOS, Naumi. **Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000100004. Acessado em 12 de maio de 2019.

VIGARELLO, Georges. **As Metamorfoses do Gordo: a história da obesidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

WEBER, Max. **Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLIAMS, Apryl. *Fat People of Color: Emergent Intersectional Discourse Online*. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-0760/6/1/15>. Acessado em 12 de outubro de 2019.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2018.

YOUNG, Iris Marion. *On Female Body Experience*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.